Fotos de Gerda Goedhart

Bertolt Brecht

O círculo de giz caucasiano

UNIVERSIDADE FEDERAL
Biblioteca Comunitária
S. CARLOS

Tradução

Manuel Bandeira

Edição do texto

Christine Röhrig e Samuel Titan Jr.

10216447

Cosac & Naify

Sobrecapa: montagem de *O círculo de giz caucasiano* no teatro Städtische Bühne (Frankfurt, 1955). Foto de Günter Englert.

Der kaukasische Kreidekreis
© Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1955

Tradução e apresentação de Manuel Bandeira
© Antônio Manuel Bandeira Cardoso, 2002

"Le Cercle de craie caucasien", *Oeuvres complètes*, vol. I
© Éditions du Seuil, 1993

O círculo de giz caucasiano
© Cosac & Naify, 2002

Coleção Prosa do Mundo

Coordenação: Samuel Titan Jr.

Conselho editorial: Augusto Massi e Davi Arrigucci Jr.
Tradução: Manuel Bandeira
Edição de texto: Christine Röhrig e Samuel Titan Jr.
Preparação: Roberta Saraiva Coutinho
Revisão: Ada Santos Seles e Nelson Luís Barbosa

Capa e projeto gráfico deste volume: Raul Loureiro
Projeto gráfico da coleção: Fábio Miguez
Editoração eletrônica: Simone Rebelo

Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional)

Brecht, Bertolt, 1898-1956
Bertolt Brecht: O círculo de giz caucasiano
Título original: *Der kaukasische Kreidekreis*
São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002
Tradução: Manuel Bandeira
Coleção Prosa do Mundo – ISBN: 85-7503-104-X
216 p.
ISBN : 85-7503-132-5-volume 10 CDD 832

1. Teatro em língua germânica 2. Teatro alemão 3. Bertolt Brecht

Direitos reservados à
Cosac & Naify Edições
Rua General Jardim, 770 – 2º andar
01223-010 – São Paulo – SP
Tel.: (55 11) 3218-1444
Fax: (55 11) 3257-8164
info@cosacnaify.com.br
www.cosacnaify.com.br
Atendimento ao professor: (55 11) 3218-1466

INTRODUÇÃO

Prefácio, 9

Apresentação por Manuel Bandeira, 19

Programa do Teatro Nacional de Comédia, 21

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO, 35

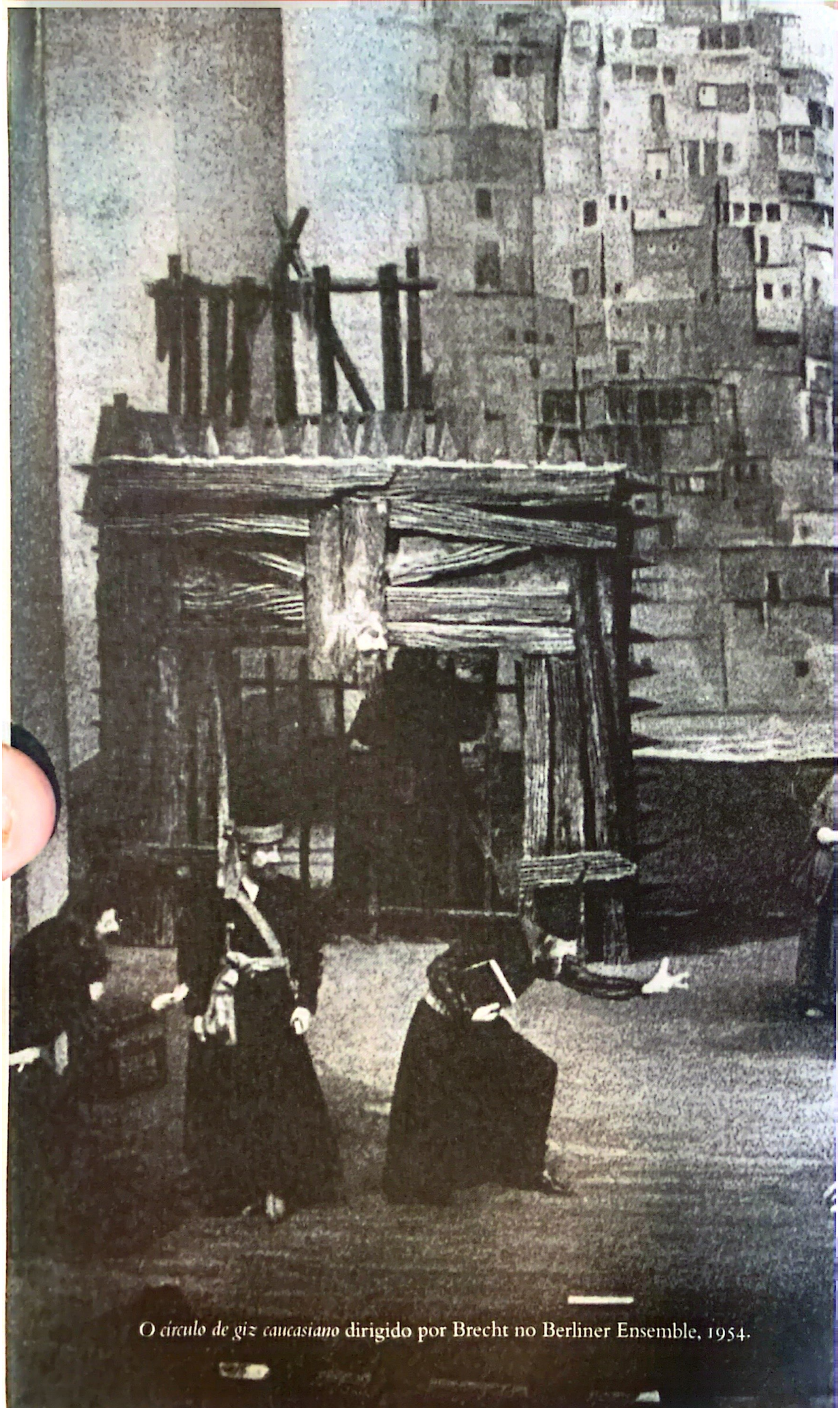
APÊNDICE

Aos que vierem depois de nós por Bertolt Brecht, 193

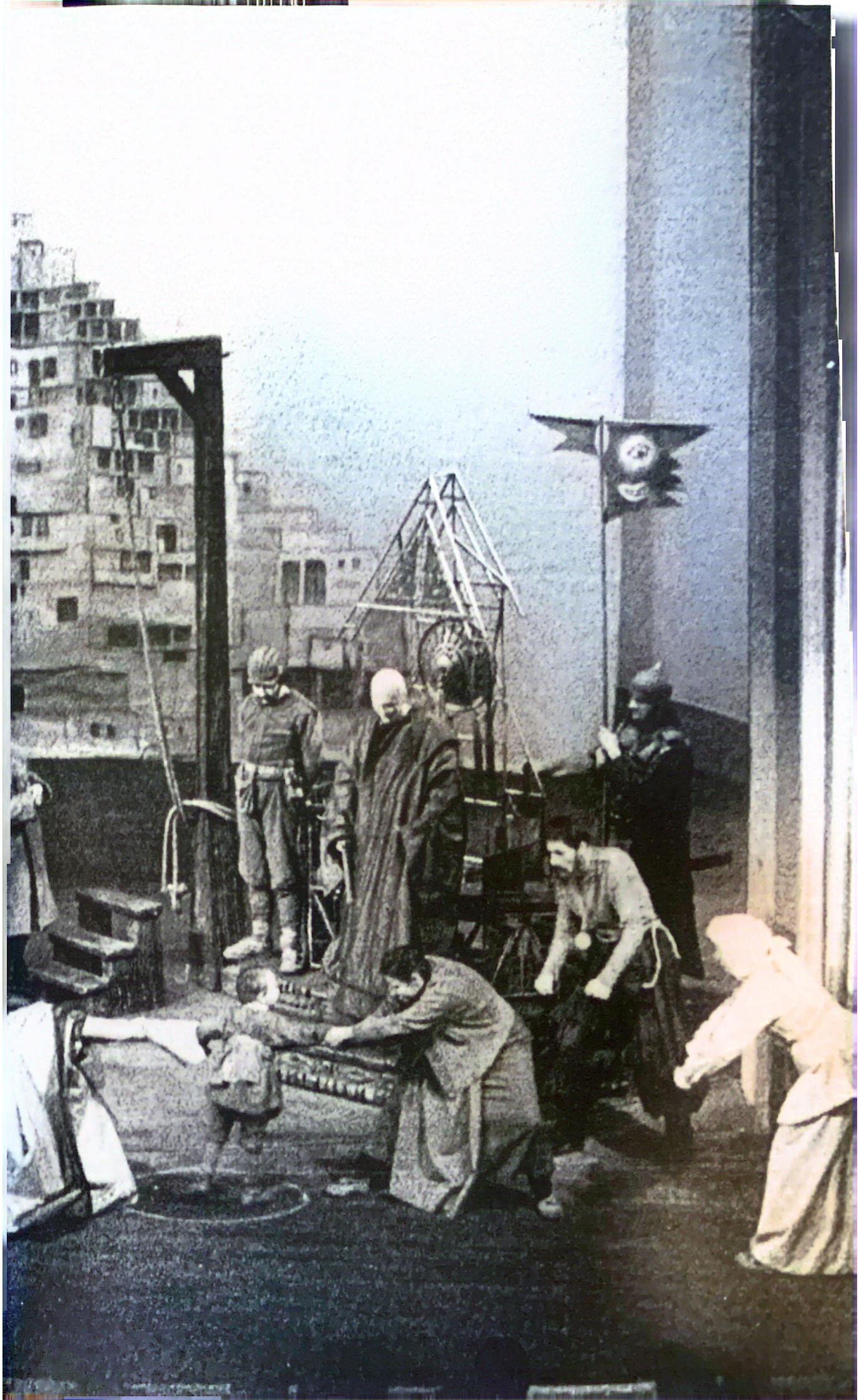
Do Diário de trabalho de Brecht, 199

O círculo de giz caucasiano por Roland Barthes, 205

Sugestões de leitura, 211



O círculo de giz caucasiano dirigido por Brecht no Berliner Ensemble, 1954.



Data 21/06/2010
Proc. 09/16573-04
Emp. FAP. LIVROS VI
Liv. Curitiba
Fls 36,08
39393
DL
Clas. G792.0943
Cult. B829c
ex. 1
Tombo 216447

Brecht com Helene Weigel no Berliner Ensemble em 1º de maio de 1951.

Prefácio por Christine Röhrig e Samuel Titan Jr.

> "*O círculo de giz* tem, pela profundeza de pensamento, pela solidez da estrutura, pela beleza formal, pela extraordinária vida insuflada às personagens, a grandeza shakespeariana [...]."
>
> *Manuel Bandeira*

Durante trinta anos, a tradução que agora vem a público levou uma existência exígua, confinada às vagas lembranças de admiradores de Manuel Bandeira e a uma nota em *Estrela da vida inteira*. Nesse volume, lê-se que, no ano de 1963, estreava no Teatro Nacional de Comédia do Rio de Janeiro uma encenação de *O círculo de giz caucasiano*, de Bertolt Brecht, com texto vertido pelo poeta brasileiro. Não era a primeira vez que Bandeira colaborava com o palco, e várias de suas traduções teatrais chegaram a circular em forma de livro. Não foi assim com *O círculo de giz*, por razões que não pudemos esclarecer: o texto não foi publicado após a encenação, a despeito do interesse que Bandeira teria dedicado à encomenda. Rezava a lenda que ele teria declarado Brecht o único dramaturgo moderno comparável a Shakespeare, o que certamente não era pouco, vindo de um tradutor de clássicos como Juana Inés de la Cruz, Schiller e o próprio Shakespeare.

Uma história dessas já bastaria, por si só, para despertar o interesse de qualquer editor. Contudo, não teríamos ido muito

além disso se, em meados de 2001, Pepê da Mata Machado, músico e devoto de Bandeira, não tivesse localizado uma cópia da tradução na biblioteca do Museu Lasar Segall, em São Paulo. Com generosidade, Mata Machado comunicou o achado ao Prof. Davi Arrigucci Jr, do conselho da coleção Prosa do Mundo. Augusto Massi, igualmente membro do conselho, dirigiu-se ao museu – que mantém um grande arquivo de peças teatrais, boa parte inéditas –, onde o diretor, Marcelo Araújo, e os bibliotecários Maria Cecília Soubhia e Paulo Pina prontamente localizaram não só os originais da tradução, como ainda o programa do espetáculo de 1963.

A cópia depositada no Museu Lasar Segall é uma tradução integral da peça. Aparentemente não foi datilografada pelo próprio Bandeira, tantas são as incorreções ortográficas. É de supor que tenha sido feita para circular entre membros do elenco ou da produção. Contudo, para nossa infelicidade, faltavam-lhe duas páginas. O que fazer? Seria bem o caso de publicar o texto de Bandeira, inserindo traduções utilitárias dos trechos perdidos. Teríamos feito isso, se os bibliotecários do Lasar Segall não tivessem sugerido que procurássemos outra cópia nos arquivos da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT. Entramos em contato com a pesquisadora Patrícia de Sá Freire Ferreira, que vasculhou esses arquivos, atualmente depositados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O resultado ultrapassou a expectativa. Nossa colaboradora encontrou uma segunda cópia da tradução, virtualmente idêntica à primeira, às vezes mais legível e, sobretudo, com as páginas que nos faltavam. Além disso, conseguiu levantar uma enorme documentação de época – fotos de cena, resenhas, anúncios de jornal – nos arquivos da Funarte, parte da qual é reproduzida nesta edição.

Escrevemos então ao sr. Antônio Manuel Bandeira Cardoso, sobrinho e herdeiro do poeta, que se mostrou surpreso e solícito diante da notícia. Uma vez obtida sua autorização, e de posse do texto completo (ainda que em estado bruto), pudemos finalmente meter mãos à obra no trabalho de edição.

Como a tradução de Bandeira, a peça de Brecht teve uma história razoavelmente atribulada. Ainda na década de 1920, o dramaturgo travou conhecimento com o tema (certamente análogo ao do julgamento salomônico em 1 Reis 3, 16-28) ao ler uma peça chinesa do século XIII, *O círculo de giz*, na tradução de Klabund (pseudônimo de Alfred Henschke). Entre outras liberdades, essa tradução transformava o *risco* de giz do original no *círculo* do título; mesmo assim, causou impressão em Brecht, que a relembraria cerca de dez anos mais tarde, num artigo panorâmico sobre o teatro alemão antes de Hitler.[1] O motivo aparece no entreato de *Um homem é um homem*, peça de 1924-26, mas só se torna objeto da atenção detida de Brecht no final da década seguinte. Em 1938-39, exilado na Dinamarca, ele rascunha uma versão do *Círculo de giz* que conjugava os temas chineses a um episódio da história dinamarquesa e fazia da figura do juiz o eixo da ação. O projeto não vai muito longe, talvez por conta do esforço de escrever *Mãe Coragem* e *Galileu*. De qualquer modo, em janeiro de 1940, já na Suécia, Brecht redige *Der Augsburger Kreidekreis* ("O círculo de giz

1 "Das deutsche Drama vor Hitler", in *Schriften 2*, *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe* (Berlim/Frankfurt: Aufbau/Suhrkamp, 1991), vol. 22, p. 164. É possível que Brecht tenha conhecido uma outra versão, filologicamente mais fiel, devida a Alfred Forke e publicada em 1927.

de Augsburg"), deslocando a ação para a Alemanha da Guerra dos Trinta Anos, apresentada como guerra de classes que antecipa a Segunda Grande Guerra então em curso.

Em março de 1944, sempre exilado, mas agora nos Estados Unidos, Brecht consegue fechar, por intermédio da atriz Luise Rinser, um contrato com produtores da Broadway em torno do tema do círculo de giz. Não bastasse o novo e inesperado "cliente", a peça ganha novas conotações. A primeira é de ordem biográfica: durante essa estadia em Nova York (entre novembro de 1943 e março de 1944), Brecht concebe um filho com sua colega Ruth Berlau. A criança, que deveria receber o nome de Michel (como a criança d'*O círculo de giz*), nasceu em setembro de 1944, mas morreu poucos dias depois. Assim, é razoável imaginar que Brecht tenha tido na amiga sua leitora preferencial. Por outro lado, o fato não bastaria para explicar a gênese da peça ou da figura de Grucha, como já se quis.

O segundo aspecto é de ordem histórica e compositiva. Brecht desloca a ação inteira para o Cáucaso. A escolha não é arbitrária, como pode parecer à primeira vista; ao contrário, a alusão era bastante óbvia, pois a cordilheira marcara o limite do avanço hitlerista sobre a Rússia soviética. Data igualmente de então o prólogo atualíssimo, em que delegados de dois colcozes discutiam sobre os rumos a tomar na reconstrução pós-guerra. A trama em torno do círculo de giz tornava-se uma peça dentro da peça, o que conferia relevância presente à história ambientada na Geórgia medieval. Isso, entretanto, não devia garantir-lhe um caráter *exemplar*; Brecht temia essa leitura conservadora da peça, que faria do passado o metro para as decisões prementes:

> "*O círculo de giz caucasiano* não é uma parábola. O prólogo pode induzir ao erro, uma vez que a fábula é contada para que se elucide a disputa pela posse do vale. Contudo, vista mais de perto, a fábula se revela como narrativa autônoma, que não prova nada em si mesma e apenas demonstra uma espécie de sabedoria, uma atitude que pode ser modelar para a disputa atual (...)."[2]

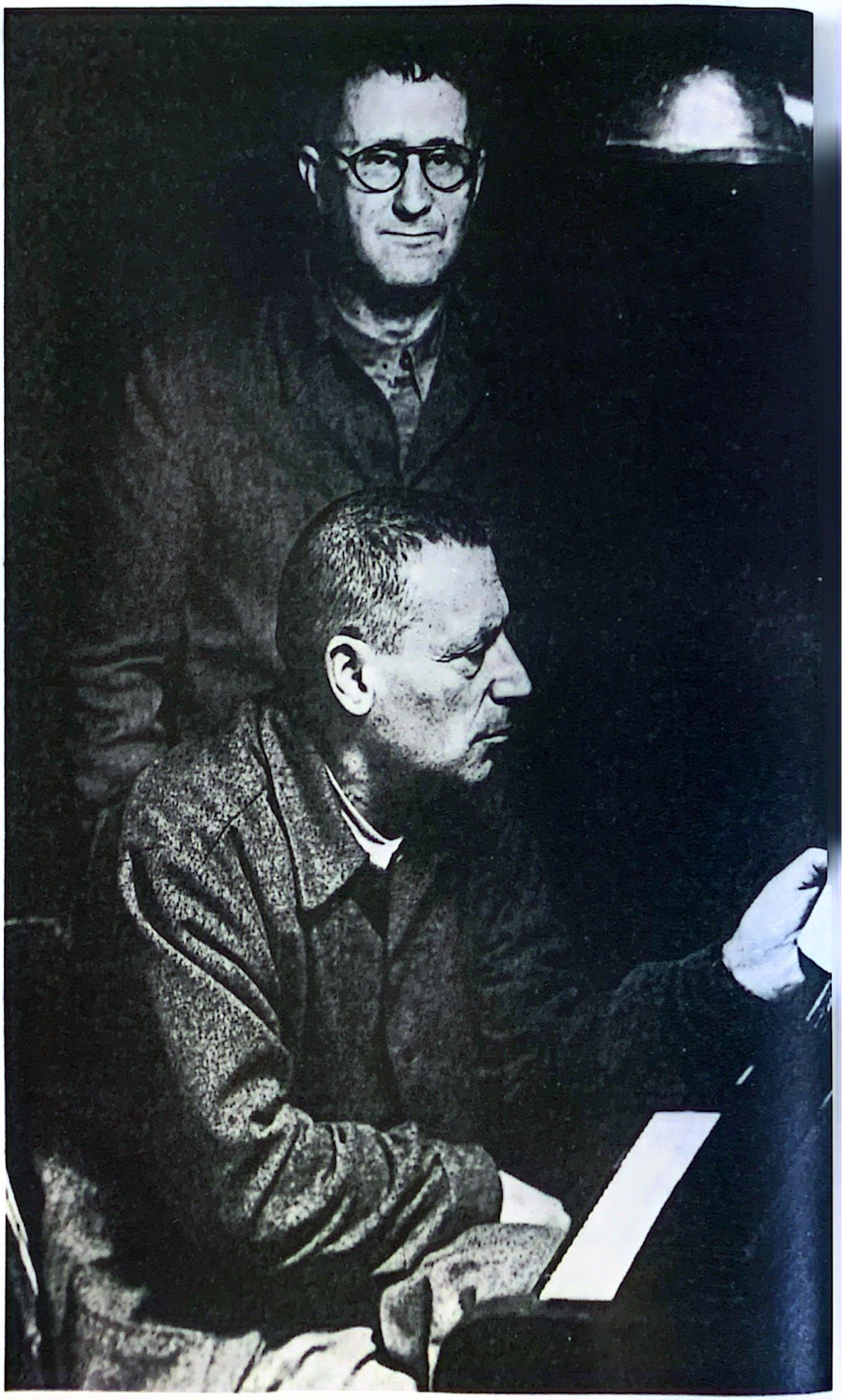
O trabalho mais intenso n'*O círculo de giz* se dá no primeiro semestre de 1944, prolongando-se, porém, por conta das dificuldades com os protagonistas, Azdak e Grucha. Brecht sente-se insatisfeito com a bondade abstrata desta última, ao mesmo tempo que se queixa da falta de fundamento social para os veredictos do primeiro. Chega a escrever que, no momento em que toma a criança a seus cuidados, Grucha age como "*sucker*", como "otária".[3] Suas dúvidas e cogitações estão registradas no *Diário de trabalho*, e os trechos relevantes podem ser lidos no apêndice a este volume.

A montagem na Broadway jamais aconteceu. As divergências entre Brecht e seus produtores logo se mostraram incontornáveis, tanto em vista do caráter problemático dos heróis quanto pelo ritmo "esgarçado" demais. Num texto da época, Brecht queixa-se do dogma do ritmo econômico e galopante: "o gosto de narrar é aniquilado pelo medo à falta de efeito".[4] Ainda assim, a estréia de *O círculo de giz* se dá nos Estados Unidos, mais precisa-

2 "Der Kreidekreis", in *Schriften 4*, *ed. cit.*, vol. 24, p. 342.

3 "Der Hintergrund und der Vordergrund", in *Schriften 4*, *ed. cit.*, vol. 24, p. 342-3. Quanto a Azdak, Brecht não hesita em compará-lo a vultos shakespearianos: Azdak é "um revolucionário decepcionado que se faz de maltrapilho, como em Shakespeare os sábios fazem papéis de tolos" – cf. "Rat für die Besetzung des Azdak", in *Schriften 4*, *ed. cit.*, vol. 24, p. 345.

4 "Die Spannung", in *Schriften 4*, *ed. cit.*, vol. 24, p. 341.



Bertolt Brecht com Paul Dessau, 1951.

mente no Nourse Little Theatre de Northfield, Minnesota, por obra de uma trupe universitária, os Carleton Players, sob direção de Henry Goodman. A tradução estivera a cargo de Eric e Maja Bentley, a música era assinada por Katherine Griffith.

A estréia alemã teria que esperar por quase uma década. Em 1949, com a fundação do Berliner Ensemble, Brecht volta a mobilizar-se para a montagem do *Círculo* – que lhe parece desde já destinada a tornar-se peça do repertório estável da trupe. Os ensaios começam em 1953. Os cenários são desenhados por Karl von Appen; a música é confiada a Paul Dessau, que concebe a peça como uma ópera épica, à altura da *Ópera de Três Vinténs*.[5] A estréia acontece no Theater am Schiffbauerdamm, em 7 de outubro de 1954. Na Alemanha Ocidental, a primeira apresentação se dá no Städtische Bühne de Frankfurt, sob direção de Harry Buckwitz e cenário de Teo Otto, em 28 de abril de 1955, mesmo ano em que o Berliner Ensemble viaja em turnê a Paris, onde a peça suscita o entusiasmo de Roland Barthes, crítico de teatro de confissão brechtiana.[6]

5 Sobre o caráter épico, no sentido brechtiano do termo, vale lembrar que o dramaturgo previa que os músicos e o recitante estivessem sempre em cena, narrando e enquadrando a ação – cf. "Der Schauplatz des Stückes", in *Schriften 4*, ed. cit., vol. 24, p. 343. *En passant*: reza outra lenda que, no final da década de 60, Leonard Bernstein teria começado a trabalhar numa partitura para *O círculo de giz*.

6 No apêndice a este volume, está reproduzida a crítica que Barthes publica então. Além disso, na página de abertura de cada quadro, o leitor encontrará desenhos do polonês Tadeusz Kulisiewicz, que Brecht encomenda para a turnê parisiense e que se encontram reunidos in Tadeusz Kulisiewicz, *Zeichnungen zur Inszenierung des Berliner Ensembles. Bertolt Brecht: Der kaukasische Kreidekreis* (Berlim: Henschelverlag, 1956).

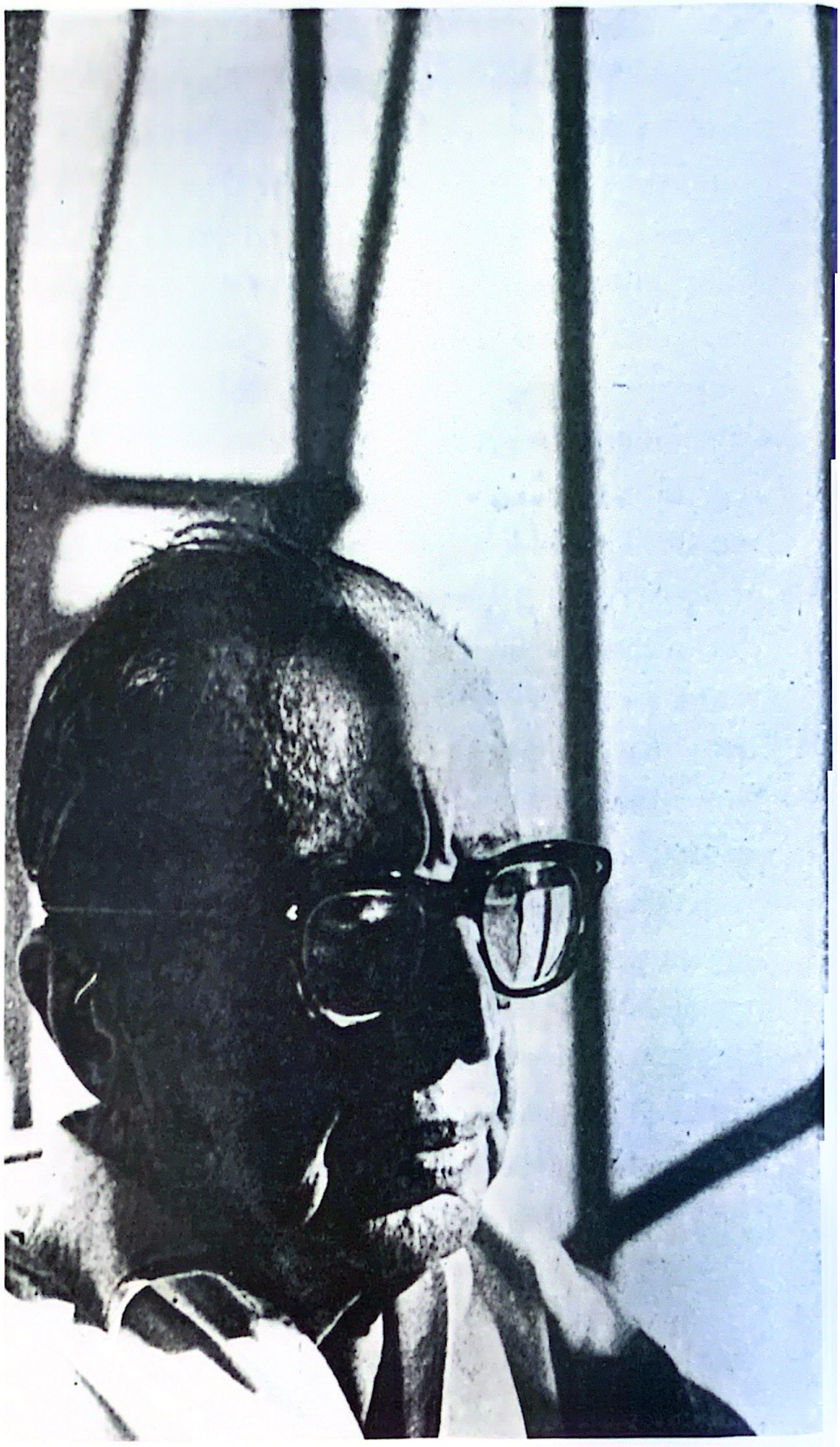
A tradução que publicamos foi encomendada a Bandeira com vista a sua produção no Teatro Nacional de Comédia do Rio de Janeiro. A montagem, dirigida por José Renato, estreou naquela casa em agosto de 1963. Quase todas as resenhas de época sublinham o caráter ambicioso do espetáculo, com elenco numeroso e cenários cuidados. Uma pequena nota de agradecimento no programa da peça sugere que houve algum contato entre os encenadores cariocas e o Berliner Ensemble, especialmente no que toca à música de Dessau; mas o uso de máscaras na produção brasileira (como na estréia alemã de 1954) é indício de que o intercâmbio foi maior. Infelizmente, não pudemos levantar outros dados – até porque a bibliografia brasileira sobre Brecht não informa nada a respeito.

Nosso trabalho de edição procurou interferir minimamente no texto de Bandeira. Corrigimos deslizes datilográficos, atualizamos a ortografia, padronizamos o uso de nomes próprios e, após um cotejo minucioso com o original alemão, inserimos entre chaves < > os poucos e pequenos trechos omitidos por Bandeira que nos pareceram essenciais à compreensão da peça.

A naturalidade vernácula da tradução é impressionante. Brecht instala-se na língua portuguesa sem maiores embaraços, como se não tivesse exigido grande coisa das habilidades do tradutor – "facilidade" que, de resto, é marca de toda a poesia de Bandeira. O leitor não tropeça em termos castiços, o tradutor não recorre a construções arrevesadas para verter trechos particularmente compactos do original, a língua falada dá o tom geral – o que, imagina-se, deve ter contribuído para o efeito cênico da montagem. Algumas soluções são notáveis. Quando a Mulher Gorda exclama "*Ogottogottogott*" (ou "Meudeusmeudeusmeudeus"), Bandeira escreve "Virgemaria! Virgemaria!"; noutras passagens,

traduz *Groschen* ("vintém") por "tuta-e-meia", "*Seinesgleichen*" ("os seus", "sua laia") por "igualha", "*Kopf ab!*" ("Cortem a cabeça!") por "Cortem a cachola", e não hesita diante de verbos como "chimpar", "moitar", "espiritar", "cascar". Cita ainda provérbios como "tudo como dantes no quartel de Abrantes" e, a certa altura, pergunta: "Morou?". Por fim, a versão de Bandeira para as canções de Azdak é notável e poderia muito bem figurar em suas antologias de poemas traduzidos.

Dito isso, muito fica por esclarecer. É de imaginar que, aceitando o encargo nos meses de efervescência e radicalização social anteriores ao golpe de março de 1964, o poeta quase octogenário fazia mais que cuidar do pão de cada dia. A ser assim, a disposição e o entusiasmo do tradutor, patentes no texto final, terão, à maneira discreta e firme que lhe era própria, a força de uma chancela, de uma vontade de sublinhar o vigor literário de um dramaturgo sempre polêmico. A hipótese parece-nos confirmada pelo texto que Bandeira escreve para o programa da peça, que vale por uma promoção de Brecht à condição de um *clássico moderno*. Não bastasse isso, traduz para esse mesmo folheto humilde um dos poemas mais famosos de Brecht, escrito no final da vida, "Aos que vierem depois de nós". Quem sabe aludia assim a uma afinidade mais profunda do que a opinião corrente fariam supor? É o que o leitor logo poderá julgar, como testemunha privilegiada desse encontro de dois grandes poetas.



Manuel Bandeira, foto do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, 1966.

Apresentação[1] por Manuel Bandeira

Quando fui convidado por Edmundo Moniz a traduzir a peça *Der kaukasische Kreidekreis* de Bertolt Brecht, aceitei o convite mais para comprazer ao amigo. Não imaginava que ia ter um dos maiores gozos intelectuais que já me proporcionou a minha atividade de tradutor. O mesmo gozo que tive traduzindo o *Macbeth* de Shakespeare, porque *O círculo de giz* é coisa verdadeiramente shakespeariana. Disse-o a um amigo letrado, que vira a peça em Paris, e ele corrigiu-me: "Não é shakespeariana, é brechtiana". De fato: *O círculo de giz* tem, pela profundeza de pensamento, pela solidez da estrutura, pela beleza formal, pela extraordinária vida insuflada às personagens, a grandeza shakespeariana, mas sem prejuízo da originalidade, e por esta é eminentemente brechtiana.

Uma lenda chinesa, a mesma história do juízo de Salomão, inspirou a Brecht esta peça, cujo peso maior repousa em Grucha, a pobre moça que com sobre-humanos sacrifícios, inclusive o do seu amor ao soldado Chachava, salva, por ocasião de uma

1 Texto de apresentação no programa da montagem do Teatro Nacional de Comédia (Rio de Janeiro, 1963). [N. E.]

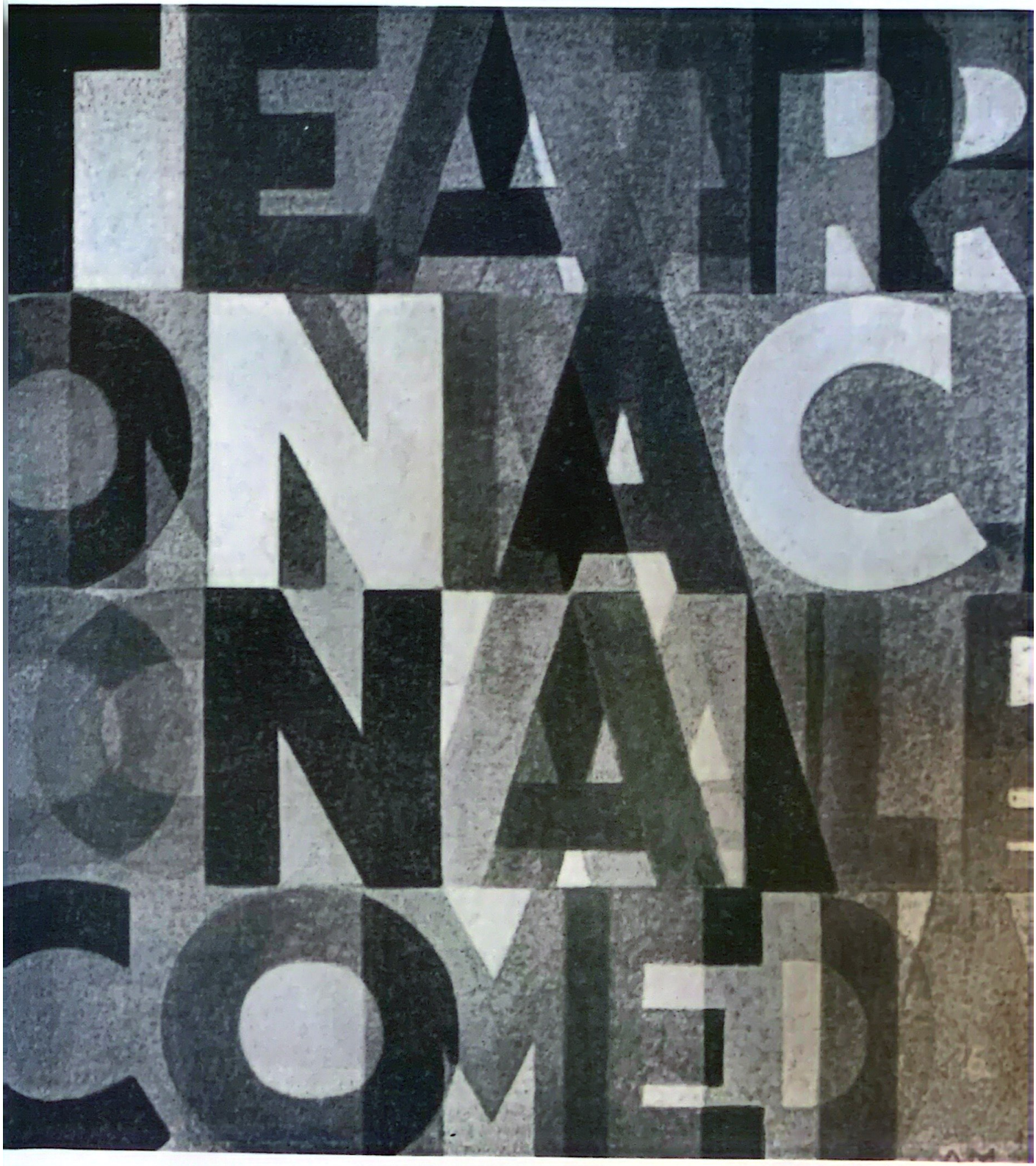
revolta política, a vida do filhinho do Governador assassinado, e em Azdak, o "juiz dos pobres", pobre diabo beberrão e corrupto, que no entanto cria em pleno caos uma curta idade de ouro na justiça caucasiana.

Grucha, a mãe de criação, e a viúva do Governador, a mãe de sangue, disputam o pequeno Miguel. A mãe de sangue abandonara o petiz no "fuja quem puder" da revolta, mas restabelecida a ordem social reivindica-o. Azdak resolve o caso mandando traçar no chão um círculo de giz e colocando no centro o menino, que as duas mães, cada uma segurando-o por uma das mãos, devem puxar para fora do círculo e para o seu lado. Grucha perde, porque não queria machucar a criança empregando toda sua força. Mas Azdak, o juiz dos pobres, o cínico, o beberrão, o corrupto, compreende que quem merece ficar com o menino é Grucha, das duas mulheres a verdadeiramente maternal. A moral da peça é que as coisas devem caber àqueles que são bons para elas:

As crianças, às maternais, para que sejam bem cuidadas;
Os carros, aos bons cocheiros, para que sejam bem conduzidos;
E os vales, aos que possam trazer água para eles, a fim de que se tornem produtivos.

Ao longo de toda a peça há um recitante e um coro, que ora cantando, ora declamando, comentam a ação ou exprimem os sentimentos que agitam a alma das personagens nos momentos em que estas não estão falando. Nestas passagens, mais formalmente, se revela o grande poeta que foi Bertolt Brecht.

O círculo de giz é realmente uma obra-prima do teatro moderno.


TEATR
ONAC
NAL
COMED

Encenação no TNC, 1963. Renée Bel, Alberico Bruno, Luiz Moreno e Achilles Netto. CEDOC/Acervo FUNARTE.

"O CIRCULO DE GIZ"

1 PRÓLOGO E 5 QUADROS (1 SÓ INTERVALO ENTRE 3.º E 4.º QUADRO)

AUTOR :	**BERTOLT BRECHT**
TRADUTOR :	**MANUEL BANDEIRA**
DIRETOR :	**JOSÉ RENATO**
CENÓGRAFO e FIGURINISTA :	**ANISIO MEDEIROS**
MÚSICA DE :	**PAUL DESSAU**
DIREÇÃO MUSICAL :	**GENI MARCONDES**
COLABORAÇÃO NAS DANÇAS	**MYDA SALA PACHECO**
CONFECÇÃO DAS MÁSCARAS	**DIRCEU NERY**
CONFECÇÃO DOS CHAPÉUS :	**DINORAH BRILLANTI — ATILA LOUZADA E DIRCEU NERY**
ASSISTENTE DE DIREÇÃO :	**CELSO CARDOSO**
EXECUÇÃO DOS FIGURINOS :	**ZILDA QUADROS**
EXECUÇÃO DOS CENÁRIOS :	**SILVIO COUTO**
MÚSICOS :	
CLARINETA	**WILFRIED KARL BERK**
FLAUTA	**ODETTE ERNEST — LEANDRO REIS**
TROMPETE	**JOSÉ GUAGLIARDI**
PIANO	**M.ª ALICE RIBEIRO COELHO**
BATERIA	**JORGE RIBEIRO DA SILVA**
CONTRA REGRA :	**MARIO FIGUEIREDO E JORGE DE CARVALHO**
ELETRICISTA :	**ANTONIO MORAIS**
SECRETÁRIO E ASSISTENTE DE PRODUÇÃO :	**CID LEITE DA SILVA**

"PRÓLOGO"

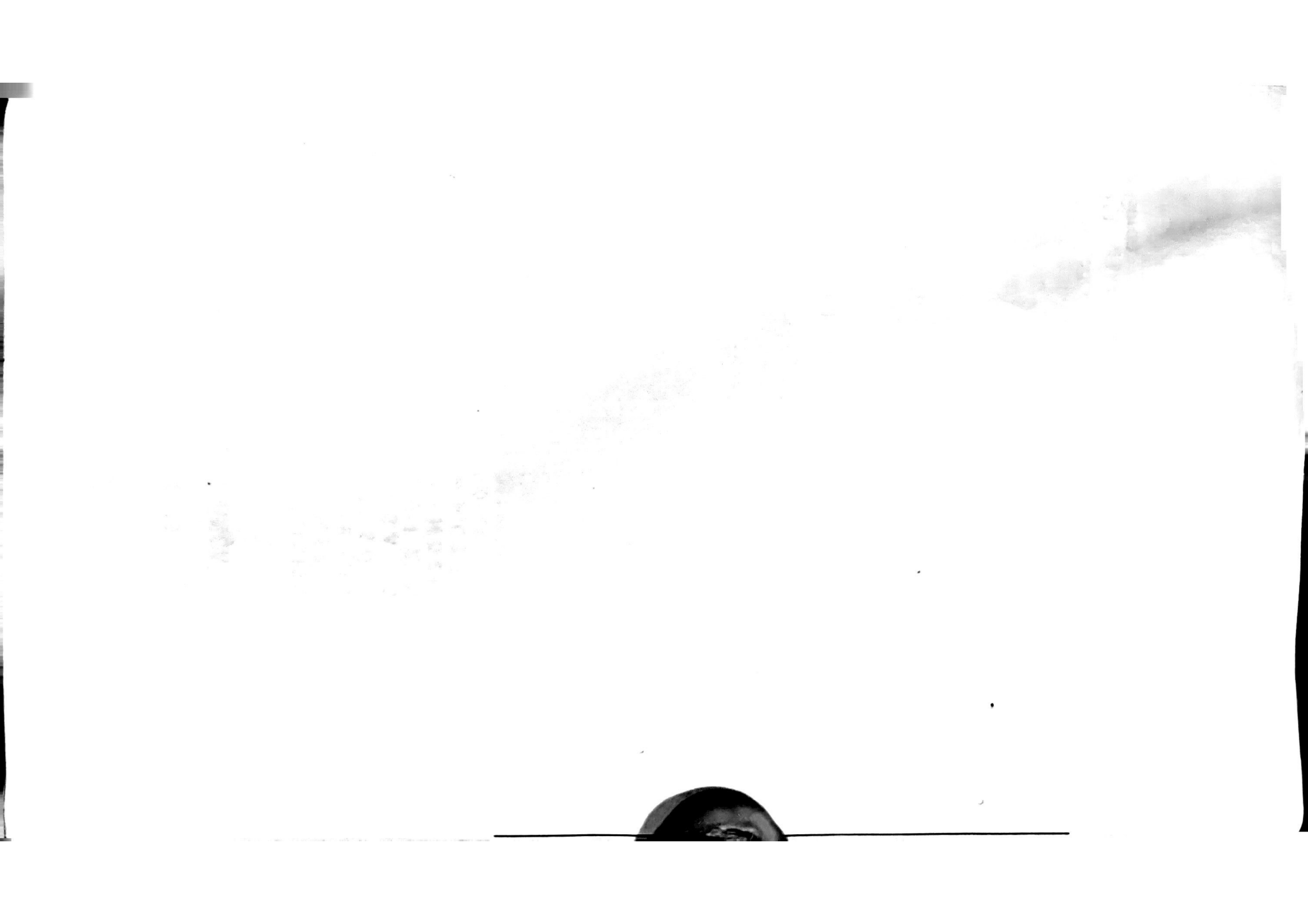
Camponesa à esquerda	RENÉE BELL
Velho Camponês à direita	MODESTO DE SOUZA
Môça tratorista	ALZIRA CUNHA
Perito	LUIZ LINHARES
Soldado ferido	ANTONIO GANZAROLLI
Catarina, A Agrônoma	MARGARIDA REY
Velho à esquerda	FERREIRA MAYA
Camponesa à direita	LICIA MAGNA
Operário	OSWALDO LOUZADA
Operário	CELSO CARDOSO
Arkadi, o cantor	FRANCISCO MILANI
Músico 1.º	ALMIR SIQUEIRA
Músico 2.º	JOSÉ DAMASCENO
	BEATRIZ VEIGA
	MILTON VILLAR
	ALBERICO BRUNO
	LUIZA CAMARGO
	IRIS SENNA
	RUTH MEZECK
	YARA VICTORIA
	WALTER TOBIAS
	AGUINALDO ROCHA
	OLYNDO CAMARGO
	DENOY DE OLIVEIRA
	LUIZ MORENO
	MANOEL MARTINS

Encenação no TNC, 1963. Ao centro, Margarida Rey e José Maria Monteiro. Foto de José Medeiros. CEDOC/Acervo FUNARTE.

Primeiro Quadro

"A AUGUSTA CRIANÇA"

Recitante	FRANCISCO MILANI
Músico 1.º	ALMIR SIQUEIRA
Músico 2.º	JOSÉ DAMASCENO
Mendigos	CELSO MARQUES
	ROSA SANDRINI
	LUIZ MORENO
	MANOEL MARTINS
	WALTER TOBIAS
	EDMÉIA CAVALCANTI
Solicitantes	OLEGARIO DE HOLANDA
	LUIZA CAMARGO
	RUTH MEZECK
	SIDALIA SALLES
Couraceiro 1	AGUINALDO ROCHA
Couraceiro 2	OLYNDO CAMARGO
Couraceiro 3	DENOY DE OLIVEIRA
Couraceiro 4	ACHILLES NETTO
Governador	ALBERICO BRUNO
Mulher do Governador	MARGARIDA REY
Chalva, oficial de ordenança	MILTON VILLAR
Ama do Carrinho	YARA VICTORIA
Governante	IRIS SENNA
Príncipe gordo	JOSÉ MARIA MONTEIRO
Emissário da Capital	RODOLFO ARENA
Médico 1	ANTONIO GANZAROLLI
Médico 2	CELSO CARDOSO
Grucha	BEATRIZ VEIGA
Simão Chachava	OSWALDO LOUZADA
Arquiteto 1	ROFRAN FERNANDES
Arquiteto 2	OTONIEL SERRA
Môço da estrebaria	CELSO MARQUES
Criada cozinheira	YARA VICTORIA
Criado cozinheiro	MANOEL MARTINS
Criado carregador 1	OLEGARIO DE HOLANDA
Criado carregador 2	WALTER TOBIAS
Camareira	LUIZA CAMARGO
Criada Gorda	RUTH MEZECK



Segundo Quadro

"A FUGA PARA AS MONTANHAS DO NORTE"

Velho camponês	FERREIRA MAYA
Senhora mais velha	LICIA MAGNA
Senhora mais môça	ALZIRA CUNHA
Hoteleiro	MODESTO DE SOUZA
Criado	LUIZ MORENO
Caporal	DENOY DE OLIVEIRA
"Cabeça de Pau"	ACHILLES NETTO
Camponesa	RENÉE BELL
Camponês	RODOLFO ARENA
Homem mercador 1	ROFRAN FERNANDES
Homem mercador 2	MILTON VILLAR
Mulher mercadora	RUTH MEZECK

Terceiro Quadro

"NAS MONTANHAS DO NORTE"

Laurenti	LUIZ LINHARES
Criado de Laurenti	OTONIEL SERRA
Aniko	ALZIRA CUNHA
Sogra	MARGARIDA REY
Iussup	PAULO SERRADO
Frade	RODOLFO ARENA
Convidados	SIDALIA SALLES
	CELSO CARDOSO
	OLYNDO CAMARGO
	CARMEN PALHARES
	LUIZA CAMARGO
	ANTONIO GANZAROLLI
Couraceiros	AGUINALDO ROCHA
	ACHILLES NETTO

INTERVALO

Encenação no TNC, 1963. Alberico Bruno e Olyndo Camargo.
Foto de José Medeiros. CEDOC/Acervo FUNARTE.

Quarto Quadro

"A HISTORIA DO JUIZ"

Azdak	ALBERICO BRUNO
Fugitivo (Grão duque)	ROFRAN FERNANDES
Schauwa, o policial	RODOLFO ARENA
Couraceiros	AGUINALDO ROCHA
	OLYNDO CAMARGO
	ACHILLES NETTO
	DENOY DE OLIVEIRA
Sobrinho	ANTONIO GANZAROLLI
Inválido	MODESTO DE SOUZA
Médico	CELSO CARDOSO
Coxo	OLEGARIO DE HOLANDA
Chantagista	CELSO MARQUES
Estalajadeiro	LUIZ LINHARES
Cavalariço	OTONIEL SERRA
Ludovica	IRIS SENNA
Proprietário 1	ROFRAN FERNANDES
Proprietário 2	LUIZ MORENO
Proprietário 3	MANOEL MARTINS
Velha camponesa	RENÉE BELL
Povo:	FERREIRA MAYA
	ROSA SANDRINI
	EDMÉIA CAVALCANTI
Irakli, o bandido	WALTER TOBIAS

Encenação no TNC, 1963. Ao centro, Alberico Bruno, Rodolfo Arena e Paulinho.
Foto de José Medeiros. CEDOC/Acervo FUNARTE.

Quinto Quadro

"O CÍRCULO DE GIZ"

Couraceiros	OLYNDO CAMARGO AGUINALDO ROCHA ACHILLES NETTO DENOY DE OLIVEIRA
Miguel	N. N. (*)
Cozinheira	YARA VICTORIA
Advogado: Illo Shuboladze	ANTONIO GANZAROLLI
Advogado: Sandro Oboladze	PAULO SERRADO
Proprietário 1	ROFRAN FERNANDES
Proprietário 2	MANOEL MARTINS
Proprietário 3	LUIZ MORENO
Cavaleiro, portador de novidades	CELSO MARQUES
Velho do divórcio	FERREIRA MAYA
Velha do divórcio	EDMÉIA CAVALCANTI

* A CRIANÇA VARIA DIARIAMENTE PARA ATENDER A SOLICITAÇÃO DO JUIZADO DE MENORES

O círculo de giz caucasiano

Helene Weigel no papel de Natella Abaschvíli – Berliner Ensemble, 1954.

PERSONAGENS

Do colcós Galinsk:

UM VELHO CAMPONÊS

UMA CAMPONESA

UM JOVEM OPERÁRIO

Do colcós Luxemburgo:

UMA MOÇA TRATORISTA

UM SOLDADO FERIDO

UM VELHO CAMPONÊS

CATARINA WACHTANG, agrônoma

O PERITO DA COMISSÃO DE ESTADO PARA A RECONSTRUÇÃO

ARKADI TSCHEIDZE, cantor recitante

MÚSICOS

GEORGI ABASCHVÍLI, Governador

NATELLA ABASCHVÍLI, sua mulher

MIGUEL ABASCHVÍLI, seu filho

CHALVA, oficial de ordenança

PRÍNCIPE GORDO, Arsen Kazbeki

NIKO MIKADZE E MIKHA LOLADZE, médicos

SIMÃO CHACHAVA, soldado

GRUCHA VACHNADZE, ajudante de cozinheira

TRÊS ARQUITETOS

ASSJA, SULIKA, A GORDA NINA, camareiras

MACHA, governanta do filho do Governador

COZINHEIRA

COZINHEIRO

MOÇO DA ESTREBARIA

COURACEIROS E SOLDADOS do Governador e do Príncipe Gordo

MENDIGOS E SOLICITANTES

VELHO, camponês leiteiro

HOTELEIRO

DUAS SENHORAS DE DISTINÇÃO

CHOTA, brigadeiro dos couraceiros

CAPORAL

UM CAMPONÊS E SUA MULHER

LAURENTI VACHNADZE, irmão de Grucha

ANIKO VACHNADZE, cunhada de Grucha

IUSSUP, camponês casado com Grucha

A MÃE DE IUSSUP

FRADE

AZDAK, escrivão público

SCHAUVA, polícia

O GRÃO-DUQUE

BIERZEGAN KAZBEKI, sobrinho do Príncipe Gordo

MÉDICO

INVÁLIDO

COXO

MESTRE CANTOR

ESTALAJADEIRO

CHANTAGISTA

LUDOVICA

CAVALARIÇO

TRÊS RICOS CAMPONESES, proprietários

UMA VELHA CAMPONESA

IRAKLI, bandido

UMA COZINHEIRA

ILLO SCHUBOLADZE, advogado

SANDRO OBOLADZE, advogado

UM CASAL MUITO IDOSO

MENDIGOS

SOLICITANTES

SOLDADOS

COURACEIROS

SERVIDORES

CRIANÇAS

Prólogo

O VALE EM LITÍGIO

Entre as ruínas de uma aldeia bombardeada do Cáucaso estão sentados em círculo, bebendo vinho e fumando, os habitantes de duas aldeias colcosianas. São na maioria mulheres e homens de certa idade; misturados com eles, alguns soldados e um Perito da Comissão de Estado para Reconstrução, vindo da capital.

CAMPONESA *à esquerda, apontando a paisagem* Ali em cima dos morros nós aprisionamos três tanques de Hitler, mas a plantação de macieiras estava já destruída.

VELHO CAMPONÊS *à direita* Nossa granja tão bonita! Agora só ruínas!

MOÇA TRATORISTA *à esquerda* Fui eu que ateei fogo, camarada.

Um silêncio

O PERITO Ouçam agora a leitura do processo-verbal: "Uma delegação do colcós Galinsk, colcós de criadores de cabras, chegou a Nukha. Por ordem das autoridades, esse colcós tinha, por ocasião do avanço do exército hitleriano, levado os seus rebanhos para mais longe, a leste. Projeta ele presentemente reinstalar-se neste vale. Os delegados examinaram a aldeia e o terreno, e constataram uma porcentagem elevada de destruições. *Os delegados, à direita, aprovam com a cabeça.* Seu vizinho, o colcós de culturas frutíferas Rosa Luxemburgo *designando o grupo à sua direita* propõe que sejam as antigas pastagens do colcós Galinsk, um vale de erva escassa, destinadas, quando restauradas, à cultura da vinha e das árvores frutíferas. Na minha qualidade de Perito delegado pela Comissão de Reconstrução, peço às duas aldeias colcosianas que entrem em acordo e decidam elas próprias se o colcós Galinsk deve voltar ou não para cá."

VELHO CAMPONÊS *à direita* Eu desejava, para começar, renovar o meu protesto contra a limitação do prazo de palavra. Nós, os do colcós Galinsk, levamos três dias e três noites para chegar aqui, e agora só nos querem metade de um dia para a discussão.

SOLDADO FERIDO *à esquerda* Camarada, nós temos menos aldeias do que dantes, menos braços para o trabalho, e menos tempo.

MOÇA TRATORISTA Todas as distrações devem ser racionadas, o fumo está racionado e a discussão também.

VELHO CAMPONÊS *à direita, suspirando* Ao diabo os fascistas!

Mas já que é assim vou direto ao assunto e vou explicar por que desejamos recuperar o nosso vale. Há uma porção de motivos, mas quero começar por um dos mais simples. Makine Abakidze, desembrulhe o queijo. Podem se servir.

Uma camponesa tira de uma grande cesta um enorme queijo envolvido num pano. Aplausos e risos.

VELHO CAMPONÊS *à esquerda, suspicaz* Estão querendo nos influenciar?

O VELHO *à direita* Tudo o que eu quero é uma resposta franca: você acha bom o queijo?

O VELHO *à esquerda* Acho.

O VELHO *à direita* Ah, você acha bom? *Amargamente.* Eu já devia ter desconfiado que não entende nada de queijo.

O VELHO *à esquerda* Por quê?

O VELHO *à direita* Porque é impossível que você ache ele bom. Por que ele não é mais o mesmo? Porque as minhas cabras não encontram na erva de agora um gosto tão bom como o de antigamente. Há queijo e queijo, porque há erva e erva, a verdade é esta. Façam o favor de pôr isto no processo-verbal.

O VELHO *à esquerda* Mas o seu queijo está perfeito.

O VELHO *à direita* Não está perfeito, está apenas passável. O novo

pasto não vale nada, por mais que digam os moços. Sou eu que lhes digo, não se pode viver lá. Lá até a madrugada não é verdadeiramente madrugada.

Alguns riem.

O PERITO Não te zangues se eles riem, no fundo te compreendem muito bem. Camaradas, por que se gosta da terra? A razão é esta: nela o pão tem melhor sabor, o céu é mais alto, o ar mais vivo e perfumado, nela a voz soa melhor, <o chão facilita> a marcha. Não é fato?

O VELHO *à direita* O vale nos pertence desde sempre.

O SOLDADO *à esquerda* Que quer dizer isto: "desde sempre"? Nada pertence a ninguém desde sempre. Tu mesmo, quando eras moço, não te pertencias, pertencias aos príncipes Kazbeki.

O VELHO *à direita* Pela lei, o vale é nosso.

MOÇA TRATORISTA Em todo caso, deve-se rever as leis e verificar se elas permanecem válidas.

O VELHO *à direita* Claro, então não é importante ter esta ou aquela árvore junto à casa em que nascemos? E os vizinhos, não é importante? Queremos voltar pra cá, mesmo se for pra ter vocês junto do nosso colcós, vocês, meus ladrões de vales. É isso mesmo, podem rir.

O VELHO *à esquerda, rindo* Então, por que não ouvir calmamente

o que a tua "vizinha" Kate Wachtang, nossa agrônoma, tem a dizer a propósito do vale?

UMA CAMPONESA *à direita* Estamos muito longe de ter dito tudo o que tínhamos a dizer a respeito do nosso vale. Nem todas as casas foram destruídas, e da quinta restam pelo menos os alicerces.

O PERITO Aqui ou lá vocês têm direito ao auxílio do Estado, e sabem disto muito bem.

A CAMPONESA *à direita* Camarada perito, não estamos aqui no mercado. Não posso tomar-te a casquete e oferecer-te outra dizendo: "Esta é melhor". Por melhor que a outra seja é a tua que achas melhor.

MOÇA TRATORISTA Um terreno, camarada, não é o mesmo que uma casquete, pelo menos em nossa terra.

O PERITO Não se exalte. É exato: um terreno, devemos antes considerá-lo como uma ferramenta, com a qual se produz qualquer coisa de útil. Mas também é exato que devemos respeitar o amor das pessoas a este ou aquele sítio. Antes de prosseguir na discussão, proponho que vocês expliquem aos camaradas do colcós Galinsk o que contam fazer do vale em litígio.

O VELHO *à direita* De acordo.

O VELHO *à esquerda* Deixem Kate falar!

PERITO Camarada agrônoma, tenha a palavra.

AGRÔNOMA *<à esquerda> levanta-se. Traja uniforme militar* Camaradas, no inverno passado, quando éramos guerrilheiros e nos batíamos por aqui nos morros, discutíamos a maneira pela qual poderíamos, depois de expulsos os alemães, reconstituir em proporções dez vezes maiores as nossas plantações de árvores frutíferas. Aprontei então o projeto dos trabalhos de irrigação. Graças a uma barragem instalada em nosso lago de montanha, trezentos hectares de terra baldia poderiam ser irrigados. O nosso colcós poderia então, além dos frutos, plantar vinhedos. Mas o projeto só será bastante produtivo se se englobar nele o vale em litígio pertencente ao colcós Galinsk. Aqui estão os cálculos. *Estende um maço de papel ao perito.*

VELHO *à direita* Inscrevam no processo-verbal que o nosso colcós tem intenção de instalar também uma criação de cavalos.

MOÇA TRATORISTA Camaradas, o projeto foi concebido durante os dias e as noites em que dormíamos ao relento nas montanhas, e às vezes não tínhamos munição, senão para três ou quatro fuzis. Até achar um lápis era difícil.

Aprovação geral.

VELHO *à direita* Agradecemos aos nossos camaradas do colcós Rosa Luxemburgo e a todos aqueles que defenderam o país.

Apertam-se as mãos e abraçam-se.

CAMPONESA *à esquerda* Nossa idéia então era que os nossos soldados, os nossos maridos e os de vocês, pudessem voltar a um país ainda mais fértil do que antes.

MOÇA TRATORISTA Como disse o poeta Maiakóvski: "O país do povo soviético deve ser também o país da razão".

Os delegados do lado direito levantam-se, com exceção do velho, e examinam com o Perito os desenhos da Agrônoma. Ouvem-se exclamações: "Onde foram vocês buscar os vinte e dois metros da altura de queda?" – "Vai-se fazer explodir o rochedo que há lá." – "No fundo, eles só têm necessidade de cimento e dinamite." – "Eles forçam a água a descer pra cá, é engenhoso!"

OPERÁRIO JOVEM *<à direita> ao velho à direita* Vão irrigar todos os campos entre os morros, olha aqui, Aleko.

VELHO *à direita* Não quero olhar. Eu sabia que o projeto seria bom. Mas não deixo que me encostem a pistola no peito.

SOLDADO *à esquerda* Eles querem encostar só o lápis.

Hilaridade.

O VELHO *à direita, levanta-se, mal-humorado, e vai olhar os desenhos* Estes ladrões de vales sabem muito bem que os projetos e as máquinas neste país são irresistíveis.

CAMPONESA *à direita* Aleko Berechvili, para os projetos novos, você é o mais terrível, toda a gente sabe.

PERITO E o meu processo-verbal? Posso inscrever que vocês, no seu colcós, intervirão para que ele ceda o antigo vale com vistas ao projeto?

CAMPONESA *à direita* Eu intervirei. E tu, Aleko?

VELHO *à direita, inclinado sobre os desenhos* Eu peço que nos deixem levar cópia destes desenhos.

CAMPONESA *à direita* Então podemos sentar-nos à mesa. Uma vez que ele tenha os desenhos e possa discutir sobre eles, a coisa está resolvida. Eu conheço ele. E os outros no nosso colcós são todos assim.

Os delegados abraçam-se novamente, rindo.

VELHO *à esquerda* Viva o colcós Galinsk e boa fortuna ao novo haras!

CAMPONESA *à esquerda* Camaradas, em honra dos nossos visitantes, os delegados do colcós Galinsk e o perito, preparamos a representação, com o concurso do cantor Arkadi Tscheidze, de uma pecinha de teatro que tem um pouco relação com o nosso problema.

Aplausos. Moça tratorista sai à procura do cantor.

CAMPONESA *à direita* Camaradas, é preciso que a peça seja boa. Ela vai custar-nos um vale.

CAMPONESA *à esquerda* Arkadi Tscheidze sabe de cor vinte e um mil versos.

VELHO *à esquerda* Já ensaiamos sob a direção dele. A verdade é que tivemos grande dificuldade para ele vir. O senhor, camarada,

na comissão do plano, devia arranjar que ele pudesse vir mais freqüentemente ao norte.

PERITO É, nós nos preocupamos de preferência com as questões econômicas.

VELHO *à esquerda, sorrindo* Os senhores põem ordem na nova distribuição das vinhas e dos tratores. Por que não na das canções?

Guiado pela Moça tratorista, o cantor Arkadi Tscheidze faz a sua entrada no círculo: é um homem robusto, de maneiras simples. Acompanham-no uns Músicos, trazendo os seus instrumentos. Os artistas são recebidos com aplausos.

MOÇA TRATORISTA O camarada Perito, Arkadi.

O cantor saúda os assistentes.

CAMPONESA *à direita* É uma grande honra para mim conhecer o senhor. Ouvi falar dos seus cantos quando eu estava ainda nos bancos da escola.

RECITANTE Desta vez é uma peça com cantos; cada qual tem o seu papel, ou quase. Trouxemos as máscaras antigas.

VELHO *à direita* Será uma das lendas velhas?

RECITANTE Chama-se *O círculo de giz*, vem-nos dos chineses. Naturalmente nós a representamos em forma modificada. Yura, mostra as máscaras. Camaradas, é uma honra para nós diverti-los

depois de um debate difícil. Esperamos que sejam da opinião que a voz do velho poeta ressoa igualmente bem à sombra dos tratores soviéticos. É um erro misturar vinhos diferentes, mas a antiga sabedoria e a nova casam admiravelmente. Agora, espero que vão dar-nos a todos alguma coisa para comer, antes de começarmos. Isso dá forças.

VOZES Certamente. Venham todos à sala das festas.

Vão todos alegremente almoçar. O Perito se volta para o Recitante.

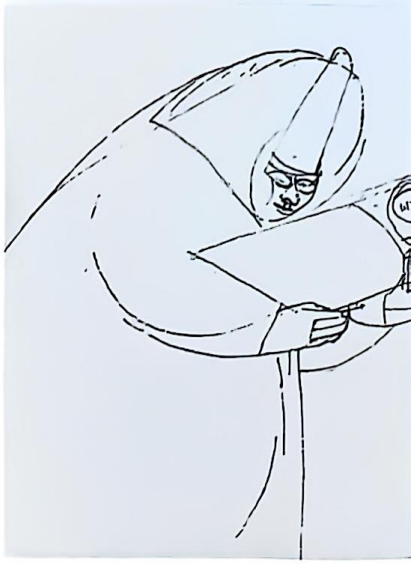
PERITO Quanto tempo dura a história? Tenho que estar à noite em Tíflis.

RECITANTE *com ar distraído* Na verdade são duas histórias. Algumas horas.

PERITO *discretamente* Não poderiam abreviar?

RECITANTE Não.

Primeiro quadro



A AUGUSTA CRIANÇA

O Recitante senta-se no chão, diante dos Músicos, com os ombros cobertos por uma pele de carneiro preta. Folheia um livro gasto pelo uso, de páginas marcadas por fitinhas.

Outrora, na época sangrenta,
Reinava nesta cidade, apelidada a Réproba,
Um governador de nome Georgi Abaschvíli.
Era rico, um verdadeiro Creso.
Tinha uma mulher muito bonita,
Tinha um filho robusto.
Governador nenhum na Geórgia
Tinha tantos cavalos na manjedoura,
Tantos mendigos à sua porta,
Tantos soldados a seu serviço
Nem tantos solicitantes no seu pátio.

UNIVERSIDADE FEDERAL
Biblioteca
Comunitária
S. CARLOS

Um homem como Georgi Abaschvíli, de que maneira descrevê-lo?
Ele saboreava a sua vida.
Por uma bela manhã de Páscoa,
O senhor Governador foi com todos os seus à igreja.

Da porta principal do palácio sai uma onda de mendigos e de solicitantes, carregando crianças macilentas, muletas, petições. Atrás deles, dois Couraceiros, depois, em trajes suntuosos, a família do Governador.

MENDIGOS E SOLICITANTES Por Deus, Excelência, os impostos são exorbitantes. Perdi minha perna na guerra contra a Pérsia, onde posso obter...? Meu irmão está inocente, Excelência. Um simples mal-entendido. Está morrendo de fome. Para isentar nosso último filho do serviço militar... Por favor, Excelência, o inspetor das águas se deixa subornar.

Um servidor recolhe as petições, outro tira moedas de uma bolsa e as distribui, os soldados rechaçam a multidão, espancando-a com grossos chicotes de couro.

SOLDADO Abram caminho para a entrada da igreja.

Atrás do Governador e de sua esposa, acompanhados por um Oficial de Ordenança, vem o filho do Governador em rico carrinho. A multidão se comprime e avança de novo para ver.

RECITANTE *enquanto ela é enxotada a chicotadas*
Pela primeira vez neste Domingo de Páscoa, via o povo o Herdeiro.
Dois médicos não se afastavam um passo da augusta criança,
A menina dos olhos do Governador.

Gritos da multidão.

"O filho! Não consigo ver, não empurre assim!"
"Deus o abençoe, Excelência!"

RECITANTE
Até o poderoso príncipe Kazbeki
Lhe faz reverência à entrada da igreja.

Um gordo príncipe se adianta e cumprimenta a família.

PRÍNCIPE GORDO Felizes Páscoas, Natella Abaschvíli.

Ouve-se uma ordem de comando, chega um Cavaleiro a galope e entrega ao Governador uma pasta cheia de documentos. A um sinal do Governador, o Oficial de Ordenança, belo rapaz, aproxima-se do Cavaleiro e o retém. Breve silêncio, durante o qual o Príncipe Gordo examina o Cavaleiro com ar desconfiado.

PRÍNCIPE GORDO Que belo dia! Esta noite, quando choveu, eu disse comigo: triste tempo de Páscoa! Mas pela manhã, céu sem nuvens. Gosto do céu sem nuvens, Natella Abaschvíli, sou um coração muito simples. E o Miguelzinho, que já tem tudo de um governador, guíli, guíli. *Faz cócegas no menino.* Felizes Páscoas, Miguelzinho, guíli, guíli.

A MULHER DO GOVERNADOR Que me diz, Arsênio? Georgi acabou por se decidir a começar a construção da ala prevista do lado do nascente. Todo o subúrbio, com os seus abarracamentos piolhentos, vai ser demolido para dar lugar ao jardim.

PRÍNCIPE GORDO Boa notícia, depois de tantas más. Que dizem da guerra, mano Georgi? *Gesto evasivo do Governador.* Retirada estratégica, ao que me disseram? Ora, pequenos reveses, como os de sempre. Um dia bem, um dia pior. Azares da guerra. Sem grande importância, não?

MULHER DO GOVERNADOR Ele tossiu! Ouviste, Georgi? *Agressiva, aos dois médicos, dois homens muito dignos, em pé atrás do carrinho da criança.* Ele tossiu.

PRIMEIRO MÉDICO *ao segundo* Posso lembrar-lhe, Niko Mikadze, que eu fui contra o banho morno? Um pequeno erro, Excelência, quando se dosou a água do banho.

SEGUNDO MÉDICO *igualmente muito cortês* Não posso absolutamente partilhar o seu ponto de vista, Mikha Loladze, a temperatura da água do banho era a indicada pelo nosso caro, pelo nosso grande Michiko Oboladze. Antes quero crer que foi alguma corrente de ar durante a noite, Excelência.

MULHER DO GOVERNADOR Mas vejam pois o que ele tem. Parece que está com febre, Georgi.

PRIMEIRO MÉDICO *inclinado sobre a criança* Não há motivo para Vossa Excelência inquietar-se. A água do banho um pouco mais quente e isso não acontecerá mais.

SEGUNDO MÉDICO *lançando-lhe um olhar envenenado* Não esquecerei, meu caro Mikha Loladze. Não há motivo para inquietação, Excelência.

PRÍNCIPE GORDO Ora, ora, ora! É como eu digo sempre: estou sentindo umas pontadazinhas no fígado, cinqüenta palmatoadas na planta dos pés do médico. E isso porque vivemos numa época abastardada. Dantes se dizia simplesmente: cortar a cachola.

MULHER DO GOVERNADOR Entremos na igreja. Provavelmente é porque há aqui uma corrente de ar.

O cortejo, família e criados, se dirige para a porta da igreja. O Príncipe Gordo segue o movimento. O Oficial de Ordenança sai do cortejo e mostra o Cavaleiro.

GOVERNADOR Antes do ofício, não, Chalva.

OFICIAL DE ORDENANÇA *ao Cavaleiro* O Governador não quer ser incomodado, antes do ofício, pelos relatórios, sobretudo se, como presumo, eles são de natureza que o possam deprimir. Vai pedir que te dêem comida na cozinha, meu rapaz.

O Oficial de Ordenança volta ao cortejo, enquanto o Cavaleiro entra no palácio, soltando uma praga. Um Soldado sai do palácio e pára debaixo do pórtico.

RECITANTE
A cidade está silenciosa.
No adro os pombos saracoteiam.
Um guarda do palácio graceja
Com uma moça da cozinha
Que vem do rio com um pacote pesado.

Uma Criada quer entrar pelo pórtico, trazendo debaixo do braço um molho de grandes folhas verdes.

SOLDADO Então, a menina não está na igreja, e passeia em lugar de ir à missa?

GRUCHA Eu já estava vestida, mas faltava um pato para o banquete de Páscoa, e me pediram para ir buscar, porque de patos eu entendo um pouco.

SOLDADO Um pato? *Fingindo desconfiança.* Gostaria de ver esse pato. *Grucha não compreende.* Com as mulheres é preciso ter cautela. Elas dizem: "Fui só buscar um pato" e no fim era outra coisa.

GRUCHA *caminha para ele despachada e lhe exibe o pato* Veja! Se não pesar quinze libras e não tiver sido cevado com milho, estou pronta a engolir as penas.

SOLDADO Que pato! Um verdadeiro príncipe! Este é o próprio Governador que se banqueteará com ele... Então a menina voltou à beira do rio?

GRUCHA Voltei, perto do galinheiro grande.

SOLDADO Ah, sim, o galinheiro grande, lá embaixo, perto do rio? Não seria um pouco mais em cima, perto dos salgueiros que sabemos?

GRUCHA Do lado dos salgueiros? Quando vou até lá é só pra lavar a roupa.

SOLDADO *com ar de sabido* É isso, é isso.

GRUCHA É isso o quê?

SOLDADO *piscando o olho* Isso exatamente.

GRUCHA Por que não tenho o direito de lavar a roupa perto do salgueiro?

SOLDADO *com um riso demasiadamente ruidoso* "Por que não tenho o direito de lavar a roupa perto dos salgueiros?" É boa! É excelente!

GRUCHA Não compreendo o senhor Soldado. Que é que há nisso de excelente?

SOLDADO *malicioso* Uma que soubesse o que certa pessoa <sabe>, ficaria toda sem jeito.

GRUCHA Não vejo o que se possa saber a respeito desses famosos salgueiros.

SOLDADO E se houvesse defronte das moitas outras moitas de onde se pudesse ver tudo? Tudo o que pode acontecer quando a moça que sabemos "vai lavar roupa!"

GRUCHA E que é que pode acontecer? O senhor Soldado quererá explicar o que quer dizer, e vamos acabar com isto?

SOLDADO Podem acontecer coisas que podem fazer ver as coisas.

GRUCHA O senhor Soldado quererá dizer que uma vez, num dia quente, eu molhei na água a ponta dos pés? Fora disso, não vejo mais nada.

SOLDADO Mais que isso. A ponta dos pés e mais que isso.

GRUCHA Que mais? O pé todo, talvez.

SOLDADO Sim, o pé. E um pouco mais. *Ri muito.*

GRUCHA *irritada* Simão Chachava, devias ter vergonha. Ficar nas moitas e esperar que uma certa pessoa, num dia quente, molhe as pernas no rio. E mesmo provavelmente com outro soldado! *Foge.*

SOLDADO *gritando para ela* Não, com outro não. *Quando o Cantor retorna à sua narrativa, o Soldado sai perseguindo Grucha.*

RECITANTE
Toda a cidade está silenciosa, mas por que os soldados armados?
No palácio do Governador, tudo está em paz,
Mas então por que trincheiras?

Da porta da esquerda sai precipitadamente o Príncipe Gordo. Detém-se para lançar uma olhadela em volta. Diante da porta direita, esperam dois Couraceiros. O Príncipe os vê e passa lentamente diante deles. Faz-lhes um sinal e desaparece rapidamente. Um dos homens entra no palácio, o outro permanece montando guarda; nos bastidores ouvem-se gritos abafados: "A seus postos!" O palácio está cercado. Ao longe soam sinos. Da porta da igreja saem o cortejo e a família do Governador, voltando do ofício.

RECITANTE

O Governador voltou ao seu palácio;
E a trincheira era uma cilada,
E o pato estava depenado, assado
E o pato nunca foi comido,
E meio-dia não era mais a hora do banquete,
Meio-dia era a hora da morte.

MULHER DO GOVERNADOR *passando* Francamente, não é possível viver neste cochicholo, mas Georgi naturalmente não constrói senão para o seu Miguelzinho, nunca para mim. É só Miguel, tudo para Miguel!

GOVERNADOR Ouviste o "Felizes Páscoas!" de meu bom mano Kazbeki? Muito bonito, mas, que eu saiba, não choveu em Nukha durante a noite. Onde se encontrava meu bom mano Kazbeki choveu. Onde andava meu bom mano Kazbeki?

OFICIAL DE ORDENANÇA É preciso fazer um inquérito.

GOVERNADOR Sim, Ordenança. Amanhã.

O cortejo se dirige para a porta principal. O Cavaleiro, saído do palácio, aproxima-se do Governador.

OFICIAL DE ORDENANÇA Excelência, não quer, apesar de tudo, ouvir o cavaleiro enviado da capital? Ele chegou hoje de manhã com papéis confidenciais.

GOVERNADOR *sem se deter* Antes de comer, não, Chalva.

O cortejo desaparece no interior do palácio, não ficam diante da porta senão dois Couraceiros e a guarda do Governador.

OFICIAL DE ORDENANÇA *ao Cavaleiro* O Governador não deseja ser importunado antes do banquete com relatórios militares, e à tarde Sua Excelência consagrará a conversa com eminentes arquitetos, que estão igualmente convidados para o banquete. Ei-los. *Três personagens chegam, enquanto o Cavaleiro se retira. O Oficial de Ordenança saúda os Arquitetos.* Senhores, Sua Excelência espera-os à mesa. Todo o seu tempo é para os senhores, para os seus novos projetos grandiosos. Venham depressa!

UM ARQUITETO Estamos admirados! Apesar de todos os boatos inquietantes, que falam do rumo desagradável que tomou a campanha da Pérsia, Sua Excelência não pensa senão em construir.

OFICIAL DE ORDENANÇA Digamos antes: por causa deles! Não é nada. A Pérsia está longe! A guarnição daqui se deixaria espostejar pelo seu governador. *Alarido no palácio. Os gritos agudos das mulheres, dos comandos. O Oficial de Ordenança, petrificado, quer encaminhar-se para a porta. Um Couraceiro sai, apontando a lança contra ele.* Que quer dizer isto? Baixe a lança, seu canalha. *Fora de si, voltando-se para a guarda.* Desarmem-no. Não estão vendo que é um atentado contra o Governador?

Os Couraceiros não o ouvem. Olham frios e indiferentes, e permanecem igualmente impassíveis durante as cenas seguintes. O Oficial de Ordenança força a entrada do palácio.

UM ARQUITETO Os príncipes! Esta noite na capital houve uma

reunião dos príncipes que estavam contra o Grão-Duque e os seus governadores. Senhores, o melhor é se precatar.

Saem precipitadamente.

RECITANTE

Oh, a cegueira dos grandes! Vão como se fossem eternos,
Levados sobre os dorsos que se curvam, e
Seguros dos punhos que pagam, confiando
Na força, cujo reino durou tanto tempo.
Muito tempo não é sempre.
Oh, mudança dos tempos, tu, esperança do povo.

Pela porta principal sai o Governador acorrentado, o rosto lívido, entre dois soldados armados até os dentes.

Até sempre o poderoso senhor! Dá-nos a honra de erguer o busto.
Das janelas do palácio o olho de mil inimigos te observa.
Já não tens necessidade de arquiteto, basta um marceneiro.
Não vais para nenhum novo palácio, mas para um pequeno
[buraco de terra.
Olha ainda um pouco, em redor, ó cego!

O prisioneiro olha em volta.

Gostavas do que possuías. Entre a missa da Páscoa e o banquete,
Vais para o país donde ninguém volta.

Levam-no. A guarda do palácio fecha a marcha. Um olifante soa o alarme. Alarido atrás da porta principal.

Quando a casa de um grande desmorona,
Muitos pequeninos são esmagados.
Os que não haviam participado da boa fortuna de um poderoso,
Participam muitas vezes da desgraça dele. O carro que tomba
Arrasta consigo ao abismo
A parelha suada.

Pela porta principal do palácio saem os Criados como loucos.

CRIADOS *numa gritaria confusa* As cestas grandes! Tudo no terceiro pátio! Cinco dias de víveres. A senhora sentiu-se mal de novo. É preciso trazê-la para baixo, é preciso que ela vá-se embora. E nós? A nós eles vão matar como frangos, já se sabe. Jesus, Maria, que irá acontecer? Parece que na cidade o sangue já começou a correr. Absurdo, o que houve é que o Governador foi convidado, muito amavelmente, a tomar parte numa reunião dos príncipes; tudo vai se arranjar em paz, sei de boa fonte.

Os dois médicos se precipitam no pátio.

PRIMEIRO MÉDICO *tentando reter o outro* Niko Mikadze, é do seu dever de médico assistir Natella Abaschvíli em sua provação.

SEGUNDO MÉDICO Do meu dever? Não, do seu!

PRIMEIRO MÉDICO Quem se ocupa hoje do menino, você ou eu?

SEGUNDO MÉDICO Você acredita mesmo, Mikha Loladze, que por causa deste fedelho eu vá ficar mais um segundo numa casa pesteada? *Engalfinham-se pelos cabelos.*

VOZES "Os senhores estão faltando ao seu dever." "O dever! O dever!"

Depois o Segundo Médico prostra o Primeiro.

SEGUNDO MÉDICO Vá pro inferno! *Sai.*

CRIADOS Temos tempo até de tarde, os soldados não estarão bêbados daqui até lá. Sabe-se se eles já fizeram o levante? A guarda fugiu a cavalo. Ainda não se sabe o que se passou?

GRUCHA Meliva, o pescador, disse que no céu da capital se viu um cometa com uma cauda toda vermelha. Isso anunciava desgraça.

CRIADOS Parece que ontem na capital se soube que a guerra da Pérsia estava definitivamente perdida. Os príncipes organizaram uma grande revolta. Dizem que o Grão-Duque já fugiu. Vão executar todos os Governadores. À arraia-miúda não farão nada. Tenho um irmão que é couraceiro. *Entra o soldado Simão Chachava, procurando Grucha na multidão.*

OFICIAL DE ORDENANÇA *aparecendo à porta principal* Todo mundo no terceiro pátio. Às bagagens, todo mundo!

Passam criados, Simão encontra enfim Grucha.

SIMÃO Afinal te encontro. Que vais fazer?

GRUCHA Nada. Em caso de necessidade, tenho um irmão que é caseiro na montanha. E tu?

SIMÃO Sei lá *retomando tom cerimonioso* Grucha Vachnadze, tua pergunta relativamente aos meus projetos me enche de satisfação. Tenho ordem de acompanhar, como guarda do corpo, Natella Abaschvíli.

GRUCHA Mas o guarda não o sublevou?

SIMÃO *gravemente* Justamente.

GRUCHA Não é perigoso acompanhá-la?

SIMÃO Em Tíflis se diz: "Um bom pontaço nunca fez mal a uma faca".

GRUCHA Mas tu não és uma faca, tu és um homem, Simão Chachava. Que tens a ver com essa mulher?

SIMÃO Não tenho nada a ver com essa mulher. Recebi a ordem e vou montar.

GRUCHA Senhor Soldado tem a cabeça dura. Expõe-se ao perigo à toa, inteiramente à toa. *Ouvindo que a chamam do interior do palácio.* Tenho que ir para o terceiro pátio. Estou com pressa.

SIMÃO Se há pressa, então não briguemos. Uma boa briga pede tempo. Pode-se perguntar se a senhorita tem ainda seus pais vivos?

GRUCHA Não. Só o irmão.

SIMÃO Já que o tempo é pouco, a segunda pergunta seria: a senhorita está sã como um pero na árvore?

GRUCHA Talvez uma cãibra no ombro direito de vez em quando, mas à parte isso, agüento qualquer trabalho, nunca dei a ninguém motivo de queixa.

SIMÃO Toda a gente sabe. Quando se trata num Domingo de Páscoa de ir buscar um pato, é ela que vai. Pergunta número três: a senhora tem propensões à impaciência? Pede maçãs no inverno?

GRUCHA Impaciente não, não sou, mas se se vai para a guerra sem motivo e não vem notícia nenhuma, é ruim.

SIMÃO Hão de vir notícias. *Do interior do palácio chamam de novo Grucha.* Para concluir, a principal pergunta...

GRUCHA Simão Chachava, como eu tenho que ir para o terceiro pátio e há muita pressa, a sua resposta de antemão é sim.

SIMÃO *embaraçado* Há um provérbio que diz "Muita pressa é o nome do vento que põe abaixo o andaime". Mas dizem também: "Os ricos nunca têm pressa". Eu sou de...

GRUCHA Kutsk...

SIMÃO Ah! A senhorita já está informada? Saúde boa, nenhum encargo de família, dez piastras mensais, vinte quando for sargento-pagador, peço sua mão de todo coração.

GRUCHA Simão Chachava, estou de acordo.

SIMÃO *retira do pescoço uma corrente de onde pende uma cruzinha* A cruz foi de minha mãe, Grucha Vachnadze, a corrente é de prata, se a quiseres usar...

GRUCHA Muito obrigada, Simão.

Ele passa-lhe a corrente em torno do pescoço.

SIMÃO Tenho que ir atrelar os cavalos, a senhorita compreenderá. É melhor que ela vá para o terceiro pátio, para não haver histórias.

GRUCHA Sim, Simão.

Permanecem no lugar, sem saber o que fazer.

SIMÃO Vou só acompanhar essa senhora até as tropas que ficaram fiéis. Quando a guerra acabar, voltarei. Duas semanas ou três. Espero que a minha noiva não ache o tempo muito comprido durante a minha ausência.

GRUCHA
Simão Chachava, esperarei por ti.
Vai tranqüilo para a batalha, soldado,
Para a sangrenta batalha, a amarga batalha,
Da qual nem todos voltam:
Quando voltares, estarei aqui.
Te esperarei embaixo do olmeiro verde,
Te esperarei embaixo do olmeiro fresco,

Te esperarei até que o último tenha voltado
E mais ainda.
Quando voltares da batalha
Não verás nenhuma bota à soleira de minha porta,
O travesseiro ao lado do meu estará vazio,
E minha boca não terá sido beijada.
Quando voltares, quando voltares,
Poderás dizer: tudo está como dantes.

SIMÃO Obrigado, Grucha Vachnadze. E até a volta.

Inclina-se profundamente diante dela. Ela faz o mesmo, em seguida ela sai correndo, sem olhar para trás. O Oficial de Ordenança aparece à porta.

OFICIAL DE ORDENANÇA *rudemente* Atrela os cavalos na carruagem grande, não fiques aí como um palerma, seu vagabundo!

Simão perfila-se e sai. Da porta principal vêm dois servidores profundamente curvados sob enormes arcas. Atrás deles sustentada por suas mulheres, caminha Natella Abaschvíli. Atrás dela, uma mulher traz a criança.

MULHER DO GOVERNADOR Ninguém se ocupa de nada. Não sei onde tenho a cabeça. Onde está Miguel? Não o segures tão desajeitadamente. As arcas em cima do carro! Tem-se alguma notícia do Governador, Chalva?

OFICIAL DE ORDENANÇA *sacudindo a cabeça* É preciso partir imediatamente.

MULHER DO GOVERNADOR Sabe-se alguma notícia da cidade?

OFICIAL DE ORDENANÇA Não. No momento tudo está em calma, mas não há um instante a perder. Não tem lugar no carro para as arcas. Escolha as coisas de que vais precisar. *Sai a passo rápido.*

MULHER DO GOVERNADOR Só o estritamente necessário! Depressa, abram as arcas, eu direi o que é preciso levar. *Tiram as arcas do carro e abrem-nas. A Mulher do Governador, mostrando vários vestidos de brocado.* O verde, e depois naturalmente aquele com a peliçazinha! Onde estão os médicos? Estou de novo com a maldita enxaqueca, começa sempre pelas têmporas. Aquele com os botõezinhos de pérolas... *Entra Grucha.* Até que enfim aparecestes! Vai depressa buscar as bouillotes. *Grucha sai correndo e volta com as bouillotes. A Mulher do Governador dá-lhes diversas ordens por gestos. Observa uma Camareira moça.* Não rasgues a manga.

CAMAREIRA Juro, madame, o vestido está perfeito.

MULHER DO GOVERNADOR Porque eu te apanhei. Há muito tempo que eu tinha o olho em ti. Não pensas senão em namorar o Oficial de ordenança! <Te mato, cachorra!>. *Bate nela.*

OFICIAL DE ORDENANÇA *volta* Por favor, Natella Abaschvíli. Já se combate na cidade. *Torna a sair.*

MULHER DO GOVERNADOR *soltando a Camareira* Meu Deus, meu Deus! Vocês acreditam que eles levantariam a mão contra mim? Que razão teriam para isso? *Todos se calam. Ela põe-se a remexer ela própria nas arcas.* Vai buscar o casaquinho de brocado. Ajuda-a! Como está Miguel? Está dormindo?

GOVERNANTA Está sim, madame.

MULHER DO GOVERNADOR Então larga-o um instante e vai buscar-me as botinas de marroquim no quarto de dormir, preciso delas para o vestido verde. *A Governanta sai. À Camareira.* Não fiques aí sem fazer nada! *A Camareira foge.* Fica aqui, senão mando te dar uma surra! *Um silêncio.* Como tudo está mal arrumado, sem amor, sem gosto! É preciso a gente mostrar tudo a elas... É em momentos como estes que se vê que espécie de criados que se tem... Macha! Para comer está sempre pronta, mas gratidão, nem um pingo! Vou tomar nota.

OFICIAL DE ORDENANÇA *muito impaciente* Natella, venha imediatamente. Orbeliani, o Juiz da Corte Suprema, acaba de ser enforcado pelos revoltosos da fábrica de tapetes.

MULHER DO GOVERNADOR Por quê? O de lamê prateado, faço questão, custou mil piastras. E aquele ali também e todas as peles, e cadê o vestido cor de vinho?

OFICIAL DE ORDENANÇA *tentando levá-la* Houve rebeliões nos subúrbios. Temos que partir imediatamente. *Um criado foge.* Onde está a criança?

MULHER DO GOVERNADOR *chamando a Governanta* Maro, prepara o menino! Onde te meteste?

OFICIAL DE ORDENANÇA *saindo* Teremos sem dúvida de desistir do carro e ir a cavalo.

A Mulher do Governador remexe nos vestidos, joga uns poucos ao monte que ela pretende levar. Apanha-os novamente. Começa-se a ouvir barulho, rufos de tambor. O céu fica vermelho.

MULHER DO GOVERNADOR *remexendo desesperadamente nos vestidos* Não há meio de encontrar o vestido cor de vinho. *À Segunda Camareira, erguendo os ombros.* Agarra o embrulho e leva-o para o carro. E por que Maro não volta? Ficaram todos doidos? Bem que eu disse que ele estava embaixo de tudo.

OFICIAL DE ORDENANÇA *voltando* Depressa, depressa!

MULHER DO GOVERNADOR *à Segunda Camareira* Corre! Joga tudo no carro!

OFICIAL DE ORDENANÇA Não vamos de carro. Venha ou eu parto sozinho.

MULHER DO GOVERNADOR Maro, traga o menino! *À Segunda Camareira.* Procura Macha! Não, leva primeiro os vestidos pro carro. É uma insensatez, nem penso nisso, partir a cavalo! *Voltando-se, vê a vermelhidão do incêndio e fica estarrecida.* Incêndio!

Foge. O Oficial de Ordenança precipita-se após ela. A Segunda Camareira segue-a, abanando a cabeça, carregando o embrulho de vestidos. Pela porta principal entram os criados.

COZINHEIRA É provavelmente a porta leste que está em chamas.

COZINHEIRO Foram-se embora! E sem o carro de provisões, como vamos sair daqui?

MOÇO DA ESTREBARIA É. A casa está inabitável por algum tempo. *À Terceira Camareira.* Sulika, vou apanhar uns cobertores e depois nos safamos.

GOVERNANTA E o menino? *Corre para o menino e toma-o nos braços.* Abandonaram o pobrezinho, aqueles animais! *Passa-o a Grucha.* Segura ele um instante. *Mentindo.* Vou ver onde está o carro. *Foge atrás da Mulher do Governador.*

GRUCHA Que fizeram do patrão?

MOÇO DA ESTREBARIA *fazendo gesto de cortar o pescoço* Fft!

MULHER GORDA *vendo o gesto, numa crise de nervos* Virgemaria! Virgemaria! O nosso patrão Georgi Abaschvíli! Fresco e corado na hora da missa, e agora... Me levem daqui! Estamos todos perdidos, vamos morrer em pecado. Como nosso patrão Georgi Abaschvíli.

TERCEIRA CAMAREIRA *acalmando-a* Acalme-se Nina. Vão levá-la já. Você não fez mal a ninguém.

MULHER GORDA *ao ser levada* Virgemaria! Virgemaria! Depressa, depressa, me levem antes que eles cheguem!

TERCEIRA CAMAREIRA Nina toma isto mais a sério do que a patroa. Mesmo chorar é coisa que eles mandam fazer por outros.

Dá com os olhos no menino, sempre nos braços de Grucha. O menino! Que fazes aqui com ele?

GRUCHA Ficou aqui.

TERCEIRA CAMAREIRA Ela deixou ele aqui? O Miguelzinho que não podia ficar numa corrente de ar!

Os Criados se reúnem em torno do menino.

GRUCHA Ele acordou.

MOÇO DA ESTREBARIA Melhor é deixar ele aí. Prefiro não pensar no que pode acontecer a quem for encontrado com o menino. Vou buscar nossos troços, me espere aqui. *Entra no palácio.*

COZINHEIRA Ele tem razão. Quando eles começam, matam famílias inteiras. Vou buscar minhas coisas.

Saem todas, só ficam duas mulheres e Grucha, que tem o menino nos braços.

TERCEIRA CAMAREIRA Não ouviste? Deves deixar ele aqui.

GRUCHA A governanta disse para eu segurar ele um instante.

COZINHEIRA Ela não volta mais, sua boba!

TERCEIRA CAMAREIRA Larga ele, Grucha.

COZINHEIRA Eles têm mais interesse em apanhar o menino do que a mãe. É o herdeiro. Grucha, tu és uma boa alma, mas não tens muita cabeça. Ouve o que te digo, se ele estivesse com lepra, não seria mais perigoso. Livra-te dele.

O Moço da Estrebaria volta com embrulhos, que distribui entre as mulheres. Todas, exceto Grucha, se preparam para ir-se embora.

GRUCHA *obstinada* Ele não tem lepra nenhuma. Olha pra gente como uma criatura humana.

COZINHEIRA Então tu não olhes pra ele. Tu és sempre a bobinha de que os outros se aproveitam. Quando te dizem: "Corre, vai buscar a salada, tens pernas mais compridas", lá sais tu correndo. Vamos tomar o carro de bois, podes vir conosco, se andares depressa. Jesus! A esta hora o quarteirão todo deve estar pegando fogo.

CAMAREIRA Não empacotaste nada ainda? Olha, daqui a pouco vão chegar os couraceiros das casernas.

As duas mulheres e o Moço da Estrebaria vão-se embora.

GRUCHA Já vou. *Põe o menino no chão, olha-o durante alguns instantes, apanha nas malas que estão espalhadas em torno algumas peças de vestuário, com que cobre o menino, que continua dormindo. Depois entra no palácio para ir buscar as suas coisas. Ouvem-se passos dos cavalos e a gritaria das mulheres. O Príncipe Gordo entra com Couraceiros bêbados. Um deles traz na ponta da lança a cabeça do Governador.*

PRÍNCIPE GORDO Aqui, bem no meio. *Um soldado trepa nas costas de outro, segura a cabeça do Governador, suspende-a acima da porta principal e considera o efeito produzido.* Não está no meio! Mais à direita! Está bem! Meus amigos, quando mando fazer alguma coisa, quero que ela seja bem-feita. *Enquanto o soldado, com um prego e martelo, pendura a cabeça pelos cabelos.* Hoje de manhã, à porta da igreja, eu dizia a Georgi Abaschvíli: "Gosto dos céus sem nuvens". Mas gosto sobretudo é de um raio caindo do céu, sem nuvens. Ah, sim! Pena que eles tenham levado o garoto. Preciso dele absolutamente. Procurem-no em toda a Geórgia. Mil piastras!

Enquanto Grucha, olhando cautelosamente em redor, chega pela porta principal, o Príncipe Gordo sai com os Couraceiros. Ouve-se novamente o passo dos cavalos. Grucha carrega um embrulho e se dirige para a porta. Ao chegar perto dela, volta-se para ver se o menino ainda está lá. O Cantor principia a cantar. Ela pára, imóvel.

RECITANTE

Estando ela entre uma porta e outra, ouviu
Ou julgou ouvir um fraco apelo: o menino
Chamava-a, não choramingava, chamava-a inteligentemente,
Pelo menos assim lhe parecia. "Mulher", dizia ele, "socorre-me".
E prosseguiu, não choramingava, falava inteligentemente:
"Sabe, mulher, quem ouve um grito de socorro
E faz ouvidos moucos e passa; nunca mais
Ouvirá o doce apelo de seu amado,
Nem o canto de melro na madrugada, nem o delicado
Suspiro dos vindimadores exaustos às Ave-Marias".

Grucha dá alguns passos, aproxima-se do menino e inclina-se para ele.

Ouvindo essas palavras, ela volta para
Olhar o menino mais uma vez. Só para durante alguns instantes
Ficar junto dele, até que venha alguém
A mãe talvez ou outra pessoa qualquer

Grucha senta-se em frente do menino, apoiando-se na mala.

Antes de ela ir-se embora, pois demasiado é o perigo
E a cidade inteira
Se enche de chamas e gemidos.

A luz diminuindo como se caísse o crepúsculo e a noite. Grucha entra no palácio e volta trazendo uma lâmpada e leite, e dá de beber ao menino.

RECITANTE *em tom alto e forte*
Terrível é a tentação do bem!

Grucha está agora sentada e manifestamente velará ao pé do menino durante toda a noite. Em dado momento acende uma lampadazinha para alumiá-lo, ou o envolve num manto de brocado para aquecê-lo mais. De vez em quando apura os ouvidos e olha em torno para ver se vem alguém.

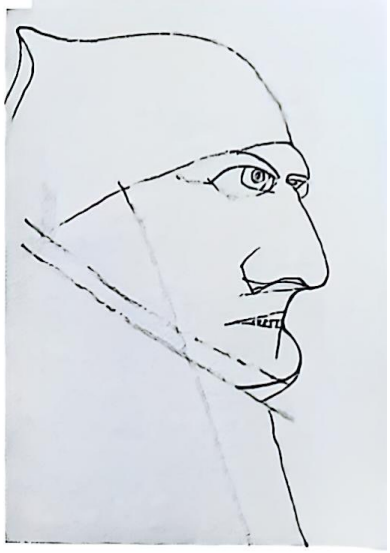
RECITANTE
Por muito tempo permaneceu ela sentada ao pé do menino.
E veio a tarde e veio a noite,
E veio a madrugada. Demasiadamente se demorou ali sentada
Demasiadamente olhou-o.
A respiração tranqüila
As mãos pequeninas...

Até que ao romper da manhã,
A tentação tornou-se forte demais,
E ela se levantou, inclinou-se, tomou-o nos braços, suspirando,
E saiu com ele.

Ela executa o que o Recitante diz, com os gestos que ele descreve.

Como o despojo levou-o
Como uma ladra desapareceu.

Segundo quadro



A FUGA PARA AS MONTANHAS DO NORTE

RECITANTE

Grucha Vachnadze saiu da cidade
Pela estrada georgiana,
A caminho das montanhas do norte,
E cantava, e comprava leite.

OS MÚSICOS

Como escapará a compadecida
Aos cães farejadores de sangue, aos armadores de emboscadas?
Ela ia para as montanhas onde não há homens,
Ela ia pela estrada georgiana,
E cantava, e comprava leite.

Grucha Vachnadze, levando às costas o menino metido num saco, e trazendo na mão esquerda um embrulho e na outra um bastão comprido.

GRUCHA *cantando*
Quatro generais
Foram para o Irão
O primeiro não combateu,
O segundo não venceu,
O terceiro sempre achava
Péssimo o tempo, e para o quarto
Nenhum soldado prestava.

Sosso Robakidze
Marchou para o Irão
Duramente combateu,
Em pouco tempo venceu.
Sempre bom o tempo ele achava,
Sempre os seus soldados gabava.
Sosso Robakidze
É o nosso campeão.

Aparece uma cabana de camponeses.

GRUCHA *para o menino* Meio-dia, todo mundo vai comer. Então vamos ficar sentados na grama, esperando que a boa Grucha arranque deles uma canequinha de leite. *Senta o menino no chão e bate à porta da cabana. Um Velho camponês abre a porta.* Quer ter a bondade de me arranjar uma canequinha de leite e se possível uma broazinha de milho?

VELHO Leite? Não temos leite. Os senhores soldados vindos das cidades levaram nossas cabras: vá procurar os senhores soldados, se quiser leite.

GRUCHA Mas um meio litro de leite para uma criança o senhor talvez tenha, avozinho?

VELHO Por um "Deus lhe pague!", pois não?

GRUCHA Quem está falando em "Deus lhe pague!?" *Tira a carteira.* Aqui se paga como em casa de príncipes. A cabeça nas nuvens e o traseiro n'água! *O Camponês vai buscar o leite resmungando.* E quanto custa meio litro?

VELHO Três piastras. O leite encareceu.

GRUCHA Três piastras? Por uma gotinha? *O velho bate-lhe com a porta na cara.* Ouviste, Miguel? Três piastras! Isso está além das nossas posses. *Volta para trás, senta-se e dá o seio ao menino.* Vamos experimentar mais uma vez assim. Suga bem, pensa nas três piastras! Não tem nada lá dentro, mas tu te imaginas que estás bebendo, e isso já é alguma coisa. *Abana a cabeça ao ver que a criança não suga mais. Levanta-se, volta à porta, bate novamente.* Abre, avozinho, nós pagamos! *Em voz baixa.* Velho de uma figa! *Quando o velho abre a porta.* Eu pensava que o leite custaria uma meia piastra, mas a criancinha precisa comer. Que tal uma piastra?

VELHO Duas.

GRUCHA Não bata a porta de novo. *Remexe longamente na carteira.* Uma, duas, aqui está. Mas o leite precisa aproveitar a criança. Temos ainda que fazer uma longa caminhada. Isto é uma esfola, é um pecado.

VELHO Bata nos soldados se quer leite.

GRUCHA *dando de beber ao menino* Um prazer que custa caro! Bebe, Miguel, é o salário de meia semana. Esta gente aqui pensa que nós ganhamos o nosso dinheiro com a bunda. Miguel, Miguel, arranjei contigo uma boa carga! *Olhando o manto de brocado que envolve a criança.* Um manto de brocado que vale mil piastras e nem uma piastra para o leite. *Olha para trás.* Um carro com refugiados ricos! Vamos pedir carona.

Em frente de um caravançará vê-se Grucha, envolvida no manto de brocado, abordar duas senhoras distintas. Ela traz a criança nos braços.

GRUCHA Ah, as senhoras desejam também pernoitar aqui? Que horror! Tudo está repleto, não se acha uma condução! Meu cocheiro me largou na mão e voltou para trás sem mais aquela. Fizemos a última meia légua a pé. De pés descalços! Meus sapatos persas – sabem o que é salto alto. Mas não aparece ninguém?

SENHORA MAIS VELHA O hoteleiro se faz esperar. Depois do que se passou na capital, não há mais boas maneiras em todo o país.

O Hoteleiro, um velho muito digno de barba comprida, sai seguido de um criado.

HOTELEIRO Queiram desculpar um velho, se as fiz esperar, minhas senhoras. Meu netinho estava me mostrando um pessegueiro em flor na encosta, lá do outro lado do milharal. Temos lá umas árvores frutíferas, umas duas cerejeiras. Para o lado oeste (*mostra*) o terreno é pedregoso, os camponeses levam os carneiros

para pastarem lá. As senhoras precisavam ver as flores dos pessegueiros. A cor da rosa é linda.

SENHORA MAIS VELHA A região aqui é fértil?

HOTELEIRO É uma terra abençoada. E que tal no sul, Excelência? Vem sem dúvida do sul?

SENHORA MAIS MOÇA Devo confessar que não prestei atenção à paisagem.

HOTELEIRO *polidamente* Compreendo a poeira... Em nossa estrada militar é recomendável ir devagar, a menos que se tenha pressa.

SENHORA MAIS VELHA Põe o véu em volta do pescoço, querida. A viração da tarde parece fria aqui.

HOTELEIRO Vem das geleiras do Janga-Tau, minhas senhoras.

GRUCHA É, receio que seu filhinho se resfrie.

SENHORA MAIS VELHA É um caravançará imenso! Talvez possamos ficar aqui.

HOTELEIRO Oh, as senhoras querem quartos? Mas o caravançará está superlotado, minhas senhoras, e os criados foram embora. Sinto imensamente, mas não posso aceitar mais ninguém, mesmo com referências...

SENHORA MAIS MOÇA Mas nós não podemos pernoitar na estrada.

SENHORA MAIS VELHA *secamente* Quanto quer?

HOTELEIRO As senhoras compreendem que uma casa, nestes tempos, com tantos refugiados, muito respeitáveis, certamente, porém malvistos pelas autoridades e que procuram um asilo, precisa tomar cautelas especiais. Por isso...

SENHORA MAIS VELHA Meu caro senhor, nós não somos refugiadas. Estamos a caminho de nossa residência nas montanhas, eis tudo. Não nos ocorreria a idéia de pedir hospedagem, se não tivéssemos tão... urgente necessidade.

HOTELEIRO *assentindo com a cabeça* Sem dúvida. Não creio, porém, que a única peça disponível possa convir às senhoras. São sessenta piastras por pessoa. As senhoras estão juntas?

GRUCHA Em certo sentido, eu também preciso de um cantinho.

SENHORA MAIS MOÇA Sessenta piastras! É escorchante.

HOTELEIRO *friamente* Minhas senhoras, não tenho a menor vontade de escorchar ninguém, por isso...

Dá as costas para retirar-se.

SENHORA MAIS VELHA Que necessidade havia de falar de escorcha? Vem.

Entra seguida do criado.

SENHORA MAIS MOÇA *em tom de desespero* Cento e oitenta piastras por um quarto? *Voltando-se e olhando para Grucha.* Mas é impossível com a criança. Se ela começar a gritar?

HOTELEIRO O quarto custa cento e oitenta piastras, para duas ou três pessoas.

SENHORA MAIS MOÇA *mudando de tom, a Grucha* Por outro lado, não me é possível, meu bem, imaginá-la largada lá fora na estrada. Venha conosco.

Entram no caravançará. Do outro lado do palco aparece o criado carregando algumas bagagens. Atrás dele a senhora mais velha, depois a segunda e Grucha com a criança.

SENHORA MAIS MOÇA Cento e oitenta piastras! Nunca me senti tão abalada, desde que trouxemos para casa o nosso querido Igor.

SENHORA MAIS VELHA Para que falar de Igor?

SENHORA MAIS MOÇA Na verdade somos quatro, a criança também conta, não? *A Grucha.* Não pode concorrer pelo menos com a metade da despesa?

GRUCHA Impossível. Não vê que tive de partir às carreiras e o Oficial de ordenança se esqueceu de pôr bastante dinheiro na minha carteira?

SENHORA MAIS VELHA Não tens nem as sessenta piastras?

GRUCHA Sessenta eu pago.

SENHORA MAIS MOÇA Onde estão as camas?

CRIADO Cama não tem. Só tem cobertores e colchões de palha. As senhoras mesmas é que têm de fazer tudo e se considerem muito felizes de não serem atiradas à vala comum... como tantos outros. *Sai.*

SENHORA MAIS MOÇA Ouviste o que ele disse? Vou me queixar ao hoteleiro. Este malcriado precisa de um bom castigo.

SENHORA MAIS VELHA Como teu marido?

SENHORA MAIS MOÇA Como você é dura!

SENHORA MAIS VELHA Precisamos arranjar alguma coisa que pareça uma cama.

GRUCHA Isso é comigo. *Senta a criança.* Quando se é mais de uma, as coisas ficam facilitadas. As senhoras têm ainda a carruagem. *Varrendo o assoalho.* Fui apanhada completamente de imprevisto, "Minha cara Anastácia Katarinowska", me dizia meu marido antes do almoço, "vai te deitar um instante, sabes com que facilidade te vem logo tua enxaqueca". *Traz os colchões arrastando-os, faz as camas; as duas senhoras, observando o trabalho dela, entreolham-se.* "Georgi", disse eu ao Governador, "não posso me deitar quando temos sessenta convidados para o almoço, bem sabes que não se

pode confiar nos criados, e Miguel Georgiewitch não come nada sem mim". *A Miguel.* Estás vendo, Miguel, eu não te dizia que tudo acabaria bem? *De repente vê que as duas senhoras a observam atentamente e cochicham.* Bem, assim, pelo menos, não nos deitamos no assoalho duro. Pus os cobertores dobrados.

SENHORA MAIS VELHA *em tom de mando* Vejo que sabes fazer bem uma cama, meu bem. Mostre as suas mãos!

GRUCHA *assustada* Que quer dizer com isso?

SENHORA MAIS MOÇA Que mostre as suas mãos.

Grucha mostra as suas mãos às senhoras.

SENHORA MAIS MOÇA *triunfante* Gretadas! Uma criada!

SENHORA MAIS VELHA *indo até a porta e gritando para fora* Ô de casa!

SENHORA MAIS MOÇA Foste apanhada, velhaca. Confessa, o que estavas tramando?

GRUCHA *desorientada* Não estava tramando nada. Pensei que talvez as senhoras me deixassem viajar no seu carro. Eu vou-me embora agora mesmo.

SENHORA MAIS MOÇA *enquanto a outra continua a chamar* Vais sim, mas com a polícia! Por enquanto fica aí e não te mexas!

GRUCHA Mas eu queria mesmo pagar as sessenta piastras, estão

aqui. *Mostra a carteira.* Veja a senhora mesma: quatro moedas de dez, uma de cinco, não, é também de dez, são sessenta. Quero só um lugar no carro para o menino, é a verdade!

SENHORA MAIS MOÇA Ah! Era isso! Querias um lugar no carro!

GRUCHA Minha boa senhora, eu confesso, sou de origem humilde; por favor, não chame a polícia. A criança é de família importante, vejam a camisolinha de linho, ela está fugindo como as senhoras.

SENHORA MAIS MOÇA De família importante, hein? O pai é um príncipe, não?

GRUCHA *fora de si, à Senhora mais velha* Não grite assim! A senhora não tem coração?

SENHORA MAIS MOÇA *à Senhora mais velha* Cuidado, ela vai te agredir, é perigosa! Socorro! Assassina!

CRIADO *acorrendo* O que é que há?

SENHORA MAIS VELHA Esta criatura se introduziu aqui, fazendo-se passar por uma senhora. Provavelmente é uma ladra.

SENHORA MAIS MOÇA E perigosa. Queria fazer-nos vítimas. É um caso de polícia. Já estou sentindo a minha enxaqueca, ah meu Deus!

CRIADO Polícia não existe neste momento. *A Grucha.* Apanha tuas coisas, minha filha, e some, como a salsicha no guarda-comida.

GRUCHA *tomando a criança nos braços* Monstros! Mas virá o dia em que eles hão de espetar a cabeça de vocês no alto do muro!

CRIADO *empurrando-a para fora* Cala a boca. Senão vem o velho e ele não é de brincadeira.

SENHORA MAIS VELHA *à Senhora mais moça* Verifica se ela não roubou alguma coisa!

Enquanto as senhoras revistam febrilmente as suas coisas para ver se algo não tinha sido roubado o Criado sai à esquerda com Grucha.

CRIADO Não te fies de aparências, é o que eu digo sempre. Daqui por diante, olha bem para as pessoas antes de te meteres com elas.

GRUCHA Eu imaginei que uma pessoa do mesmo nível elas tratariam melhor.

CRIADO Qual o quê? Acredita, não há nada mais difícil do que imitar criaturas vadias e inúteis. Se elas vêm a suspeitar que limpas teu cu tu mesma ou alguma vez na vida já trabalhastes com tuas mãos, estás perdida. Uma dama da sociedade tem uma criada para cada coisa. Espera um instante, vou te trazer um pão de milho e umas duas maçãs.

GRUCHA Melhor não. Prefiro ir-me embora logo, antes que o patrão chegue. E se eu caminhar toda a noite ficarei fora de perigo, imagino.

Vai embora.

CRIADO *a meia-voz enquanto ela se afasta* Toma a esquerda na primeira encruzilhada.

Ela desaparece.

RECITANTE
Quando Grucha Vachnadze se dirigia para o norte,
No seu encalço iam os couraceiros do Príncipe Kazbeki.

MÚSICOS
Como podiam os pés descalços escapar aos couraceiros
<aos cachorros, às armadilhas?>
Mesmo de noite caçavam-na. Os perseguidores
Não conhecem fadiga. Os matadores dormem pouco.

Dois Couraceiros marcham a pé pela estrada real.

O BRIGADEIRO Cabeça de Pau, nunca serás coisa alguma. Por quê? Porque não pões o coração no que fazes. O chefe percebe isso em ninhariazinhas. Quando anteontem eu agarrei aquela mulher, você ficou segurando o marido, como eu tinha ordenado, e lhe aplicaste um pontapé na barriga, fizeste-o com prazer, como um bom soldado, ou simplesmente por obrigação? Eu estava te observando, Cabeça de Pau. És como a palha oca ou a campainha que retine, nunca serás promovido. *Caminham algum tempo em silêncio.* Não penses que não percebo que não perdes ocasião de ser recalcitrante. Proíbo-te andar mancando. Estás fazendo isso só porque vendi os cavalos, pois não poderia obter o

mesmo preço noutra ocasião. Mancando gostas de insinuar que não gostas de andar a pé, eu te conheço. Mas não adianta, ao contrário. Vamos cantar alguma coisa.

OS DOIS COURACEIROS <*cantam*>
Triste marcho pro canto de luta,
Meu amor vai em casa ficar.
Meus amigos tomai conta dela
Até o dia que eu possa voltar.

CAPORAL Mais alto!

OS DOIS COURACEIROS
Quando eu morrer, jogando-me a pá
De terra à cova, meu amor dirá:
"Estes os pés que me procuravam,
Estes os braços que me estreitavam."

Marcham novamente em silêncio.

CAPORAL Um bom soldado põe corpo e alma no que faz. Se deixa retalhar pelo seu superior. Com os olhos que vai fechar para sempre, sorri para o seu Caporal, que lhe acena aprovando. Essa recompensa lhe basta, e é tudo o que ele deseja. Mas tu não terás esse olhar de aprovação, e esticarás a canela da mesma maneira. Jesus crucificado, como poderei com tal subordinado descobrir o garoto do Governador, é o que eu queria saber.

Prosseguem a marcha.

RECITANTE

Quando Grucha Vachnadze chegou ao rio,
Cansada estava da fuga, pesado demais o pobrezinho.

OS MÚSICOS

Nos trigais a madrugada cor-de-rosa
É, para quem passou a noite em claro, só frio. O tinido alegre
Dos baldes de leite que se entrechocam nas granjas, de onde sobe
[o fumo.
Soa ameaçador aos ouvidos do fugitivo. A que leva nos braços a
[criancinha.
Sente o fardo pesado...

GRUCHA *em frente de uma granja* Estás de novo molhado, e sabes que eu não tenho fraldas para ti, Miguel, agora temos que nos separar. Estamos ainda muito longe da cidade. Eles não estarão tão encarniçados atrás de ti, meu mijãozinho, pra te perseguirem até cá. A mulher tem um ar simpático e repara como aqui cheira a leite! Então felicidades, Miguel, procurarei esquecer os pontapés que me davas nas costas a noite inteira pra que eu andasse mais depressa, e tu esquece a pobreza da comida que eu te servia, a intenção era boa. Eu gostaria de ficar contigo mais tempo, porque teu nariz é tão pequenininho, mas não é possível. Gostaria de te mostrar a primeira lebre, de te ensinar a não mijar na fralda, mas tenho que voltar pra casa, pois meu noivo, que é soldado, pode voltar também, e se ele não me encontrar? Não hás de querer isso, Miguel!

Entra na granja uma Camponesa gorda levando um balde de leite. Grucha espera que ela tenha entrado, depois se aproxima com cautela da casa.

Esgueira-se até a porta e depõe na soleira a criança. Em seguida vai aguardar atrás de uma árvore, até que a mulher aparece de novo à porta e depara com o embrulho.

CAMPONESA Jesus Cristo! Que é isto que está aqui? Marido, vem cá!

CAMPONÊS *vem* Que é? Me deixa tomar minha sopa.

CAMPONESA *para a criança* Quem é tua mãe? Não tens mãe? É menino. E a camisinha é de linho puro, é uma criança fina. Abandonaram ele aqui na porta, um sinal dos tempos!

CAMPONÊS Se pensaram que vamos criá-lo pra eles, se enganaram. Vai à aldeia entrega ao cura e acabou-se.

CAMPONESA Que pode fazer o cura? O que o bebê precisa é de uma mamãe. Olha ele está acordando. Não achas que podemos ficar com ele?

CAMPONÊS *gritando* Não!

CAMPONESA Se eu acomodá-lo no canto perto da cadeira de braço, basta uma cesta, e quando eu for pro campo, levo ele comigo. Olha como ri! Meu bem, temos um teto e podemos perfeitamente fazer isso, não digas mais nada.

Leva o menino para dentro, o Camponês acompanha-a protestando, Grucha sai de trás da árvore, ri e afasta-se precipitadamente na direção oposta.

RECITANTE Por que vais serena, tu que tornas a tua casa?

MÚSICOS
Porque o pobrezinho,
Com o seu sorriso arranjou novos pais, sinto-me sossegada.
Porque me vejo livre dele, do meu queridinho, me alegro.

RECITANTE E por que triste?

MÚSICOS
Porque vou livre e desimpedida, estou triste
Como quem foi roubado,
Como quem perdeu tudo.

Caminhara ela uma curta distância, quando encontra os dois Couraceiros que apontam suas lanças.

CAPORAL Menina, caíste em poder da autoridade militar. Donde vens tu? Tens relações não permitidas com o inimigo? Onde está ele? Que movimentos executa a tua retaguarda? Que tal as colinas, que tal os vales, como estão prendidas as meias?

GRUCHA *parando aterrada* Estão muito bem prendidas, o melhor é bater em retirada.

CAPORAL Bato sempre em retirada, pra isso podem contar comigo. Por que olhas tanto pra minha lança? "O soldado em campanha não larga a lança um só instante." É a instrução, decora isso, Cabeça de Pau. Então menina, pra onde vais?

GRUCHA Vou encontrar-me com meu noivo, seu soldado, um certo Simão Chachava, e guarda no palácio em Nukha. E se eu escrever a ele contando isto, ele quebrará os ossos de vocês todos.

CAPORAL Simão Chachava? Conheço muito. Ele me deu a chave para que eu fosse te ver de vez em quando. Cabeça de Pau, estamos ficando malquistos. Precisamos declarar que as nossas intenções são boas. Moça, sou de natureza séria, que se esconde atrás de aparências brincalhonas, e por isso te digo oficialmente: Quero que me dês um garotinho. *Grucha solta um grito fraco.* Cabeça de Pau, ela entendeu. Um sustinho doce, não? "Primeiro tenho que tirar o macarrão do forno, meu capitão, primeiro tenho que mudar a camisa rasgada, meu coronel." Brincadeira à parte, moça, estamos à procura de um certo menino que veio da cidade para aqui. Uma criança fina, vestida de camisinha de linho fino. Não ouviste falar dela?

GRUCHA Não, não ouvi falar não.

RECITANTE
Foge amorável, aí vêm os matadores!
Ampara o desamparado, desamparada! E ela foge.

Grucha vira-se de repente e corre num terror pânico. Os Couraceiros se entreolham e saem-lhe no encalço praguejando.

MÚSICOS
Nos tempos mais sanguinários
Vivem seres humanos de bom coração.

Na granja a Camponesa gorda se curva sobre a cesta em que o menino dorme, quando Grucha entra de chofre.

GRUCHA Esconda ele depressa! Os couraceiros vêm aí! Fui eu que pus ele na porta, mas não é meu, é de família importante.

CAMPONESA Quem está aí? Que couraceiros?

GRUCHA Não faças perguntas. Os couraceiros que andam procurando ele.

CAMPONESA Eles não têm nada que procurar aqui. Mas eu preciso ter uma conversa contigo.

GRUCHA Tire a camisinha dele, é de linho fino, isso nos trairia.

CAMPONESA É só linho pra'qui, linho pra'li. Em minha casa mando eu e não venhas vomitar na minha cozinha. Por que te descartaste dele? É um pecado.

GRUCHA *espiando para fora* E vêm eles! Atrás daquelas árvores. Eu não devia ter fugido, isso irritou eles. Que fazer agora?

CAMPONESA *olhando também para fora e soltando de repente um grito rouco* Jesus, Maria, couraceiros!

GRUCHA Estão à procura do menino.

CAMPONESA Mas se entrarem aqui?

GRUCHA Não entregue ele. Diga que é seu filho.

CAMPONESA Sim.

GRUCHA Se entregar vão estrafegar o pobrezinho.

CAMPONESA Mas se eles exigirem? Tenho em casa o dinheiro para a colheita.

GRUCHA Diga que é seu filho.

CAMPONESA Sim, mas se não acreditarem?

GRUCHA Fale firme.

CAMPONESA Eles vão atear fogo na casa.

GRUCHA Por isso mesmo é que é preciso dizer que é a mãe dele. Chama-se Miguel. Eu não devia lhe ter dito isto. *A Camponesa concorda com a cabeça.* Não bula assim a cabeça. E não trema, senão eles vão desconfiar.

CAMPONESA Sim.

GRUCHA Pare com tanto "sim", não aturo mais. *Sacode-a.* Não tem nenhum filho?

CAMPONESA *murmurando* Foi pra guerra.

GRUCHA Então, a estas horas, talvez seja também couraceiro.

Matará crianças? Não, que ele ouviria boas: "Pára de traçar com tua lança na minha cozinha, foi pra isto que te criei? Vai lavar o focinho antes de falares com tua mãe."

CAMPONESA É verdade, ele não faria isso.

GRUCHA Me prometa dizer que é seu filho.

CAMPONESA Prometo.

GRUCHA Estão chegando.

Batem à porta. As mulheres não respondem. Entram os Couraceiros. A Camponesa inclina-se profundamente.

CAPORAL Lá está a pequena. Não te disse? Tenho faro pra elas. Moça quero te fazer uma pergunta: por que fugiste de mim? Imaginaste que eu queria de ti o quê? Alguma imoralidade, aposto. Confessa!

GRUCHA *enquanto a Camponesa continua as reverências* Eu tinha deixado o leite no fogo e de repente me lembrei.

CAPORAL Julguei que fosse porque pensasses que eu tinha olhado de maneira desonesta. Como se eu tivesse imaginado alguma coisa entre nós dois. Um olhar esquisito, me entende?

GRUCHA Não pensei nisso não.

CAPORAL Mas teria sido possível, não? Deves reconhecer. Eu

podia ser um devasso. Pra ser inteiramente franco contigo. Posso muito bem imaginar nós dois sozinhos. *À Camponesa.* Não tens nada a fazer lá fora? Dar milho às galinhas?...

CAMPONESA *caindo subitamente de joelhos* Seu soldado, eu não sabia de nada. Não toque fogo na minha casa!

CAPORAL De que é que está falando?

CAMPONESA Não tenho nada com isto, seu soldado. Foi ela que pôs o menino na minha porta, juro.

CAPORAL *avistando a criança, assobia* Ah, tem qualquer coisa bulindo dentro da cesta, Cabeça de Pau. Acho que vou ganhar mil piastras! Leva a velha para fora e toma conta dela. Tenho que fazer um interrogatório, ao que parece.

A Camponesa se deixa conduzir pelo soldado raso, sem uma palavra.

CAPORAL Está aí o garoto que eu queria de ti! *Aproxima-se da cesta.*

GRUCHA Seu oficial, esse menino é meu filho. Não é aquele que o senhor procura.

CAPORAL Isso é o que eu vou ver. *Debruça-se sobre a cesta, Grucha olha em torno desesperada.*

GRUCHA É meu filho. É meu filho.

CAPORAL Linho fino!

Grucha lança-se sobre ele, no intuito de afastá-lo. Ele a repele e volta a inclinar-se sobre a cesta. Ela olha em torno, desesperada, vê uma grossa racha de lenha, empurra-a, no seu desespero, e desfecha um golpe na nuca do Caporal. A este cai. Ela agarra depressa a criança e corre para fora.

RECITANTE

E fugindo dos couraceiros.
Após vinte e dois dias de caminhada,
Ao pé das geleiras do Janga-Tau
Grucha Vachnadze adotou a criança como filho.

MÚSICOS

A pobrezinha adotou como filho o pobrezinho.

Grucha Vachnadze, agachada à beira do rio meio gelado, colhe água nas mãos para levá-la ao menino.

GRUCHA *<canta>*

Já que em ninguém encontraste
Coração amigo,
Tens que, à falta de outro amparo,
Te arranjar comigo.

Porque, ao peito carregando-te,
Dias e dias, nas pedras
Da estrada os pés me feri,
Porque o leito era tão caro,
Fiquei gostando de ti,
Não posso passar sem ti.

Tira a camisinha fina,
Veste este trapo, lavar
Te vou e te batizar
Na água gelada do rio,
Meu lindo! Tens que agüentar.

Retira a camisinha de linho e envolve-o num trapo.

RECITANTE
Quando a Grucha Vachnadze, perseguida pelos couraceiros,
Chegou à pinguela da geleira, que dá passagem para as aldeias da [vertente leste,
Entoou a canção da pinguela apodrecida, arriscou as duas vidas.

Vento. Surge na penumbra a pinguela da geleira. Como um cabo se partiu, ela está meio pensa sobre o abismo. Uns criadores, dois homens e uma mulher, permanecem indecisos diante da pinguela. Quando a moça chega com a criança, um dos homens tenta pegar com uma vara o cabo pendente.

PRIMEIRO HOMEM Calma, não te apresses, moça. Não é possível passar na pinguela no estado em que ela está.

GRUCHA Mas eu preciso ir com a criança pra casa de meu irmão, do outro lado.

MULHER Precisa! Precisa! Eu também preciso, porque tenho que ir comprar dois tapetes em Atum, e é preciso também que outra mulher os venda, porque ela perdeu o marido. Mas posso fazer o que preciso? E ela pode? Andrei está remando há

duas horas para pescar o cabo, e ainda que consiga, como é que vai prendê-lo?

PRIMEIRO HOMEM *apurando o ouvido* Cala-te, parece que estou ouvindo qualquer coisa.

GRUCHA *alto* A pinguela não apodreceu completamente. Acho que posso tentar atravessar.

MULHER Eu não tentaria, mesmo que estivesse fugindo do demônio em pessoa. É um suicídio!

PRIMEIRO HOMEM *gritando* Olá!

GRUCHA Não chame! *À mulher.* Diga a ele pra não chamar ninguém!

PRIMEIRO HOMEM Mas há gente lá embaixo. Talvez alguém que se perdeu.

MULHER E por que não queres que ele chame? És culpada de alguma coisa? Vais fugindo?

GRUCHA Bem, tenho que lhes dizer. Estou fugindo dos couraceiros. Derrubei um com uma pancada na cabeça.

SEGUNDO HOMEM Esconde as mercadorias!

A mulher esconde um saco atrás de uma pedra.

PRIMEIRO HOMEM Por que não disseste logo isto? *Aos outros.* Se eles põem a mão nela, vão fazê-la em pedaços!

GRUCHA Me deixem passar.

SEGUNDO HOMEM Impossível: são dois mil pés de profundidade.

PRIMEIRO HOMEM Mesmo que pudéssemos agarrar o cabo, não adiantava. Podíamos segurá-lo com as mãos, mas depois os couraceiros atravessariam da mesma maneira.

GRUCHA Saiam da frente!

Apelos a alguma distância "Por ali, subindo!"

MULHER Eles vêm perto. Mas tu não podes passar a pinguela com a criança. É quase certo que ela vai desabar. Olha só pra baixo.

Grucha olha para baixo. Ouvem-se novamente as vozes dos Couraceiros embaixo.

SEGUNDO HOMEM Dois mil pés.

GRUCHA Pior que isso são aqueles homens.

PRIMEIRO HOMEM Não deves fazê-lo, mesmo que fosse por causa da criança. Tens o direito de arriscar a tua vida, mas não a da criança.

SEGUNDO HOMEM E depois, com ela ainda é mais peso.

UNIVERSIDADE FEDERAL
Biblioteca Comunitária
S. CARLOS

MULHER Talvez seja bom que ela passe mesmo. Dá-me o menino, eu o escondo e tu passas a pinguela sozinha.

GRUCHA Isso não. Somos unha e carne. *Para o menino.* Para a vida e para a morte. <*Canta.*>

Fundo é o abismo, filhinho,
Frágil a pinguela, mas
Não somos nós que escolhemos,
Meu lindo, o nosso caminho.

Tens que ir por aquele
Que eu achei pra ti,
Comer a comida
Que tenho pra ti.

Quatro porções temos,
Uma eu comerei,
Mas se três te bastam,
Isso é o que eu não sei.

Vou tentar.

MULHER Isso se chama tentar o senhor.

Vozes embaixo.

GRUCHA Por favor joguem fora a vara, senão eles agarram o cabo e passarão também.

Pisa na pinguela, que vacila. A Mulher solta um grito receando que a pinguela desabe. Mas Grucha prossegue e chega à outra margem.

PRIMEIRO HOMEM <Ela passou!>

MULHER *que se tinha ajoelhado e rezado quando Grucha atravessa a pinguela, em tom mau* Mas foi um pecado contra o senhor.

Chegam os Couraceiros. A cabeça do Caporal envolta em panos.

CAPORAL Viram passar uma moça com uma criancinha?

PRIMEIRO HOMEM *enquanto o segundo atira a vara no abismo* Vimos sim, passou para o outro lado e a pinguela não agüenta os senhores.

CAPORAL Cabeça de Pau, vais me pagar esta.

Grucha, da outra margem, ri e mostra a criancinha aos Couraceiros. Em seguida, prossegue o caminho. Venta.

GRUCHA *olhando para Miguel* Não tenhas medo do vento, ele também é um pobre diabo. Seu trabalho é empurrar as nuvens, e quase sempre tem frio.

Começa a nevar.

GRUCHA E a neve, Miguel, também não é o que há de pior. Seu trabalho é cobrir os pinheiros para que não morram no inverno. E agora vou cantar-te uma cantiga que fala de ti, escuta!

Canta.

Teu pai é um bandido;
Tua mãe, uma puta:
Verás a teus pés
O homem mais honrado.

O filho do tigre
Dará aveia às potrinhas;
O filho da cobra,
Leite pras mãezinhas.

Terceiro quadro

< NAS MONTANHAS DO NORTE >

RECITANTE

A irmã caminhou sete dias.
Atravessou a geleira, desceu as escarpas, sempre caminhando
"Quando eu entrar em casa de meu irmão", dizia consigo,
"Ele vai levantar-se, abraçar-me."
Dirá: "És tu, mana? Há muito te esperava.
Esta é a minha mulher querida. E esta propriedade
Que ela trouxe como dote, com onze cavalos e trinta e uma vacas.
[Senta-te!
Senta-te a nossa mesa com teu filhinho e come".
A casa do irmão ficava num vale ameno.
Quando a irmã chegou à casa do irmão, vinha doente de tanto
[caminhar.
O irmão ergueu-se da mesa.

Dois camponeses corpulentos se haviam sentado à mesa. Laurenti

Vachnadze já tem o guardanapo atado ao pescoço. Grucha, muito pálida, entra com o menino, amparada por um Criado.

LAURENTI Donde estás chegando, Grucha?

GRUCHA *fraca* Atravessei a garganta do Janga-Tau, Laurenti.

CRIADO Encontrei ela perto do moinho de feno, com a criancinha no colo.

CUNHADA Vai escovar a potrinha ruça.

Criado sai.

LAURENTI Esta é minha mulher, Aniko.

CUNHADA Nós pensávamos que estavas empregada em Nukha.

GRUCHA *que mal se pode ter em pé* Sim, era lá que eu estava.

CUNHADA Não era um bom emprego? Ouvimos dizer que era ótimo.

GRUCHA O Governador foi assassinado.

LAURENTI É, parece que houve perturbações de ordem lá. Tua tia já nos tinha contado, lembra-te, Aniko?

CUNHADA Aqui está tudo em paz. Nas cidades está sempre acontecendo alguma coisa. *Vai à horta e chama.* Sosso, Sosso, não tires

a torta do forno ainda não, ouviste? Onde te meteste? *Sai continuando a chamar.*

LAURENTI *em voz baixa, rapidamente* Ele tem pai? *Ela fez sinal que não.* Eu já tinha desconfiado. Precisamos inventar qualquer coisa, ela é muito devota.

CUNHADA *voltando* Estes criados! *A Grucha.* Tens um filho?

GRUCHA É meu, sim. *Desmaia. Laurenti a levanta.*

CUNHADA Jesus, Maria! Ela está doente. Que vamos fazer?

Laurenti quer levar Grucha para o banco do fogão. Aniko, assustada, faz sinal que não o faça e indica-lhe o saco encostado na parede.

LAURENTI *querendo levar Grucha para o banco do fogão* Senta-te. Senta-te. É só fraqueza.

CUNHADA Se não for escarlatina!

LAURENTI Se fosse, haveria manchas. É fraqueza, podes ficar tranqüila, Aniko. *A Grucha.* Te sentes melhor sentada?

CUNHADA A criança é dela?

GRUCHA É minha, sim.

LAURENTI Ela vai encontrar-se com o marido.

CUNHADA Ah, sim. Tua carne está esfriando. *Laurenti senta-se e começa a comer.* A comida fria não te faz bem, não se deve deixar esfriar a gordura. És fraco do estômago, sabes disso. *A Grucha.* Teu marido não está na cidade, onde está ele então?

LAURENTI Ela é casada do outro lado da montanha, diz ela.

CUNHADA Ah, do outro lado. *Senta-se à mesa para comer.*

GRUCHA Acho que preciso me deitar em algum lugar, Laurenti.

CUNHADA *continua a interrogar* Se for tuberculose, vamos todos pegar. Teu marido tem propriedade?

GRUCHA Ele é soldado.

LAURENTI Mas herdou uma granjazinha do pai.

CUNHADA Ele não foi pra guerra? Por quê?

GRUCHA *com dificuldade* Foi pra guerra, sim.

CUNHADA Então por que queres ir pra granja?

LAURENTI Quando ele voltar da guerra, irá para a granja.

CUNHADA Mas queres ir já pra lá?

LAURENTI Sim, para esperá-lo.

CUNHADA *gritando* Sosso, a torta!

GRUCHA *murmurando na febre* Uma granja. Soldado. Esperar. Senta-te, come.

CUNHADA É escarlatina.

GRUCHA *num sobressalto* Sim, ele tem uma granja.

LAURENTI Acho que é fraqueza, Aniko. Não queres ir ver o que há com a torta, meu bem?

CUNHADA Mas quando é que ele vai voltar, se a guerra, dizem, recomeçou? *Sai gritando e arrastando os pés.* Sosso, onde te meteste? Sosso!

LAURENTI *levantando-se rápido e indo ter com Grucha* Terás já uma cama no quarto. Ela é uma boa alma, mas só depois de comer.

GRUCHA *estendendo-lhe a criança* Toma.

Ele recebe a criança, relanceando os olhos em torno.

LAURENTI Mas não poderão ficar aqui muito tempo. Ela é muito devota, sabes?

Grucha desmaia. O irmão ampara-a nos braços.

RECITANTE
A irmã estava muito doente.

O pulha do irmão teve que hospedá-la.
O outono passou, veio o inverno.
O inverno foi longo.
O inverno foi curto.
Era preciso que os vizinhos não soubessem.
Era preciso que os ratos não mordessem.
Era preciso que a primavera não chegasse.

Grucha na cocheira, tecendo, ela e o menino, que está sentado no chão, envoltos em cobertores.

GRUCHA *cantando*
O noivo ia partir
E a noiva o seguia
Suplicantemente
Rogava e chorava,
Chorava e advertia:
Meu bem, meu amor,
Pois marcha pra guerra,
Pois vais combater
Contra os inimigos
Não vás na dianteira
Nem fiques pra trás.
Na frente há fogo vermelho,
E há fumo vermelho atrás.
Combate no ventre,
Junto ao porta-bandeira.
Os primeiros morreram sempre.
Os últimos caem também
Só os do meio voltam pra casa.

Miguel, temos que ser espertos. Se nos fizermos pequenos como as baratas, a cunhada esquecerá que estamos em casa dela. E podemos ficar aqui até que as neves se derretam. E não chores por causa do frio. Ser pobre e ainda por cima sentir frio é coisa que torna a gente antipática.

Entra Laurenti e senta-se perto da irmã.

LAURENTI Por que ficam vocês aí enrolados em cobertores como os cocheiros? Faz frio demais no quarto?

GRUCHA *despojando-se precipitadamente do xale* Não, Laurenti.

LAURENTI Se o frio fosse demais, não deverias ficar aqui com o menino. Aniko se sentiria culpada. *Pausa.* Espero que o Pope não te tenha feito perguntas sobre a criança.

GRUCHA Fez sim, mas eu não disse nada.

LAURENTI Fizeste bem. Quero te falar a respeito de Aniko. É uma boa alma, só que muito, muito sensível. Não é preciso falar-lhe especialmente da granja para ela ficar logo angustiada. É que ela sente tudo tão profundamente, sabes? Um dia, na igreja, a vaqueira tinha um buraco na meia, e desde então minha querida Aniko leva sempre dois pares de meia para a missa. Parece incrível, mas nas velhas famílias é assim. *Apura os ouvidos.* Tens certeza que não há ratos aqui? Porque do contrário, vocês não poderiam continuar aqui. *Ouve-se um ruído como gotas pingando no teto.* Que é que está pingando?

GRUCHA Há de ser alguma pipa que está vazando.

LAURENTI É, deve ser alguma pipa. Faz agora seis meses que estão aqui, não? Voltando a Aniko, não contei a ela o caso do couraceiro e ela é fraca do coração. É por isso que ela não sabe que tu não podes procurar um emprego, e é por isso que te fez ontem aquelas observações. *Ficam de novo ouvindo pingar.* Não imaginas como ela se preocupa por causa do teu soldado. "Se ele volta e não a encontra." Diz-me ela durante a noite e perde o sono. "Antes da primavera ele não pode voltar", lhe respondo. Tão boazinha. *Os pingos caem mais amiudados.* Quando achas que ele estará de volta? Qual o teu palpite? *Grucha permanece calada.* Mas quando vier a primavera e começar o degelo aqui e nos passos das montanhas, não deves ficar mais aqui, pois os que te procuram podem chegar, e depois uma criança sem pai dá sempre ocasião a falatórios.

O ruído dos pingos tornou-se mais forte e ininterrupto.

LAURENTI Grucha, a neve do telhado está se derretendo. É a primavera.

GRUCHA É.

LAURENTI *pressuroso* Sabes o que devemos fazer? Precisas ir para algum lugar, e como tens um filho, *suspira* é necessário que tenhas um marido, para evitar fuxicos. Por isso tratei de me informar, com as devidas cautelas, sobre o meio de arranjar um marido. E encontrei um, Grucha. Conversei com uma mulher que tem um filho, no outro lado da montanha, com uma pequena granja, ela está de acordo.

GRUCHA Mas eu não quero me casar com ninguém, tenho que esperar Simão Chachava.

LAURENTI Claro. Pensei em tudo. Não se trata de um marido para a cama, trata-se de um marido no papel. Foi justamente o que achei. O filho da mulher com quem acertei a coisa está pra morrer. Não é magnífico? Está nas últimas. É como disse: "Um homem do outro lado da montanha"! Quando chegares lá, ele terá dado o último suspiro, e tu estarás viúva. Que dizes a isso?

GRUCHA Um papel carimbado será útil para o Miguel.

LAURENTI Um carimbo é tudo. Sem um carimbo nem mesmo o Xá da Pérsia podia dizer que é o Xá. E terás um teto.

GRUCHA E que é que ela pede em troca?

LAURENTI Quatrocentas piastras.

GRUCHA E aonde vais buscar esse dinheiro?

LAURENTI *com ar de culpado* O dinheiro do leite de Aniko.

GRUCHA Lá ninguém nos conhece. Se é assim, eu aceito.

LAURENTI *levantando*-se Então vou logo comunicar à mulher. *Sai às pressas.*

GRUCHA Miguel, tu me pões num ror de dificuldades. Eu te calhei a ti como a pereira aos pardais. E a criatura de Cristo tem

que se abaixar e apanhar a crostinha de pão, pra que nada se perca. Miguel, eu teria feito melhor, se naquele Domingo de Páscoa em Nukha tivesse ido embora o mais depressa possível. Agora sou eu que pago o pato.

RECITANTE

O noivo estava à morte quando a noiva chegou.
A mãe do noivo esperava-a à porta e instou para que ela andasse
[depressa.
A noiva trazia consigo um filho, o padrinho escondeu-o durante
[a cerimônia do casamento.

Um aposento separado em dois por um tabique. De um lado uma cama, e atrás do mosquiteiro, um homem muito doente, hirto. Pelo outro lado entra correndo a sogra de Grucha, arrastando-a pela mão. Atrás vem Laurenti com o menino.

SOGRA Depressa, depressa, senão ele vai-se antes da bênção. *A Laurenti.* Mas que ela já tinha um filho não me foi dito.

LAURENTI Que importância tem isto? No estado em que se acha, é indiferente pra ele.

SOGRA Pra ele, não pra mim, que não sobreviverei a essa vergonha! Somos gente de respeito. *Começa a chorar.* O meu Iussup não merecia isto: casar-se com uma moça que já tem um filho.

LAURENTI Bem, darei duzentas piastras a mais. A granja ficará pra ti, por escrito, mas ela terá o direito de ficar morando aqui durante dois anos.

SOGRA *enxugando os olhos* Isso mal dá para as despesas do enterro. Espero que ela me dê uma mão na minha labuta. Mas cadê o frade? Deve ter escapulido pela janela da cozinha. Agora toda a aldeia vai nos cair em cima, se espalhar que Iussup está à morte. Ah, meu Deus! Vou procurar o frade mas ele não deve ver o menino.

LAURENTI Tomarei cuidado pra que ele não veja, mas por que um frade e não um padre?

SOGRA É a mesma coisa. Só que eu cometi a imprudência de pagar adiantado a ele a metade dos honorários, e com certeza ele já foi pra taverna beber. Espero... *Sai a passos rápidos.*

LAURENTI Fez economia com o padre, a miserável. Tratou um frade barato.

GRUCHA Se Simão Chachava chegar, diz a ele que venha me ver.

LAURENTI Sim. *Apontando o doente.* Não queres dar uma espiada nele? *Grucha, que segurou Miguel, faz sinal que não.* Não faz um movimento. Queira Deus não tenha chegado tarde demais.

Prestam ouvido. No outro aposento entram vizinhos. Lançam um olhar em volta e se instalam ao longo da parede. Começam a murmurar umas preces em voz baixa. Entra a Sogra com o Frade.

SOGRA *com irritado espanto ao Frade* Eu não dizia. *Cumprimenta os convidados.* Queiram ter paciência alguns instantes. A noiva de meu filho acaba de chegar da cidade e vai-se fazer um casamento de urgência. *Entra com o Frade no quarto de dormir.* Eu sabia que

irias dar com a língua nos dentes. *A Grucha.* A cerimônia pode se realizar imediatamente. Aqui está a ata do casamento. Eu e o irmão da noiva... *Laurenti procura dissimular-se no fundo, depois de ter recebido de Grucha rapidamente o menino.* Eu e o irmão da noiva somos os padrinhos.

Grucha inclinou-se diante do Frade. Encaminham-se todos para a alcova. A Sogra afasta o mosquiteiro. O Frade começa a murmurar em latim o texto litúrgico. Enquanto isso a Sogra faz constantemente sinais a Laurenti, que, para evitar que o menino chore, quer mostrar-lhe a cerimônia. Em dado momento Grucha se vira para olhar Miguel e Laurenti lhe acena agitando a mãozinha da criança.

FRADE Estás disposta a ser para teu marido uma esposa fiel e obediente, e ficar com ele até que a morte vos separe?

Como o moribundo não responde, o Frade repete a pergunta e relanceia os olhos em torno.

SOGRA Naturalmente que está. Não lhe ouviste "sim"?

FRADE Muito bem, está o matrimônio concluído. Mas devo dar a extrema-unção?

SOGRA Nada de extrema-unção. O casamento já me custou muito dinheiro. Agora tenho que me ocupar dos convidados. *A Laurenti* A combinação foram setecentas piastras, não?

LAURENTI Seiscentas. *Paga.* E eu não quero sentar-me com os convidados nem fazer conhecimento com ninguém. Então,

adeus, Grucha, e se minha irmã, depois de viúva, me vier visitar, será acolhida por minha mulher com um "seja bem-vinda", porque senão, ouvirá boas de mim. *Sai. Ao passar, os presentes o olham com indiferença.*

FRADE E pode-se saber que criança é esta?

SOGRA Criança? Não vejo criança nenhuma, nem tu tampouco. Entendeste? Senão, eu também posso ter visto o que fizeste na taverna. E agora venham todos.

Passam à outra peça, depois de Grucha ter posto no chão o menino, fazendo-lhe sinal para ficar sozinho e quietinho. Grucha é apresentada aos parentes.

SOGRA Minha nora. Chegou justo a tempo para ver o meu querido Iussup ainda em vida.

UMA MULHER Faz um ano que ele está de cama, não é? Quando meu Vassili foi recrutado, ele ainda esteve lá em casa para as despedidas.

OUTRA MULHER *confidencialmente* E nós, que a princípio pensamos que ele tinha ido pra cama por causa do recrutamento! Agora está morrendo.

SOGRA Tenham bondade, sentem-se e comam alguma coisa. *Faz um sinal a Grucha e as duas mulheres entram no quarto de dormir e apanham no chão bandejas de forno cheias de bolinhos. O Frade e convidados sentam-se no chão e começam a conversar em voz baixa.*

UM CAMPONÊS *muito idoso a quem o Frade passa uma garrafa que sacou do hábito* Um garoto, onde o teria arranjado Iussup?

TERCEIRA MULHER Em todo caso, ela teve a sorte de chegar ainda a tempo de se casar, senão ficava na mão.

SOGRA Agora estão mexericando e comendo todos os bolos. Se ele não morrer hoje, lá tenho eu que fazer mais bolinhos amanhã.

GRUCHA Deixe comigo, que eu faço.

SOGRA Ontem de noite, quando os soldados da cavalaria passaram, saí pra ver o que era e, quando voltei, ele estava que parecia um defunto. Foi por isso que mandei chamar-te. Isto não pode durar muito.

Apura o ouvido.

FRADE Caros presentes a estas bodas e a este velório, estamos aqui emocionados, em torno deste leito a um tempo nupcial e fúnebre, pois a esposa vem debaixo do véu de flores de laranjeiras, e o esposo debaixo da cova. O noivo já está de toilette feita, e a noiva a ponto. Pois no leito nupcial há um testamento, coisa muito atraente. Que diversidade, meus caros irmãos, nos destinos humanos! Um morre para ter um teto, outro se casa para que a sua carne volte ao pó de que foi feita, amém.

SOGRA *que ouviu* Está se vingando. Eu não podia encontrar um mais barato, ele tinha que ser isso mesmo. Um padre caro sabe se

comportar. Em Sura existe um que está até em cheiro de santidade, mas naturalmente pede uma fortuna. Um fradeco de cinqüenta piastras não tem nenhuma dignidade, e a devoção dele só chega a cinqüenta piastras, nem um vintém mais. Quando fui buscá-lo na taverna, ele fazia um discurso aos gritos: "Acabou a guerra". Irmãos, temei a paz! Temos que ir para a sala.

GRUCHA *dando um doce a Miguel* Coma um doce e sente quietinho, Miguel. Agora somos pessoas de respeito. *Vão as duas para a sala e levam aos convidados as bandejas de doces. O moribundo, atrás dos mosquiteiros, senta-se na cama e passa a cabeça pela abertura, seguindo com os olhos as duas mulheres. Depois torna a deitar-se. O Frade saca duas garrafas do hábito e estende-as aos camponeses que estão ao seu lado. Entram três Músicos que o Frade saúda com a mão, sorrindo escarninho.*

SOGRA *aos Músicos* Que vêm fazer aqui com esses instrumentos?

MÚSICO O irmão Anastácio (*aponta o Frade)* nos disse que haveria um casamento aqui.

SOGRA *ao Frade* O quê? Ainda me arranja mais esses três? *Aos Músicos.* Os senhores não sabem que tem um moribundo ali no quarto?

FRADE É uma ocasião estupenda para o artista. Para uma marcha triunfal em surdina ou uma dança fúnebre movimentada.

SOGRA Toquem ao menos; de comer ninguém os impedirá.

Os Músicos executam um pot-pourri. *As mulheres servem doces.*

FRADE A trombeta soa como uma gritaria de crianças no berço. E tu, tamborilzinho do demo, por que tamborila com tamanha gana?

Camponês junto ao Frade.

CAMPONÊS Que tal se a noiva desse um pouco a perna?

FRADE A perna ou as coxas?

CAMPONÊS *canta*
A moça novinha casou-se com um velho
"O velho que importa? Importa é casar!"
Diz ela, querendo desenfadar-se,
Brinca com o contrato de seu casamento
Pensando nas tochas a arder,
Quando o dia do velho chegar.

A Sogra expulsa o bêbado de casa. Cessa a música de súbito. Embaraço dos convidados. Pausa.

OS CONVIDADOS *falando alto* Já souberam? O Grão-Duque voltou. Mas os príncipes estão ainda contra ele. Oh, dizem que o Xá da Pérsia pôs à disposição dele um grande Exército pra que ele possa restabelecer a ordem aqui. Não é possível! O Xá da Pérsia é inimigo do Grão-Duque! Mas é inimigo também da desordem. Em todo caso, a guerra acabou. Os soldados já estão voltando.

Grucha deixa cair a bandeja.

UMA MULHER *a Grucha* Estás sentindo alguma coisa? É da emoção por causa do teu Iussup. Senta-te e descansa um pouco, minha filha.

Grucha permanece de pé, mal segura.

CONVIDADOS Agora tudo voltará a ser como dantes. Só que os impostos vão aumentar, pois temos que pagar a guerra.

GRUCHA *enfraquecida* Alguém disse que os soldados estão de volta?

HOMEM Fui eu.

GRUCHA Mas não pode ser.

HOMEM *a uma mulher* Mostra o xale! Compramos de um soldado. É da Pérsia.

GRUCHA *olhando o xale longamente* Voltaram, sim.

Longo silêncio. Grucha ajoelha-se como se fosse apanhar os doces, mas o que faz é tirar da blusa a cruz de prata suspensa na corrente. Beija-a e começa a rezar.

SOGRA *enquanto os convidados olham para Grucha calados* Que tens? Não queres te ocupar dos nossos convidados? Que bem nos importa as asneiras que fazem na cidade?

OS CONVIDADOS *retomando a conversa em voz alta, enquanto Grucha permanece ajoelhada à frente no chão* Arreios persas, que os soldados

vendem ou trocam por muletas, às vezes. Os figurões podem ganhar uma guerra, mas os soldados sempre perdem, dos dois lados. Ao menos agora a guerra acabou. Já é alguma coisa eles não nos agarrarem mais para o serviço do Exército. *Iussup senta-se de novo na cama e espia pela abertura do mosquiteiro, escutando.* Precisávamos é de mais umas duas semanas de bom tempo. As nossas pereiras não darão quase nada este ano.

SOGRA *oferecendo doces* Comam mais um, não façam cerimônia. Ainda tem mais.

A Sogra entra no quarto com a bandeja vazia. Não vê o doente e se abaixa para apanhar no chão outra bandeja carregada de doces. Nisso o doente começa a falar com voz rouca.

IUSSUP Até quando vais continuar a entupi-los de bolos? Pensas que eu possuo a galinha dos ovos de ouro? *A Sogra vai e volta em frente dele, olhando-o estarrecida. Vê-se ele levantar-se da cama atrás do mosquiteiro.* Eles não estão dizendo que a guerra acabou?

PRIMEIRA MULHER *na sala, a Grucha amigavelmente* Tem algum parente na guerra?

HOMEM Boa notícia que eles estão de volta, hein?

IUSSUP *à Sogra* Deixa de arregalar os olhos. Onde está a criatura que me pegaste como mulher? *Não recebendo resposta, sai da alcova em camisa e com passos mal seguros, passa diante da Sogra e penetra na sala. Ela o segue tremendo, com a bandeja.*

CONVIDADOS *avistando-o, exclamam com espanto* Jesus, Maria, José, Iussup!

Todos se levantam aterrados. As mulheres correm em massa para a porta. Grucha, sempre ajoelhada, vira a cabeça e olha Iussup com estupor.

IUSSUP Um pródigo enterro, é o que vocês me desejariam. Rua! Antes que eu os ponha daqui pra fora a pau!

Os convidados abandonam a casa precipitadamente.

IUSSUP *com ar sinistro a Grucha* Transtornei-te os cálculos, hein?

Como Grucha não lhe responde, ele se vira e tira um bolinho de milho da bandeja que a Sogra segura:

RECITANTE
Oh, a lição! A esposa descobre que tem um marido!
O dia, a criança, de noite, o marido.
O homem amado está a caminho dia e noite.
Os esposos se encaram. O quarto é acanhado.

Iussup está nu, sentado numa cuba de banho, e a Sogra despeja água nela. Na peça contígua está Grucha agachada junto de Miguel, que se distrai consertando uma esteirinha de palha.

IUSSUP Isso é trabalho dela, não teu, onde é que ela se meteu.

SOGRA *chamando* Grucha, Iussup está te chamando.

GRUCHA *a Miguel* Ainda restam dois buracos para tapares.

IUSSUP *quando Grucha entra* Esfrega as minhas costas!

GRUCHA Outra pessoa é que tem que fazer isso?

IUSSUP "Outra pessoa é que tem que fazer isso?" Pegue a escova, com mil demônios. És minha mulher, ou és uma estranha? *À Sogra.* Frio demais!

SOGRA Vou correndo buscar água quente.

GRUCHA Deixe que eu vou.

IUSSUP Fica aqui! *A Sogra sai correndo.* Esfrega com mais força! E não tomes esse ar, já vistes muitas vezes um homem nu. Teu garoto não foi feito por obra e graça do Espírito Santo.

GRUCHA O menino não é fruto do prazer, como está pensando.

IUSSUP *voltando-se para olhá-la, com escárnio* Aliás, tua cara não é de quem tem jeito pra coisa. *Grucha cessa de esfregar e recua. A Sogra entra.* Boa prenda me arranjaste pra mulher: um bacalhau seco!

SOGRA O que falta a ela é boa-vontade.

IUSSUP Despeja, mas com precaução. Ai! Eu te disse com precaução! *A Grucha.* Não me admiraria se viesse a saber que alguma coisa houve contigo na cidade. Senão, por que estarias aqui? Mas não falo disso, nem digo nada também do bastardo que trouxeste

pra minha casa, mas contigo minha paciência está chegando ao fim. Isto é contra a natureza. *À sogra.* Mais! *A Grucha.* Mesmo que o teu soldado volte, estás casada.

GRUCHA Sim.

IUSSUP Mas teu soldado não volta mais, precisas tirar isso da cabeça.

GRUCHA Não.

IUSSUP Tu estás me tapeando. És minha mulher sem seres minha mulher. Na cama em que te deitas não há nada deitado, e no entanto outra mulher não pode se deitar nela. De manhã, quando vou pro campo, estou morto de cansaço; mas de noite, quando vou deitar, estou espiritando como o demônio. Deus te deu um sexo, e tu, que fazes dele? Minha lavoura não me rende o bastante para eu pagar uma mulher na cidade, sem contar a caminhada. Mulher é pra mondar o campo e abrir as pernas, como diz o nosso almanaque. Estás ouvindo?

GRUCHA *em voz baixa* Sinto muito estar causando aborrecimentos.

IUSSUP Ela sente muito! *À Sogra.* Despeja mais. *Despejando.* Ai!

RECITANTE
Quando ela se sentava à beira do regato para lavar a roupa,
Via a sua imagem na água e seu semblante se tornava mais pálido
Com as luas que passavam.
Quando se erguia para torcer a roupa,

Ouvia sua voz no sussurro do bordo, e uma voz soava mais fraca
Com as luas que passavam.
Efúgios e suspiros eram mais freqüentes,
Lágrimas e suor mais abundantes,
E com as luas que passavam o menino ia crescendo.

À beira de um regato, Grucha, agachada, molha a roupa na água. A alguma distância brincam algumas crianças.

GRUCHA *a Miguel* Podes brincar com eles, Miguel, mas não deixes que mandem em ti por seres menor.

Miguel diz sim com a cabeça e junta-se aos outros meninos. Uma brincadeira principia.

MENINO MAIOR Hoje vamos brincar de cortar cabeça. *A um menino muito gordo.* Você é o príncipe e ri. *A Miguel.* Você é o Governador. *A uma menina.* Você é a mulher do Governador e chora quando a cabeça cai. Sou eu quem corta a cabeça *(mostra um sabre de madeira)* com isto. Primeiro o Governador é levado para o pátio. Na frente vai o Príncipe e, em último lugar, vai a mulher do Governador.

Forma-se o séquito. À frente vai o Menino gordo, rindo. Atrás seguem Miguel e o Menino Maior. Depois a Menina chorando.

MIGUEL *detendo-se* Eu também quero cortar a cabeça.

O MAIOR Isso sou eu que faço. Você é pequeno. Governador é mais fácil. Só tem que se ajoelhar e deixar que lhe cortem a cabeça. Não tem dificuldade.

MIGUEL Eu também quero a espada.

O MAIOR A espada é minha.

Dá um pontapé.

A MENINA *gritando para Grucha* Ele está atrapalhando o brinquedo.

GRUCHA *rindo* Na minha terra se diz que filho de peixe sabe nadar.

O MAIOR Você pode se fazer de Príncipe se souber rir.

MIGUEL *abana a cabeça.*

MENINO GORDO Quem sabe rir melhor sou eu. Deixe ele cortar uma vez a cabeça, depois corta você, depois eu.

O Maior dá de má-vontade a espada a Miguel e põe-se de joelhos. O Gordo, sentado, bate na coxa e ri a bandeiras despregadas. A Menina chora muito alto. Miguel volteia sobre o sabre, dá o golpe e cai para trás.

O MAIOR Au! Vou te ensinar como se degola!

Miguel foge, e os outros atrás dele. Grucha ri seguindo-os com o olhar. Quando se volta, avista o soldado Simão Chachava na outra margem do regato. Este veste um uniforme rasgado.

GRUCHA Simão!

SIMÃO Grucha Vachnadze?

GRUCHA Simão!

SIMÃO *formalizado* Deus abençoe a senhorita e lhe dê saúde.

GRUCHA *erguendo-se alegremente e inclinando-se profundamente* Deus abençoe o senhor Soldado. E louvado seja, porque vejo que o Soldado volta são e salvo.

SIMÃO Eles encontraram peixes melhores do que eu e por isso não me comeram, dizia a cavala.

GRUCHA O moço de cozinha fala de sua bravura; o herói de sua sorte.

SIMÃO E como vai isto por aqui? O inverno foi suportável, o vizinho atencioso?

GRUCHA O inverno foi sofrível, e o vizinho como de costume, Simão.

SIMÃO Pode-se fazer uma pergunta? Certa pessoa minha conhecida ainda tem o hábito de mergulhar a perna na água quando lava a roupa?

GRUCHA A resposta é não, por causa dos curiosos escondidos nas moitas.

SIMÃO A senhorita falou de soldado. Mas ela tem diante de si um sargento pagador.

GRUCHA O que significa vinte piastras, não?

SIMÃO E casa.

GRUCHA *com lágrimas nos olhos* Atrás da caserna. À sombra das tamareiras.

SIMÃO Exatamente. Pelo que vejo, já deu uma espiada por lá.

GRUCHA Já.

SIMÃO E nada está esquecido. *Grucha faz sinal que não.* Então, como se costuma dizer, tudo como dantes no quartel de Abrantes? *Grucha fita-o calada e abana de novo a cabeça.* Que há? Aconteceu alguma coisa?

GRUCHA Simão Chachava, não posso voltar para Nukha.

SIMÃO Por quê? Que sucedeu?

GRUCHA Sucedeu que eu parti a cabeça de um couraceiro.

SIMÃO Grucha Vachnadze deve ter tido suas razões.

GRUCHA Simão Chachava, eu não me chamo mais como me chamava.

SIMÃO *depois de uma pausa* Não entendo.

GRUCHA Quando é que as mulheres mudam de nome, Simão? Deixa-me explicar. Nada mudou entre nós, tudo está como dantes, podes acreditar.

SIMÃO Como assim? Tudo como dantes, no entanto já não é a mesma coisa?

GRUCHA Como posso explicar em tão pouco tempo e com o riacho entre nós dois? Não podes passar pro lado de cá?

SIMÃO Talvez não seja mais necessário.

GRUCHA É muito necessário, sim. Venha, Simão, depressa!

SIMÃO Quer dizer que cheguei tarde?

Grucha olha para ele desesperada, o rosto inundado de lágrimas. Simão queda absorto, apanha um graveto no chão e põe-se a cortá-lo.

RECITANTE
Tantas palavras foram pronunciadas, tantas ficam por dizer.
O soldado voltou. De onde voltou não diz.
Ouvi o que ele estava pensando e não disse:

A batalha começou ao amanhecer e tornou-se sangrenta ao
[meio-dia.
O primeiro caiu em frente de mim, o segundo caiu atrás de mim,
[o terceiro perto de mim.

Passei por cima do primeiro, abandonei o segundo, e o terceiro
[foi traspassado pelo sabre do capitão.
Um irmão meu foi ferido por arma branca, outro por bala de canhão.
As balas assobiavam em torno de minha cabeça, minhas mãos gelavam
[dentro das luvas; os dedos de meus pés dentro das meias.
Comia broto de álamo, bebia suco de bordo, dormia nas pedras, na
[água.

SIMÃO Estou vendo um gorro na grama. Algum garoto já?

GRUCHA Sim, Simão, como poderia ocultar? Mas não te preocupes, não é meu.

SIMÃO Há um provérbio que diz: "Quando o vento sopra, entra por todas as frestas". Não precisa acrescentar mais nada.

Grucha baixa os olhos e permanece silenciosa.

RECITANTE
A saudade era grande, todavia a moça não esperou até que ele
[voltasse.
O juramento foi quebrado. Por quê? A razão não foi revelada.
Ouvi o que ela estava pensando e não disse:

Quando estavas combatendo, soldado,
Na batalha sangrenta, na batalha amarga,
Encontrei uma criança que estava desamparada.
Não me consentiu o coração descartar-me dela.
Tive que me sacrificar pelo que sem mim estaria perdido,
Abaixar-me para apanhar no chão as migalhas de pão,

Fazer-me em pedaços pelo que não era meu,
Pelo estranho.
Mas alguém tem que dar socorro.
Pois o arbustozinho precisa de sua água.
O bezerrinho se perde quando o pastor dormita,
E o seu balido não é ouvido.

SIMÃO Restitui-me o crucifixo que te dei. Ou melhor, atira-o n'água. *Dá-lhe as costas para ir embora.*

GRUCHA *levantando-se* Simão Chachava não vá embora, ele não é meu. *Ouvindo as crianças chamarem.* Que foi que houve?

VOZES Soldados! Eles levaram Miguel!

Grucha olha perplexa. Dois Couraceiros caminham para ela, conduzindo Miguel.

COURACEIRO És Grucha? *Ela faz sinal que sim.* Este menino é teu filho?

GRUCHA É. *Simão vai-se embora.* Simão!

OS COURACEIROS Temos ordens do Tribunal pra levar este menino que está sob a tua guarda, pois a suspeita de que se trata de Miguel Abaschvíli, o filho do Governador Georgi Abaschvíli e de sua mulher Natella Abaschvíli. Aqui tem o papel do selo.

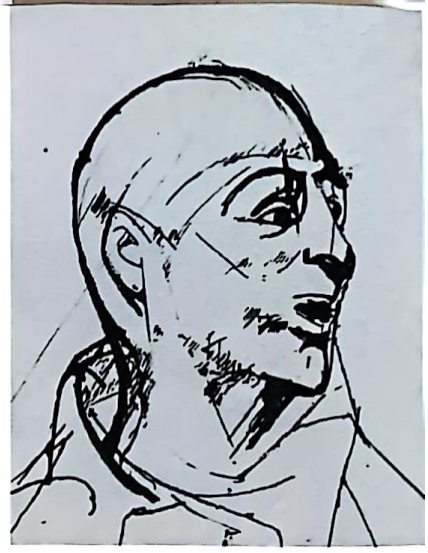
Levam o menino.

GRUCHA *correndo atrás e gritando* Larguem ele, por favor, ele é meu!

RECITANTE

Os couraceiros levam o menino, o querido menino que tantos
[sacrifícios lhe custou.
A infeliz segue-o rumo à cidade – a cidade perigosa.
A mãe de sangue reclama a criança.
A mãe de criação comparece perante o Tribunal.
Quem vai decidir o caso? A quem será entregue a criança?
Quem será o juiz? Será bom? Será mau?
A cidade arde em chamas.
Na cadeira de juiz, quem está sentado? Azdak.

Quarto quadro



A HISTÓRIA DO JUIZ

RECITANTE

E agora ouvi a história do juiz:
Como ele se tornou juiz, como julgava, que espécie de juiz era.
Naquele Domingo de Páscoa do grande levante, quando deposto
[foi o Grão-Duque
E degolado o seu Governador Abaschvíli, pai do nosso Miguel.
Azdak, o escrivão da aldeia, encontrou no bosque um foragido e
[escondeu-o em sua cabana.

Azdak, maltrapilho e bêbado, dá asilo em sua casa a um Fugitivo disfarçado de mendigo.

AZDAK Pára de bufar, não és nenhum cavalo. E não te adianta com a polícia estares correndo como um resfriado em abril. Fica quieto, rapaz. *Alcança novamente o Fugitivo que continua a andar como*

se quisesse atravessar a parede em frente. Senta-te e come, vou te dar um pedaço de queijo. *De uma arca cheia de trapos saca um queijo e o Fugitivo começa a comer com avidez.* Há muito que não comias, hein? *O Fugitivo murmura qualquer coisa.* Por que corrias tão afobado? O polícia não te teria visto.

FUGITIVO Era preciso.

AZDAK Cagaço? *O Velho olha sem compreender.* Medo? Não faças esse barulho comendo, como se fosses um Grão-Duque ou uma leitoa! Não suporto isso. Um porco da aristocracia a gente tem que aturar como Deus fez. Mas tu, não. Ouvi falar de um juiz do Supremo, que comendo no Bazar soltava traques para mostrar que era um homem livre. Vendo-te comer, tenho pensamentos horríveis. Por que não pronuncias uma palavra? *Ríspido.* Mostra a tua mão! Não ouves? Vamos, mostra a tua mão! *O Fugitivo estende-lhe a mão hesitante.* Branca. Com que então, não és um mendigo mas uma falsificação, uma impostura ambulante! E eu te dei asilo como se fosses um sujeito decente! Afinal de contas, por que andas foragido, se és um proprietário? Não negues o que és! *Levanta-se.* Rua! *O Fugitivo olha para ele apreensivo.* Que estás esperando, seu espancador de camponeses?

FUGITIVO Venho sendo perseguido. Rogo a tua atenção para uma proposta.

AZDAK Para quê? Para uma proposta? É o cúmulo do cinismo! Ele faz uma proposta. O coitado que foi mordido pela sanguessuga fica com as unhas tintas de sangue de tanto se coçar, e ele faz uma proposta! Rua, repito!

FUGITIVO Compreendo seu ponto de vista. Muito respeitável. Pago cem mil piastras por uma noite. Concorda?

AZDAK O quê? Pensas que podes comprar-me? Por cem mil piastras, o preço de uma propriedadezinha miserável... Digamos cento e cinqüenta mil. Onde estão elas?

FUGITIVO Naturalmente não as trago comigo, mas ser-lhe-ão enviadas, espero, não tenhas dúvida.

AZDAK Tenho muitas dúvidas. Rua!

O Fugitivo levanta-se e caminha para a porta. Ouve-se uma voz lá fora.

VOZ Azdak!

O fugitivo faz meia-volta, corre para o canto oposto e fica imóvel.

AZDAK *gritando* Não posso atender. *Caminha para a porta.* Vens de novo meter o bedelho onde não és chamado, Schauva?

POLÍCIA SCHAUVA *lá fora em tom de censura* Apanhaste de novo uma lebre, Azdak. E me tinhas prometido que isso não aconteceria mais.

AZDAK *severo* Não fales de coisa que não entendes, Schauva. A lebre é um animal perigoso e nocivo, que come as plantas, particularmente as chamadas ervas daninhas, e, portanto, deve ser exterminada.

SCHAUVA Azdak, não sejas cruel comigo. Perderei o meu emprego se não providenciar contra ti. Eu sei que tens bom coração.

AZDAK Não tenho bom coração coisa nenhuma. Quantas vezes já te disse que sou um intelectual?

SCHAUVA *astuto* Eu sei, Azdak. És um homem superior, tu mesmo o dizes; por conseguinte, eu, pobre de Cristo, te pergunto: se roubam uma lebre ao Príncipe, e eu sou da polícia, que devo fazer com o criminoso?

AZDAK Schauva, Schauva, devias ter vergonha! Tu te plantas na minha frente e me fazes uma pergunta, e não há nada que possa ser mais capcioso do que uma pergunta. Como se fosses uma mulher, uma Nunowna, por exemplo, uma perdida, e como Nunowna me mostraste a tua coxa, perguntando-me: "Que devo fazer com a minha coxa? Está me comichando". Ela é tão inocente quanto parece? Não. Eu apanho uma lebre, mas tu apanhas um homem. Um homem é uma criatura feita à imagem de Deus; uma lebre não, sabes disso. Eu sou um comedor de lebre, mas tu és um comedor de homem, Schauva, e Deus nos julgará. Schauva vai pra casa e penitencia-te. Não, espera aí, tenho talvez alguma coisa pra ti. *Lança um olhar ao Fugitivo que se mantém imóvel e trêmulo.* Neca, não há nada. Vai pra casa e penitencia-te. *Bate-lhe com a porta na cara.* Estás admirado de eu não ter te entregue, hein? Mas àquele animal da polícia, eu não entregaria nem um percevejo, me repugnaria. Não tremas de um polícia tão idoso e tão poltrão! Acaba de comer o teu queijo, mas come como um pobre, senão eles ainda te agarram. Será preciso que eu te ensine como procede um pobre? *Fá-lo sentar-se e põe na mão o pedaço de queijo.*

A arca representa a mesa. Põe os cotovelos na mesa e agarra o queijo com as duas mãos. Sobre o prato, como se te quisessem a todo momento arrebatá-lo, quem te assegura do contrário? Segura a faca como se ela fosse uma foicezinha, e não olhes pro queijo com tanta gula, olha antes preocupado, porque ele já está desaparecendo, como tudo que é belo. *Olha para ele.* Andam no teu encalço, o que depõe a teu favor, mas como posso saber se estão enganados a teu respeito? Em Tíflis, uma vez, enforcaram um ricaço, um turco. Ele conseguiu provar à polícia que tinha cortado os seus camponeses em quatro pedaços e não em dois, como é de costume, que os tinha feito suar os impostos duas vezes mais do que os outros proprietários; o seu selo estava acima de toda suspeita e no entanto ele foi enforcado como um criminoso, só porque era turco, coisa de que não tinha culpa. Uma injustiça. Foi para a forca como Pilatos para o Credo. Numa palavra: tu não me inspiras confiança.

RECITANTE

Assim que o nosso Azdak deu hospedagem por uma noite ao
[velho mendigo.
Quando ele veio a saber que era o Grão-Duque em pessoa o
["vampiro".
Ficou envergonhado, acusou-se, deu ordem à polícia de o levar a
[Nukha para ser julgado perante o Tribunal.

No pátio do Tribunal, três Couraceiros bebem sentados sobre os calcanhares. De uma pilastra pende um homem com a toga de juiz. Entra Azdak, acorrentado e arrastando Schauva.

AZDAK *gritando* Ajudei o Grão-Duque a fugir, o Grão-ladrão, o

Grão-vampiro! Reclamo severa condenação para mim, em audiência pública, em nome da justiça!

PRIMEIRO COURACEIRO Quem é esse bicho careta?

SCHAUVA É Azdak, o nosso escrivão.

AZDAK Sou eu, o abjeto, o traidor, o marcado. Eu hospedei inadvertidamente o Grão-Duque, ou melhor, o Grão-sacripanta, como só depois vim a descobrir por este documento encontrado em minha cabana. *Os Couraceiros examinam o documento, Azdak e Schauva.* Eles não sabem ler. Olhem o marcado se acusa ele próprio! Conta como eu te obriguei a galopar comigo a metade da noite até aqui, pra que tudo fique esclarecido.

SCHAUVA E debaixo de ameaças, o que não foi bonito de sua parte, Azdak.

AZDAK Cala a boca, Schauva, tu não podes compreender. Novos tempos chegaram, vais ser varrido pela tempestade, estás frito, os tiras serão liquidados, pfft! Tudo será escutado, posto a descoberto. Então é melhor que cada um se acuse, porque ninguém pode escapar à vigilância do povo. Conta como eu gritei rua dos Sapateiros abaixo. *Representa a cena com grandes gestos, olhando de esguelha os Couraceiros.* "Deixei escapar o Grão-sacripanta por mera ignorância, me cortem em pedaços, irmãos!" Pra que eu antecipe tudo o que virá depois.

PRIMEIRO COURACEIRO E que é que responderam?

SCHAUVA Na rua dos Couraceiros o consolaram, na rua dos Sapateiros, riram às gargalhadas, foi tudo.

AZDAK Mas com vocês a coisa é outra! Sei que vocês são homens de ferro. Onde está o juiz? Preciso ser interrogado.

PRIMEIRO COURACEIRO *apontando o corpo enforcado* Está ali o juiz. E pára de nos chamar de irmãos, esta noite a palavra soa mal aos nossos ouvidos.

AZDAK "Está aí o juiz!" Eis uma palavra jamais ouvida na Geórgia. Cidadãos, onde está Sua Excelência, o senhor Governador? *Aponta a forca.* Está ali! Onde está o perceptor geral dos impostos? E o Preboste? E o Arcebispo? E o Chefe de Polícia? Ali, ali, ali, todos ali. Irmãos, isto é o que eu esperava de vocês.

SEGUNDO COURACEIRO Um instante, o que é que esperavas?

AZDAK O que se viu na Pérsia, irmãos, o que se viu na Pérsia.

SEGUNDO COURACEIRO O que se viu na Pérsia?

AZDAK Faz quarenta anos. Todos enforcados. Vizires, perceptores. Meu avô, um tipo estranho, era um deles. Durante três dias, por toda parte.

SEGUNDO COURACEIRO E quem governou depois que o Vizir foi enforcado?

AZDAK Um camponês.

SEGUNDO COURACEIRO E quem passou a comandar o Exército?

AZDAK Um soldado, Soldado.

SEGUNDO COURACEIRO E quem pagava o soldo?

AZDAK Um tintureiro.

SEGUNDO COURACEIRO Não era um tecelão de tapetes?

PRIMEIRO COURACEIRO E por que tudo isso aconteceu, meu persa?

AZDAK Por que aconteceu? Haverá necessidade de uma razão particular? Por que razão a gente se coça, meu irmão? A guerra, guerra demasiado prolongada! E nenhuma justiça! Meu avô sabia a canção que narrava as coisas que se passaram. Eu e meu amigo polícia vamos cantá-la pra vocês. *A Schauva*. Segura bem a corda, isso faz parte da encenação. *Canta e Schauva segura a corda o tempo todo.*

Por que não sangram mais nossos filhos?
Por que não choram mais as nossas filhas?
Por que não se vê outro sangue senão dos novilhos nos
[matadouros?
Nem pela madrugada outros prantos senão os dos salgueiros do
[lago Urmi?
O nosso Imperador precisa de uma nova província, o camponês
[tem que dar o dinheiro do leite.
Para que todo mundo seja conquistado, os tetos das cabanas têm
[que ser arrancados.

Nossos homens são lançados aos quatro ventos para que os
[grandes possam banquetear-se em casa.
Os soldados se matam entre si, os generais se atracam,
Os alimentos são mordidos para o fisco averiguar se são bons,
As espadas, porém, essas partem-se logo.
Perdeu-se a batalha, mas os capacetes foram pagos.
Não é assim? Não é assim?

SCHAUVA Sim, sim, sim, sim, é assim!

AZDAK Querem ouvir até o fim?

O primeiro Couraceiro faz sinal que sim.

SEGUNDO COURACEIRO *a Schauva* Ele te ensinou a canção?

SCHAUVA Ensinou, mas não tenho boa voz.

SEGUNDO COURACEIRO É. *A Azdak.* Continua.

AZDAK
A segunda estrofe trata da paz. *Canta.*

As repartições estão superlotadas. Há funcionários sentados até
[a rua.
Os rios transbordam e devastam os campos.
Homens que não sabem nem abaixar as calças governam impérios.
Não sabem contar até quatro e devoram oito pratos de enfiadas.
Os cultivadores de milho procuram fregueses e só vêem gente
[que morreu de fome.

Os tecelões voltam dos teares em farrapos.
Não é assim? Não é assim?

SCHAUVA Sim, sim, sim, sim, sim, é assim!

AZDAK
Eis por que não sangram mais os nossos filhos e não choram mais
[as nossas filhas.
Porque não se vê outro sangue senão os dos novilhos nos
[matadouros.
Nem pela madrugada outro pranto senão o dos salgueiros no
[lago Urmi.

PRIMEIRO COURACEIRO *depois de um silêncio* E queres cantar esta canção aqui na cidade?

AZDAK Que inconveniência há nisso?

PRIMEIRO COURACEIRO Está vendo como o céu está vermelho ali? *Azdak olha em volta e vê o clarão vermelho ao longo do céu.* É o incêndio nos subúrbios. Hoje de manhã, quando o Príncipe Kazbeki mandou degolar o Governador Abaschvíli, os nossos tecelões-tapeceiros também apanharam a "moléstia da Pérsia" e foram perguntar ao Príncipe se também não comia pratos demais. Mas nós reduzimos eles a papa, a duas piastras por tecelão. Estás compreendendo?

AZDAK *depois de um silêncio* Estou. *Olha os Couraceiros amedrontado, esgueira-se para o lado, senta-se no chão com a cabeça entre as mãos.*

PRIMEIRO COURACEIRO *ao terceiro, depois de terem bebido* Presta atenção ao que vai se passar agora.

O primeiro e o segundo Couraceiros avançam para Azdak e lhe barram a saída.

SCHAUVA Meus senhores, acredito que no fundo ele não é má pessoa. Uns furtozinhos de galinha e de vez em quando uma lebre, talvez.

SEGUNDO COURACEIRO *avançando para Azdak* Vieste para cá pra ver se podias pescar em águas turvas, hein?

AZDAK *erguendo os olhos para ele* Nem sei mais por que vim.

SEGUNDO COURACEIRO Não és um dos filiados ao partido dos tecelões? *Azdak abana a cabeça.* E de onde vem essa canção?

AZDAK De meu avô. Um homem estúpido, ignorante.

SEGUNDO COURACEIRO Bem. E a história do tintureiro que pagava com soldo?

AZDAK Isso foi na Pérsia.

PRIMEIRO COURACEIRO E quanto à acusação contra ti mesmo, por não teres forçado o Grão-Duque com tuas próprias mãos?

AZDAK Não lhes disse que tinha deixado ele fugir?

SCHAUVA Dou testemunho. De fato ele deixou o Grão-Duque fugir. *Os Couraceiros arrastam à força Azdak, que vai gritando, depois o soltam e caem em gargalhadas enormes. Azdak faz coro e é quem ri mais alto. Desamarram-no. Bebem todos. Entra o Príncipe Gordo com um rapaz.*

PRIMEIRO COURACEIRO *a Azdak* Aí estão os teus novos tempos!

Nova gargalhada.

PRÍNCIPE GORDO Que há aqui de tão engraçado, meus amigos? Permitam-me uma palavra séria. Ontem de manhã os príncipes da Geórgia derrubaram o governo bolicista do Grão-Duque e depuseram os governadores. Infelizmente o Grão-Duque conseguiu escapar. Nesta hora marcada pelo destino os tecelões de nossas tapeçarias, esses eternos descontentes, tiveram uma audácia de promover uma revolta ao nosso caro Illo Oberliani, juiz da cidade, homem que gozava de estima geral. Ts, ts, ts. Meus amigos, precisamos de paz na Geórgia, paz, paz, paz, paz e justiça! Tenho o prazer de apresentar-lhes meu querido sobrinho. Bizergan Kazbeki, rapaz talentoso, que será o novo juiz. Ao povo cabe a decisão.

PRIMEIRO COURACEIRO Quer dizer que nós é que vamos escolher o juiz?

PRÍNCIPE GORDO Exatamente. O povo propõe um rapaz de talento. Deliberem, pois, meus amigos. *Enquanto os Couraceiros confabulam.* Fica tranqüilo, rapaz, o lugar será teu. E quando tivermos posto a mão no Grão-Duque, não precisaremos mais estar agradando esta canalha.

COURACEIROS *entre si* Eles estão se borrando porque ainda não conseguiram pegar o Grão-Duque, isso devemos a esse escrivão da aldeia, que deixou ele fugir. Não se sentem ainda seguros, e então querem nos engabelar dizendo "meus amigos" e "ao povo cabe a decisão". Agora até quer justiça da Geórgia. Em todo caso, a coisa vai ser divertida. Consultamos o escrivão, ele sabe tudo em matéria de direito. He, mariola, gostarias de ter o sobrinho como juiz?

AZDAK Perguntam a mim? A mim?

SEGUNDO COURACEIRO Por que não? Tudo por uma piada!

AZDAK Compreendo. Pra saber que tal é ele. Acertei? Haverá aqui algum criminoso de reserva, pra que o candidato possa mostrar o que sabe? Um criminoso bem chapado?

TERCEIRO COURACEIRO Vejamos, temos lá embaixo os dois médicos da zinha do Governador. Vamos nos servir deles.

AZDAK Um minuto, é impossível. Não podemos utilizar criminosos de verdade antes de ser empossado o juiz. Pode ser um asno, mas é preciso que esteja em exercício, senão lesa o direito, que é coisa muito sensível, como por exemplo o baço, no qual nunca se pode dar um soco porque seria a morte imediata. Os dois tipos podem ser enforcados, o direito não seria ferido com isso, pois não haveria juiz presente. O direito deve sempre ser proferido com perfeita seriedade. Ele é tão idiota. Assim, quando um juiz condena uma mulher por ter roubado um pão de milho para o filhinho, se ele não estiver de toga ou se coçar ao pronun-

ciar a sentença, de modo que mais de uma terça parte de sua pessoa esteja a descoberto, porque afinal de contas ele precisa coçar a coxa, então a sentença é um escândalo e o direito será ferido. A rigor, uma toga e um barrete de juiz têm mais autoridade para proferir uma sentença do que um homem sem essas duas coisas. O direito some como se nada fosse, quando não se lhe dá a atenção devida. Não se prova um cântaro de vinho dando de beber a um cachorro, pois não? O vinho sumirá num instante.

PRIMEIRO COURACEIRO Então, o que é que tu propões, chicaneiro de uma figa?

AZDAK Eu tomarei sobre mim o papel de acusado. E já sei qual será. Diz-lhe qualquer coisa ao ouvido.

PRIMEIRO COURACEIRO Tu? *Riem ruidosamente.*

PRÍNCIPE GORDO Decidiram?

COURACEIROS Decidimos e vamos fazer um ensaio. Aqui o nosso bom amigo fará o papel de acusado, e aqui está a cadeira do juiz para o candidato.

PRÍNCIPE GORDO É contra o costume, mas por que não? *Para o Sobrinho.* Simples formalidade, rapaz. O que foi que aprendeste? Quem chega mais depressa? Quem marcha a passo ou quem galopa?

SOBRINHO Quem se insinua, tio Arsen.

O Sobrinho senta-se na cadeira, o Príncipe Gordo porta-se atrás dele. Os Couraceiros sentam-se nos degraus. Entra Azdak com os demais característicos do Grão-Duque.

AZDAK Alguém aqui me conhece? Eu sou o Grão-Duque.

PRÍNCIPE GORDO Quem é ele?

SEGUNDO COURACEIRO O Grão-Duque. Ele conhece o homem realmente.

PRÍNCIPE GORDO Está bem.

PRIMEIRO COURACEIRO Vamos começar o julgamento.

AZDAK Ouço dizer que sou acusado de ter desencadeado a guerra. Ridículo, digo ridículo. Não basta? Se não basta, tenho advogados, creio que uns quinhentos. *Aponta para trás como se de fato houvesse em torno dele numerosos advogados.* Necessito de todas as cadeiras disponíveis para os meus advogados.

Os Couraceiros riem, o Príncipe Gordo também.

SOBRINHO *aos Couraceiros* Desejam que eu julgue o caso? Devo dizer que ele me parece fora do comum, do ponto de vista do bom gosto. Entenda-se.

PRIMEIRO COURACEIRO Adiante.

PRÍNCIPE GORDO *sorrindo* Casca-lhe a pena máxima, rapaz!

SOBRINHO Muito bem. Povo da Geórgia contra o Grão-Duque. Tens a dizer alguma coisa, Grão-Duque?

AZDAK Muitas coisas. Li, naturalmente que perdemos a guerra. Declarei a guerra a conselhos de patriotas como o tio Kazbeki. Requeiro que tio Kazbeki seja ouvido como testemunha.

Os Couraceiros riem.

PRÍNCIPE GORDO *bonachão aos Couraceiros* Um tipo gozado, não?

SOBRINHO Rejeitado o pedido. Evidentemente o senhor não pode ser acusado de ter declarado a guerra, coisa que todo homem de estado deve fazer de vez em quando. Mas de tê-la dirigido mal.

AZDAK Absurdo. Não a dirigi de todo. Deixei que outros a dirigissem. Deixei que os príncipes a dirigissem. Naturalmente sabotaram tudo.

SOBRINHO Negará o acusado porventura que tinha a seu cargo o comando supremo?

AZDAK Absolutamente. Sempre exerci o comando supremo. Logo ao nascer assobiei chamando a ama. Ensinado a fazer coco na privada. Habituado a mandar funcionários roubar o meu tesouro. Oficiais baterem nos soldados se com ordem minha; proprietários dormirem com as mulheres dos camponeses só com ordem escrita. Se tio Kazbeki ficou barrigudo foi por ordem minha.

COURACEIROS *aplaudindo* Bravo! Viva o Grão-Duque!

PRÍNCIPE GORDO Responde-lhe, rapaz! Eu te apóio.

SOBRINHO Vou responder e no tom que convém à dignidade do Tribunal.

AZDAK De acordo. Ordeno-lhe prosseguir no interrogatório.

SOBRINHO Não tem nada que ordenar. Afirma o acusado que os príncipes o forçaram a declarar a guerra. Como poderia justificar-se do fracasso?

AZDAK Não enviaram tropas bastantes, desviaram os dinheiros públicos, <trouxeram cavalos doentes,> embriagavam-se nos bordéis durante o ataque. Peço que seja ouvido tio Kaz a respeito.

Os Couraceiros riem.

SOBRINHO É monstruoso. Ousa o acusado sustentar que os príncipes não se batem?

AZDAK Sim, sustento que eles não se batem. Ou melhor, bateram-se mas foi por contratos de fornecimentos.

PRÍNCIPE GORDO *saltando* Isto é demais! Este sujeito fala como operário.

AZDAK Achas? Estou dizendo a verdade pura e simples.

PRÍNCIPE GORDO Enforquem-no! Enforquem-no!

PRIMEIRO COURACEIRO Calma. Prossiga, Alteza.

SOBRINHO Calma. Vou agora proferir a sentença. O réu será pendurado pelo pescoço. Perdeu a guerra. Está dada a sentença. Irrevogável.

PRÍNCIPE GORDO *histérico* Levem-no, levem-no, levem-no!

AZDAK Mancebo, aconselho-lhe não se entregar em público a esse modo de falar reiterativo e frenético. Uivando assim como lobo não poderá receber o emprego de cão de guarda. Morou?

PRÍNCIPE GORDO Enforquem-no!

AZDAK Se o povo notar que os príncipes falam a mesma língua que o Grão-Duque, acabará enforcando o Grão-Duque e os príncipes. De resto, eu revogo a sentença. Fundamento: a guerra foi perdida mas não para os príncipes. Os príncipes ganharam a sua guerra. Receberam três milhões, oitocentos e sessenta e três mil piastras por cavalos que não forneceram.

PRÍNCIPE GORDO Enforquem-no!

AZDAK Oito milhões e duzentos e quarenta mil piastras por víveres para o Exército que não foram entregues.

PRÍNCIPE GORDO Enforquem-no!

AZDAK Venceram, portanto. Derrotada foi a Geórgia, que não está representada neste Tribunal.

PRÍNCIPE GORDO Creio que é o bastante, meus amigos. *A Azdak.* Podes te retirar, celerado. *Aos Couraceiros.* Creio que agora, meus caros, podem confirmar a nomeação do novo juiz.

PRIMEIRO COURACEIRO Sim, podemos. Tragam a toga do juiz. *Um homem trepa no ombro do outro e tira a toga do enforcado.* E agora *(ao Sobrinho)*, vá embora daqui, pra que o competente tome assento na cadeira que lhe compete. *A Azdak.* Aproxima-te e senta-te na cadeira de juiz. *Azdak hesita.* Senta-te, homem. *Os Couraceiros empurram-no para a cadeira.* O juiz foi sempre um tratante, agora é um tratante que vai ser o juiz. *Vestem-lhe a toga e põem-lhe à cabeça um cesto de garrafas.* Olhem só o juiz.

RECITANTE
E entrou o país em guerra civil,
E o chefe do governo se achava inseguro.
E Azdak foi nomeado juiz pelos couraceiros,
E Azdak foi juiz durante dois anos.

RECITANTE E OS MÚSICOS
Quando na cidade lavrava
O incêndio, e em sangue o reino inteiro
Banhava-se, entregue à bebedeira e ao saque,
No altar um justo oficiava,
Guardava o paço um açougueiro,
E togado de juiz quem sentenciava? Azdak!

UNIVERSIDADE FEDERAL
Biblioteca
Comunitária
S. CARLOS

Sentado na cadeira de juiz, Azdak, descascando uma maçã. Schauva varre a sala. De um lado, um Inválido numa cadeira de rodas, o Médico acusado e um Coxo. Do outro lado, um rapaz acusado de extorsão. Um Couraceiro monta guarda, empunhando o estandarte dos Couraceiros.

AZDAK Devido à abundância dos processos, o Tribunal julgará hoje dois de cada vez. Antes de começarmos, uma breve comunicação: as custas. *Estende as mãos. Só o chantagista tira dinheiro do bolso e dá-lhe.* Reserva-me o direito de aplicar as sanções devidas contra uma parte aqui presente *(olha para o Inválido)* por desconsideração ao Tribunal. *Ao Médico.* Tu és um médico, e tu *(para o Inválido)* quem o acusa. O médico é culpado de teu estado?

INVÁLIDO É sim, tive congestão cerebral por causa dele.

AZDAK Uma negligência no exercício da profissão?

INVÁLIDO Mais do que negligência. Emprestei dinheiro a esse homem para os seus estudos. Ele nunca me pagou, e quando eu soube que ele tratava os seus clientes de graça, tive a congestão.

AZDAK Com razão. *Voltando-se para o Coxo.* E tu, a que vens aqui?

COXO Eu sou o paciente, Excelência.

AZDAK Ele tratou bem de tua perna?

COXO Não da que precisava de tratamento. Eu tinha reumatismo na perna esquerda, fui operado da direita, por isso só estou coxeando agora.

AZDAK E a operação foi gratuita?

INVÁLIDO Uma operação de quinhentas piastras grátis! Por nada. Por um "Deus lhe pague". E eu que custeei os estudos desse indivíduo. *Ao Médico.* Na escola ensinaram a operar de graça?

MÉDICO Excelência, efetivamente é costume receber os honorários antes da operação, visto que o paciente está mais disposto a pagar antes do que depois, e que é psicologicamente muito compreensível. No presente caso eu julguei, ao proceder a operação, que o meu assistente já tinha recebido os honorários. Enganei-me nesse ponto.

INVÁLIDO Enganou-se! Um bom médico não se deve enganar. Investiga antes de operar.

AZDAK Tem razão. *A Schauva.* Senhor Promotor Público, qual é a matéria do outro processo?

SCHAUVA *varrendo com energia* Chantagem.

CHANTAGISTA Eminente Tribunal, eu sou inocente. Quis tão-somente saber do proprietário em questão se ele de fato tinha violentado a sobrinha. Ele explicou-me que não, e me deu apenas algum dinheiro para que eu pudesse pagar os estudos musicais do meu tio.

AZDAK Ah, bem... *Ao Médico.* E tu, doutor, não podes alegar nenhuma circunstância atenuante da culpa!

MÉDICO Excelência, o erro é humano.

AZDAK E não sabes que o bom médico deve ter o bom senso da responsabilidade em questões de dinheiro? Ouvi contar que um médico tinha ganhado mil piastras tratando da distensão de um dedo, porque descobriu que o caso tinha relação com a circulação, coisa que um médico ruim talvez nunca tivesse percebido; e de outra feita, graças a um tratamento metódico, conseguiu fazer jorrar ouro de um fígado normal. O vendedor de trigo Uxu mandou o filho estudar medicina para que ele aprendesse ser comerciante, tão boas são as nossas escolas de medicina. *Ao Chantagista.* Como se chama o proprietário?

SCHAUVA Ele deseja que o seu nome não seja mencionado.

AZDAK Então vou pronunciar as sentenças. O Tribunal considera provada a extorsão, e tu (*ao Inválido*) ficas condenado à multa de mil piastras. Se tiveres outra congestão cerebral, o médico deverá te tratar de graça e eventualmente amputar. *Ao Coxo.* Quanto a ti, receberás como indenização uma garrafa de aguardente francesa. *Ao Chantagista.* Tu terás que dar ao Promotor Público a metade de teus honorários por ter o Tribunal calado o nome do proprietário, e além disso te é dado o conselho de estudares medicina, visto que mostras vocação para a profissão. Finalmente tu, médico, por erro profissional imperdoável, ficas absolvido. Passemos aos outros processos!

RECITANTE

O que é caro não convém!
E o que convém custa caro!

É o direito gato em saco? Pois o ensaque
Quem da coisa entende bem,
Quem tem olho, quem tem faro,
E por uma tuta-e-meia tudo arranja o velho Azdak.

De um caravançará à beira da estrada sai Azdak, acompanhado do velho Estalajadeiro barbudo. Atrás vem o Criado e Schauva carregando a cadeira de juiz. Um Couraceiro monta guarda, empunhando o estandarte dos Couraceiros.

AZDAK Coloquem-na aqui. Assim, ao menos se tem um pouco de ar e a brisa do bosquezinho de limoeiro. É bom para a justiça funcionar ao ar livre. O vento lhe levanta a saia e pode-se ver o que está por baixo. Schauva, comemos demais. Estas viagens de inspeção são exaustivas. *Ao Estalajadeiro.* Trata-se da tua nora?

ESTALAJADEIRO Excelência, trata-se da honra da família. Eu apresento a queixa em lugar e em nome de meu filho, que anda a negócios de outro lado da montanha. Este é o criado que lhe faltou com respeito, e esta é minha pobre nora. *A nora, moça de físico opulento, aproxima-se; traz um véu.*

AZDAK *sentando-se* As custas. *O Estalajadeiro dá-lhe o dinheiro, suspirando.* Cumpridas as formalidades *(ao Estalajadeiro)*, diga-me: trata-se de um caso de estupro?

ESTALAJADEIRO Excelência, eu surpreendi o rapaz em flagrante na estrebaria, deitado com a nossa Ludovica na palha.

AZDAK Bonita estrebaria. Cavalos admiráveis. Gostei particularmente do potrinho Isabel.

ESTALAJADEIRO Naturalmente, na ausência de meu filho, interroguei Ludovica.

AZDAK *gravemente* Eu dizia: agradou-me o potrinho.

ESTALAJADEIRO *glacial* Realmente? Ludovica me confessou que o rapaz agira contra a vontade dela.

AZDAK Tira o véu, Ludovica. *Ela o tira.* Ludovica, tu agradas ao Tribunal. Conta como o fato se passou.

LUDOVICA *como se recitasse uma lição estudada* Fui à estrebaria para ver o novo potrinho, e o cavalariço me disse sem que eu tivesse perguntado nada: "Está quente hoje", e pôs a mão no meu seio esquerdo. Eu disse: "Tira a mão daí", mas ele continuou a me apalpar de modo inconveniente, o que provocou a minha indignação. E antes que eu pudesse perceber sua má-intenção, a coisa estava feita. Foi quando entrou meu sogro e, por engano, me cobriu de pontapés.

ESTALAJADEIRO *justificando-se* No lugar de meu filho.

AZDAK *ao Cavalariço* Confirma que foste tu que começaste?

CAVALARIÇO Confirmo.

AZDAK Ludovica, gostas de doces?

LUDOVICA Sim, gosto de sementes de girassol.

AZDAK Quando tomas banho, gostas de te demorar sentada na cuba?

LUDOVICA Uma meia-hora, mais ou menos.

AZDAK Senhor Promotor Público, coloque uma faca ali no chão. *Schauva obedece.* Ludovica, vai apanhar a faca do Promotor. *Ludovica vai, rebolando as ancas, apanhar a faca. Azdak, aponta-a com o dedo.* Estão vendo como ela rebola? A parte culpada está desmascarada. O estupro é manifesto. Pelo abuso de comida, especialmente de doces, pela longa permanência na água morna do banho, pela indolência, pela maciez da pele, violentaste o pobre rapaz. Pensas que podes andar por aí com tal traseiro e que isso impressione o Tribunal? É uma agressão premeditada e com arma perigosa. Estás condenada a entregar ao Tribunal o potro Isabel que teu sogro costuma montar na ausência do filho, e agora, Ludovica, vais comigo à granja para que o Tribunal possa examinar o local do crime.

Na estrada real georgiana, Azdak, sentado em sua cadeira, é transportado de um lugar para outro pelos seus Couraceiros. Atrás dele vem Schauva, arrastando a forca e o Cavalariço, conduzindo o potro Isabel.

RECITANTE E OS MÚSICOS
Quando os grandes se comiam,
Os da arraia-miúda riam,
Ah, que refrigério! Ah, que tranqüilidade!
Ah, que gozo! Das ruas no ruído,

De seus falsos pesos munido,
Andava o juiz das gentes pobres, nosso Azdak.
O que aos abastados tomava,
Aos de sua igualha ele dava.
Como uma lágrima de cera em bom destaque,
Guardado pelos de seu bando,
Ia, boa bisca, passando
Da mãe-pátria georgiana o juiz Azdak.

O pequeno cortejo se afasta.

Se te avieres com o semelhante,
Afia tua foice bastante.
Deixa a bíblia que isso é leitura pra basbaque.
Nada de pródiga suntuosa.
As foices, assim, são milagrosas,
E crê às vezes no milagre o velho Azdak.

Numa taverna está a cadeira de Azdak. Em pé diante dele, três gordos Proprietários, para os quais Schauva traz vinho. No canto, em pé, uma velha camponesa. Pelo vão da porta aberta se vêem lá fora alguns aldeões que olham o espetáculo. Um Couraceiro monta guarda com o estandarte dos Couraceiros.

AZDAK Tenha a palavra, Senhor Promotor Público.

SCHAUVA Trata-se de uma vaca. A acusada detém, há cinco semanas em seu estábulo, uma vaca pertencente ao grande proprietário Suru. Encontrou-se, além disso, em seu poder, um presunto roubado, e umas vacas do rico proprietário Schuteff foram

mortas quando ele reclamou da acusada a paga do arrendamento de um campo.

PROPRIETÁRIOS Trata-se de meu presunto, Excelência. Trata-se de minha vaca, Excelência. Trata-se de meu campo, Excelência.

AZDAK Que dizes a isto, minha velha?

VELHA Excelência, faz umas cinco semanas bateram à minha porta de madrugada. Fui ver e era um homem, barbado com uma vaca, e ele me falou assim: "Minha cara senhora, eu sou o milagroso São Banditus, sabendo que seu filho perdeu a vida na guerra, lhe trago esta vaca como lembrança. Cuide dela".

PROPRIETÁRIOS O bandido Irakli, Excelência! O cunhado dela, Excelência, o ladrão de gado, o incendiário, Excelência! É preciso cortar-lhe a cabeça.

Ouve-se lá fora um grito de mulher. A multidão agita-se e abre passagem ao bandido Irakli, que entra empunhando um machado enorme.

PROPRIETÁRIOS Irakli!

Fazem o sinal da cruz.

BANDIDO Muito boas noites, meus caros! Um copo de vinho!

AZDAK Senhor Promotor Público, um copo e vinho aqui para o visitante. E quem és tu?

BANDIDO Um ermitão errante. Excelência, obrigado pela caridade. *Vira o copo trazido por Schauva.* Outro!

AZDAK Eu sou Azdak. *Levanta-se e inclina-se. O bandido faz o mesmo.* O Tribunal deseja boas-vindas ao ermitão forasteiro. Continua, minha velha.

A VELHA Excelência, na primeira noite eu não sabia ainda que o Santo Banditus podia fazer milagres, havia somente a vaca. Mas alguns dias depois, os criados dos proprietários vieram durante a noite e quiseram tomar-me a vaca. Mas chegando à minha porta, foram-se embora sem a vaca e na cabeça deles nasceram umas bolas de tamanho de uma mão fechada. Então eu compreendi que São Banditus tinha transformado o coração deles em homens de bem.

O Bandido ri alto.

PRIMEIRO PROPRIETÁRIO Eu sei quem os transformou.

AZDAK Muito bem. Contarás isso depois. *À Velha.* Continua.

VELHA Excelência, o primeiro a se tornar homem de bem foi o proprietário Schuteff, um demônio, como toda gente sabe. Mas São Banditus conseguiu que ele abrisse mão do arrendamento do meu lote de terra.

SEGUNDO PROPRIETÁRIO Porque as minhas vacas eram degoladas no pasto.

O Bandido ri.

A VELHA *a um sinal de Azdak* Depois um presunto, um belo dia, entrou de repente pela janela e veio me bater nos quartos, até que ainda estou manquejando, veja Vossa Excelência. *Dá alguns passos. O Bandido ri.* Pergunto a Vossa Excelência quando já se viu um presunto cair na casa de uma pobre velha senão por milagre?

O Bandido começou a soluçar.

AZDAK *levantando-se da cadeira* Minha boa velha, eis cá uma pergunta que atinge em cheio o coração do Tribunal. Tem a bondade de sentar-se.

A Velha senta-se hesitante na cadeira do juiz. Azdak senta-se no chão, empunhando um copo de vinho.

AZDAK

Boa velha, por pouco não te chamo mãe Geórgia, a dolorosa,
A esbulhada, cujos filhos estão na guerra,
A esmurrada, a que, cheia de esperanças,
Chora se ganha uma vaca,
Se admira se não é batida.
Boa velha, te imploramos, os danados,
Que nos julgue com clemência!

Urrando aos proprietários.

Ímpios! Confessem, confessem que não acreditam em milagres! Pois terá cada um de pagar quinhentas piastras de multa por

impiedade. E rua! *Os Proprietários se vão.* E tu, boa Velha, e tu, santo homem, bebei um copo de vinho com o Promotor Público e com nosso amigo Azdak.

RECITANTE E OS MÚSICOS

E partia a lei como um pão
Levando assim a salvação
Sobre os destroços dela o povo – esse basbaque.
Os pobres de Cristo, os sem-nada
Tinham achado um camarada
Que a mão vazia subornava – o antigo Azdak.
Setecentos e vinte dias
Pesou com balanças prestadias
As razões da defesa, os libelos do ataque.
Da forca sob a grossa trave,
Assim, sentado, o gesto grave,
Distribuía a justiça a seu talento Azdak.

O RECITANTE

O tempo da desordem passou, o Grão-Duque reassumiu o
[governo,
Voltou a mulher do Governador, houve julgamento,
Muitos morreram, o fogo devastou de novo os subúrbios,
O medo apoderou-se de Azdak.

A cadeira do juiz de Azdak se achava novamente no Tribunal. Azdak está sentado no chão e, consertando o sapato, conversa com Schauva. Algazarra lá fora. Atrás do muro, a cabeça do Príncipe Gordo é levada na ponta de um chuço.

AZDAK Schauva, os dias de teu cativeiro estão contados, talvez mesmo os minutos. Por longo tempo te mantive sob o freio de ferro da razão, que te pôs a boca em sangue, te espanquei a golpes de princípios racionais, te maltratei, com a lógica. És de natureza um fraco, e quando te lançam insidiosamente um argumento, logo os engoles avidamente, não te podes conter. Obedecendo à tua natureza, não resistes ao desejo de lamber a mão de um superior, mas os teus seres superiores podem ser de toda sorte, e agora te chegou a hora da libertação – e breve poderá seguir tuas inclinações, que são baixas, e o teu infalível instinto, que te ensina a calcares as solas de teus sapatos na cara das criaturas humanas. Pois o tempo da confusão e da desordem acabou, sem que tenham vindo os grandes tempos que encontrei descritos na canção do caos, canção que iremos cantar mais uma vez como lembrança desta época maravilhosa; senta-te e não massacres a música. Não receies que a ouçam, o refrão agrada sempre. *Canta.*

Irmã, cobre a tua cabeça; irmão vai buscar tua faca, é tempo de
[destrambelhar.
Os grandes estão cheios de queixas; os pequenos cheios de alegria.
A cidade diz: "Expulsemos de nosso meio os poderosos"
As repartições públicas foram destruídas, as listas de servidão
[rasgadas.
Os senhores foram atrelados às mós. Os que não viam a luz do
[dia saíram à rua.
Os hostiários de ébano foram despedaçados; o sândalo magnífico,
[serrado em tábuas para camas.
O que não tinha pão, hoje tem granjas; o que vivia de donativos
[de trigo, hoje distribui trigo aos necessitados.

SCHAUVA Oh! Oh! Oh! Oh!

AZDAK Por que tardas, General? Por favor, por favor, vem pôr as coisas em boa ordem.

O filho do homem respeitável não é mais reconhecido; o filho da [senhora torna-se o filho de sua escrava.
Os conselheiros municipais buscam asilos sob os escombros; [o homem a quem mal se permitia dormir à noite no alto [dos muros se refestela hoje numa boa cama.
O que outrora remava num bote, hoje possui navios, olha-os o [seu proprietário, mas eles já não lhe pertencem.
Cinco homens foram despachados pelo seu senhor e disseram, ["Vai tu, nós já chegamos aonde queríamos".

SCHAUVA Oh! Oh! Oh! Oh!

AZDAK Por que tardas, General? Por favor, por favor, vem pôr as coisas em boa ordem.

Sim isso é o que teria acontecido entre nós se a ordem tivesse sido descurada por mais algum tempo. Mas agora o Grão-Duque, a quem eu, asno que sou, salvei a vida, voltou à sua capital, e os persas lhe prometeram ajudá-lo, fornecendo um exército para que ele restabeleça a ordem no país. Os subúrbios já estão em chamas. Vai me buscar o livro grosso em que sempre me sento. *Schauva apanha o livro na cadeira, Azdak o abre.* Isto é o código, podem dar testemunho de que sempre me utilizei dele.

SCHAUVA Sim, pra sentar-se em cima.

AZDAK Agora é melhor consultá-lo pra ver o que eles me podem chimpar. Pois eu costumava fazer vista grossa aos que nada tinham, isto vai me custar caro. Ajudei a pobreza a se sustentar nas magras pernas, e eles me levarão isso à conta de bebedeira; meti o nariz nos bolsos dos ricos, o que é considerado uma obscenidade. E não posso me esconder em parte alguma, porque todos me conhecem, pois a todos tenho ajudado.

SCHAUVA Está chegando alguém.

AZDAK *levantando-se agitado e caminhando trêmulo para a cadeira* É o fim. Mas eu não darei a ninguém o prazer de mostrar grandeza da alma. Peço-te de joelhos que tenha dó de mim, não te vás embora, a saliva me corre da boca, tenho medo de morte.

Entram Natella Abaschvíli, a Mulher do Governador, com o Oficial de Ordenança e um Couraceiro.

MULHER DO GOVERNADOR Quem é essa criatura, Schauva?

AZDAK Uma pessoa dócil, Excelência, e que está pronta a servi-la.

OFICIAL DE ORDENANÇA Natella Abaschvíli, mulher do falecido Governador, acaba de voltar a esta cidade e anda à procura de seu filho Miguel, de dois anos de idade. Ela soube que o menino foi levado para as montanhas por uma antiga criada.

AZDAK Ele vai ser procurado, Excelência. Às ordens de Vossa Excelência.

OFICIAL DE ORDENANÇA A mulher faz passar o menino por filho dela.

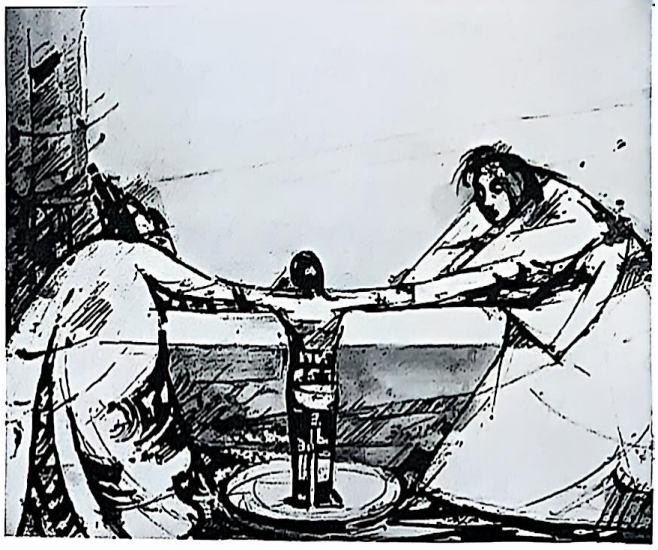
AZDAK Ela será decapitada, Excelência. Às ordens de Vossa Excelência.

OFICIAL DE ORDENANÇA É tudo.

MULHER DO GOVERNADOR *saindo* Não gostei nada dessa cara.

AZDAK *acompanhando-a até a porta com profundas reverências* Tomarei todas as providências, Excelência. Às ordens de Vossa Excelência.

Quinto quadro



O CÍRCULO DE GIZ

RECITANTE

Ouvi agora a história do processo relativo ao filho do Governador
[Abaschvíli.
Com a identificação da mãe verdadeira
Mediante a famosa prova do círculo de giz.

No Tribunal de Nukha. Couraceiros trazem Miguel, atravessando o recinto saem com ele pela porta dos fundos. Um Couraceiro detém Grucha com a lança à porta de entrada até que o menino tenha sido levado. Em seguida deixa-a entrar. Com ela vem a Cozinheira que trabalhava na casa do falecido Governador Abaschvíli. Algazarra longínqua e clarões de incêndio no céu.

GRUCHA É esperto, já sabe se lavar sozinho.

COZINHEIRA Tens muita sorte, não é um juiz como os outros, é o Azdak. É um odre de vinho e não entende nada de ofício. Os maiores ladrões foram absolvidos por ele. Como troca tudo e os ricos nunca lhe dão dinheiro bastante, os pobres como nós muitas vezes se saem bem com ele.

GRUCHA Hoje estou bem precisada de sorte.

COZINHEIRA Não fales dela. *Persigna-se.* Acho melhor eu rezar outro rosário pra que o juiz esteja bêbado. *Reza movendo os lábios sem ruído, enquanto Grucha se esforça em vão para ver o menino.* Uma coisa eu não compreendo: é por que fazes tanta força pra ficar com ele, nestes tempos, se não é teu filho.

GRUCHA É meu: criei ele.

COZINHEIRA E nunca pensaste no que havia de acontecer se a outra voltasse?

GRUCHA Em princípio pensei que entregaria ele, depois julguei que ela não voltasse mais.

COZINHEIRA E um casaco emprestado sempre agasalha, não é? *Grucha acena com a cabeça.* Eu jurarei o que quiseres porque és uma rapariga direita. *Repetindo a lição.* Cuidei dele pela quantia de cinco piastras e Grucha veio buscar ele no Domingo de Páscoa, à tarde, quando as desordens começaram. *Avista Simão que se aproxima.* Mas com o Simão não procedeste bem, falei com ele, ele não pode compreender.

GRUCHA *que não o vê* Se Simão não me compreende, neste momento não posso me amofinar por causa dele.

COZINHEIRA Ele compreendeu que o menino não era teu, mas que tu vivas em estado de matrimônio e não sejas mais livre até que a morte te separe é o que ele não pode compreender. *Grucha avista Simão e cumprimenta-o.*

SIMÃO *sombrio* Eu queria comunicar à senhora que estou pronto a testemunhar que o pai do menino sou eu.

GRUCHA *com doçura* Está bem, Simão.

SIMÃO Queria ao mesmo tempo comunicar que isto não implicará nenhum compromisso de minha parte nem da parte da senhora.

COZINHEIRA É desnecessário. Ela é casada, tu sabes.

SIMÃO Isso é com ela e não há necessidade de me ser esfregado na cara.

Entram dois Couraceiros.

COURACEIROS Onde está o juiz? Alguém viu o juiz?

GRUCHA *se virou, ocultando o rosto* Coloca-te na minha frente. Eu nunca devia ter vindo a Nukha. Contanto que eu não me encontre cara a cara com o brigadeiro que feri na cabeça...

COURACEIRO *que trouxera o menino adianta-se* O juiz não está aqui.

Os dois Couraceiros continuam a procurar.

COZINHEIRA Esperamos que nada tenha acontecido a ele. Com outro juiz qualquer as tuas probabilidades seriam mais escassas do que os dentes na boca de uma galinha.

Entra um terceiro Couraceiro.

COURACEIRO *que havia perguntado ao juiz* Só estão aqui duas mulheres e um menino. O juiz não foi encontrado.

OUTRO COURACEIRO Continue a procurar.

Os dois primeiros Couraceiros saem às pressas, o terceiro não se move. Grucha solta um grito, o Couraceiro volta-se: é o Caporal, e tem na cara uma grande cicatriz.

COURACEIRO *à porta* Que há, Schotta? Conheces ela?

CAPORAL *depois de olhar muito espantado para Grucha* Não.

COURACEIRO *à porta* Parece que foi ela quem roubou o garoto do Governador. Se sabes alguma coisa a respeito, podes fazer um bom dinheiro com isso.

O Caporal afasta-se praguejando.

COZINHEIRA É ele? *Grucha faz sinal que sim.* Acho que ele vai moitar. Do contrário, tinha que confessar que perseguiu a criança.

GRUCHA *aliviada* Eu já tinha quase esquecido que salvei o menino da perseguição deles...

Entra a Mulher do Governador com o Oficial de Ordenança e dois Advogados.

MULHER DO GOVERNADOR Louvado seja Deus, aqui pelo menos não há gente do povo. Não posso suportar o cheiro, me dá logo a enxaqueca.

PRIMEIRO ADVOGADO Minha cara senhora, por favor, fale com a maior moderação que possa, até que obtenhamos um novo juiz.

MULHER DO GOVERNADOR Mas eu não disse nada Illo Schuboladze. Gosto do povo com o seu espírito simples e reto, só o cheiro é que me dá enxaqueca.

SEGUNDO ADVOGADO Os espectadores são poucos. A maior parte da população está em casa, de portas trancadas por causa dos motins nos subúrbios.

MULHER DO GOVERNADOR Aquela é a mulher?

PRIMEIRO ADVOGADO Cara Natella Abaschvíli, abstenha-se de toda investida, até que haja a certeza de que o Grão-Duque nomeou novo juiz e que estamos livres do juiz presentemente em exercício, certamente o mais sórdido que já se viu vestir a toga de magistrado. E a coisa parece que vai começar, olhe.

Os Couraceiros entram na sala do Tribunal.

COZINHEIRA A madama te arrancaria os cabelos se não soubesse que o velho Azdak é pelos humildes. Ele julga pela cara. *Dois Couraceiros começaram a amarrar na pilastra uma corda com um nó corredio. Em seguida entra Azdak acorrentado; atrás dele vem Schauva, também acorrentado; atrás de Schauva, os três Proprietários.*

COURACEIRO Quiseste tentar fugir, hein? *Bate em Azdak.*

UM PROPRIETÁRIO Tirem-lhe a toga antes de ele ser içado.

Couraceiros e Proprietário tiram-lhe a toga. Aparecem as duas roupas de baixo, em farrapos. Dão-lhe um empurrão.

COURACEIRO *atirando-o para outro.* Tens sede de justiça, não? Pois aí a tens!

Aos gritos de "Toma ele" e "Pra que quero isso?" etc., atiram Azdak de um lado para o outro até que a vítima acaba caindo. Então levantam-no e levam-no para a corda.

MULHER DO GOVERNADOR *batendo palmas histericamente durante o futebol* Antipatizei com o homem desde o primeiro momento.

AZDAK *banhado de sangue, ofegante* Não estou vendo direito.

OUTRO COURACEIRO E o que é que queres ver?

AZDAK Vocês, seus cachorros. *Limpa o sangue dos olhos na camisa.* Deus os abençoe, cachorros! Como vão vocês, cachorros? E este mundo cachorro continua fedendo muito. Acharam alguma

nova bota para lamber? Para se estraçalharem, cachorros, uns aos outros?

Entra um Cavaleiro coberto de pó acompanhado por um Caporal. Tira de um saco de couro uns papéis e corre a vista por eles. Em seguida fala.

CAVALEIRO Atenção! Aqui está o Decreto relativo às novas nomeações.

CAPORAL *berrando* Silêncio!

Todos ficam imóveis, silenciosos.

CAVALEIRO A respeito do novo juiz, ordena: "Nomeamos um homem a quem se deve a salvação de uma vida particularmente preciosa para o país, um certo Azdak, de Nukha". Quem é?

SCHAUVA *apontando Azdak* Aquele que está na forca, Excelência!

CAPORAL *berrando* Mas o que é que está se passando aqui?

COURACEIRO Devo dizer que Sua Excelência já era Sua Excelência antes e foi denunciado como inimigo do Grão-Duque pelos proprietários aqui presentes.

CAPORAL *indicando os Proprietários* Que sejam levados daqui! *Os Proprietários são levados e saem fazendo muitas reverências.* Tomem providências para que Sua Excelência não seja mais incomodado.

Sai com o Cavaleiro.

COZINHEIRA *a Schauva* Ela bateu palmas. Espero que ele tenha visto.

PRIMEIRO ADVOGADO É uma catástrofe.

Azdak está desmaiado. Tiram-no da forca, ele volta a si, vestem-lhe novamente a toga e ele se aparta cambaleando do grupo dos Couraceiros.

COURACEIRO Não leve a mal, Excelência. Que deseja Vossa Excelência?

AZDAK Nada, meus concachorros. Uma bota para lamber de vez em quando. *A Schauva.* Perdôo-te. *Soltam Schauva.* Vai buscar-me um pouco de vinho, do tinto doce. *Schauva sai.* Sumam, tenho um processo a julgar. *Os Couraceiros saem. Schauva volta com um cântaro de vinho, Azdak bebe a longos tragos.* Alguma coisa para meu cóccix. *Schauva vai buscar o Código e coloca-o na cadeira.* As custas.

As fisionomias dos querelantes, entre os quais se trava uma discussão inquieta, mostram um sorriso de alívio.

COZINHEIRA Ai, ai!

SIMÃO Como diz o provérbio: "O poço não enche com o orvalho da noite".

ADVOGADO *aproximando-se de Azdak, que se levanta em grande expectativa.* Um caso inteiramente ridículo, Excelência. A parte contrária raptou a criança e se recusa a restituí-la.

AZDAK *de mão estendida para eles e olhando de lado Grucha* Uma pessoa muito atraente. *Os Advogados dão-lhe mais dinheiro.* Declaro abertos os debates e exijo franqueza absoluta. *A Grucha.* Especialmente de ti.

PRIMEIRO ADVOGADO Colendo Tribunal! O sangue, no dizer do povo, é mais espesso do que a água. Essa velha sabedoria...

AZDAK O Tribunal deseja saber quais são os honorários do advogado.

PRIMEIRO ADVOGADO *admirado* Como disse? *Azdak, com ar amável, esfrega o polegar no indicador.* Ah, sim, quinhentas piastras, Excelência, para responder à pergunta insólita do Tribunal.

AZDAK Ouviram? A pergunta é insólita. Faço-a porque ouço de maneira inteiramente diversa, sabendo que o senhor está bem de fortuna.

PRIMEIRO ADVOGADO *inclinando-se* Obrigado, Excelência. Colendo Tribunal! Os laços do sangue são os mais fortes de todos os laços. Mãe e filho, haverá união mais estreita? Pode-se arrancar a uma mãe o seu filho? Colendo Tribunal! Ela concebeu nos sagrados êxtases do amor, carregou-o no seu corpo, alimentou-o com o seu sangue, deu à luz com dores. Colendo Tribunal! Já se viu a própria fêmea do tigre, quando despojada de seus filhotes, errar sem descanso pelas montanhas, e reduzida a uma sombra do que era, de tão magra. A natureza mesma...

AZDAK *interrompendo-o, a Grucha.* Que tens a opor ao que disse e ainda dirá o Advogado?

GRUCHA O menino é meu.

AZDAK É tudo? Espero que o possas provar. Em todo caso, aconselho-te a explicar-me por que razão entendes que eu te deva adjudicar a criança.

GRUCHA Criei ele da melhor maneira possível, sempre arranjei algo de comer pra ele. A maior parte do tempo teve abrigo de um teto, e eu tomei sobre mim toda a sorte de dificuldades e todas as despesas. Não olhei para a minha tranqüilidade. Habituei o menino a se comportar bem com todo mundo, e a trabalhar tanto quanto lhe permitia a idade, ele é ainda tão pequenino.

PRIMEIRO ADVOGADO Excelência, é significativo que ela mesma não invoque nenhum laço de sangue com a criança.

AZDAK O Tribunal toma conhecimento.

PRIMEIRO ADVOGADO Obrigado, Excelência. Permita Vossa Excelência que uma mulher profundamente acabrunhada, que já perdeu o esposo e agora receia perder o filho, dirija algumas palavras a Vossa Excelência. Cara senhora Natella Abaschvíli...

MULHER DO GOVERNADOR *em voz sumida* Um destino bem cruel, Senhor Juiz, me obriga a pedir-lhe que me seja restituído

o meu filho querido. Não cabe a mim descrever o suplício moral de uma mãe esbulhada, os transes, as noites passadas em claro, as...

SEGUNDO ADVOGADO *explodindo* É inaudito o procedimento que tiveram para com esta mulher. Impediram-lhe a entrada no palácio de seu marido, privaram-na dos rendimentos de seus bens, disseram-lhe friamente que eles estavam vinculados à pessoa de seu herdeiro, ela nada podia fazer sem ele, não podia pagar seus advogados! *Ao primeiro Advogado, que desesperado com a explosão do colega lhe faz sinais frenéticos para que ele se cale.* Caro Illo Schuboladze, por que não declarar, em alto e bom tom, que se trata afinal de contas da herança dos bens de Abaschvíli?

PRIMEIRO ADVOGADO Por favor, meu caro Sandro Oboladze! Nós havíamos combinado... *A Azdak.* Evidentemente, é fato que o resultado do processo irá também decidir se a nossa nobre cliente poderá dispor dos vultosíssimos bens da sucessão Abaschvíli, mas muito intencionalmente digo. Também, porque, como declarou Natella Abaschvíli no começo do seu tocante depoimento, em primeiro lugar está a tragédia humana de uma mãe. Ainda que Miguel Abaschvíli não fosse o herdeiro dos bens, seria sempre o filho adorado da minha cliente!

AZDAK Um momento! O Tribunal sabe ver na alusão à herança um testemunho de humanidade.

SEGUNDO ADVOGADO Obrigado, Excelência. Meu caro Illo Schuboladze, em todo caso podemos provar que a pessoa que se apossou do menino não é a mãe dele. Permita-se-me expor ao Tribunal os fatos em toda a sua nudez. Por ocasião da fuga de sua mãe

o menino Miguel Abaschvíli, por um infeliz encadeamento de circunstâncias, ficou no palácio. A tal Grucha, que trabalhava lá como ajudante de cozinheira, estava presente naquele Domingo de Páscoa e foi vista rondando ali, de olho no menino...

COZINHEIRA A madama só pensava nos vestidos que ia levar!

SEGUNDO ADVOGADO *imperturbável* Cerca de um ano depois, a tal Grucha apareceu numa aldeia das montanhas com um menino e contraído o matrimônio com...

AZDAK Como foi que chegaste a essa aldeia?

GRUCHA A pé, Excelência, e o menino é meu.

SIMÃO Eu sou o pai, Excelência.

COZINHEIRA O menino ficou a meu cuidado por cinco piastras, Excelência.

SEGUNDO ADVOGADO Este homem, Colendo Tribunal, é o noivo da Grucha, e suas declarações não merecem nenhum crédito.

AZDAK Foste tu que a desposaste na aldeia?

SIMÃO Não, Excelência. Ela se casou com um camponês.

AZDAK *fazendo sinal a Grucha* Por quê? *Apontando Simão.* Ele não vale nada na cama? Fala a verdade.

GRUCHA Não chegamos até lá, Excelência. Me casei por causa do menino, pra dar a ele um teto. *Apontando Simão.* Ele estava na guerra, Excelência.

AZDAK E agora ele ainda quer saber de ti?

GRUCHA *com raiva* Agora eu não sou mais livre, Excelência.

SIMÃO Desejo que conste no processo que....

AZDAK E o menino, ao que afirmas, é um filho das ervas. *Grucha não responde.* Responde à minha pergunta: que espécie de menino é ele? Um bastardo da rua, maltrapilho ou criança de família rica?

GRUCHA *de mau humor* Um menino como os outros.

AZDAK Compreendo. Manifestou ele precocemente algum sinal de refinamento?

GRUCHA Um nariz no meio da cara.

AZDAK Um nariz no meio da cara. Eis uma resposta que considero importante. Contam a meu respeito que um dia, antes de pronunciar a sentença, eu saí para respirar o cheiro de uma roseira. São expedientezinhos de ofício e que neste momento se fazem necessários. Vou acabar com isto, não quero mais ouvir mentiras. *A Grucha.* Particularmente as tuas. Posso muito bem imaginar (*ao grupo das partes*) as tramóias que vocês me arranjaram, conheço-os. Vocês são uns tratantes.

GRUCHA *bruscamente* Acredito que tenha pressa de acabar depois que recebeu o dinheiro.

AZDAK Cala-te! Acaso recebi alguma coisa de ti?

GRUCHA *não obstante a Cozinheira tenha querido contê-la* Não recebeu porque eu não tenho nada.

AZDAK Isso! De vocês que vivem com a barriga no espinhaço não me vem nada, e eu podia morrer de fome. Vocês querem a justiça, mas querem pagar? Quando vocês vão ao açougue sabem que têm que pagar, mas ao Tribunal vão como se fossem a uma comezaina de enterro.

SIMÃO *alto* "Quando se vai ferrar o cavalo, o escaravelho do cavalo estende logo as pernas."

AZDAK *aceitando gostosamente o desafio* "Mais vale achar um tesouro no esgoto do que um seixo na fonte."

SIMÃO "Bonito dia para uma pesca! Vamos pescar? Diz o pescador para a minhoca."

AZDAK "Sou senhor de mim mesmo, diz o servo, e corta fora o pé."

SIMÃO "Gosto de vocês como um pai, diz o Czar aos camponeses, e manda decapitar os czareviches."

AZDAK "O pior inimigo do louco é ele próprio."

SIMÃO Mas "o peido não tem narinas"!

AZDAK Dez piastras de multa por linguagem inconveniente perante o Tribunal, para que aprendas o que é justiça.

GRUCHA Bonita justiça! A nós pune porque não sabemos falar difícil como ela (*apontando a Mulher do Governador*) e os seus advogados.

AZDAK É isso mesmo. Vocês são estúpidos demais. Merecem levar na cabeça.

GRUCHA É porque queres entregar àquela ali o menino, mas ela é tão fina, tão delicada que com certeza nunca soube como se muda a fralda de um bebê! De justiça tu entendes tanto quanto eu, esta que é a verdade.

AZDAK De fato há um pouco de verdade no que estás dizendo. Sou um homem sem instrução, visto calça furada debaixo da toga, olha só tu mesma. Comigo tudo se vai em comida e bebida, fui educado numa escola de convento. Aliás, te multo também em dez piastras por ofensa ao Tribunal. E além do mais, é preciso que sejas uma imbecil completa para te indispores assim contra ti, em vez de te requebrar os olhos pra mim, de mexeres um pouco os quadris a fim de me pôr uma disposição favorável. Vinte piastras.

GRUCHA E que fossem trinta, eu havia de dizer o que penso de tua justiça, esponja borracha. Como ousas tomar ares para cima de mim como se fosses o profeta Isaías, saído de uma janela de igreja? Quando te tiraram do corpo de tua mãe, foi pra passares carão nela

se acontecesse ela estar bebendo uma xicarazinha de chá? E não tens vergonha quando me vês tremendo diante de ti? Mas tu te fizeste criado deles pra que não lhes tomem as casas, porque elas foram roubadas desde quando as casas pertencem aos percevejos? Mas tu vives de espionar, sem o que eles não podiam pegar homens para guerra, seu vendido! *Azdak levanta-se. Começa a ficar radiante. Com o seu martelinho bate de manso, como para restabelecer o silêncio, mas as injúrias de Grucha continuam. E ele se limita finalmente a marcar o compasso.* Não me metes medo mais que um ladrão ou um bandido com a sua faca, ele faz o que quiser. Podes me tomar o menino, as probabilidades são cem contra uma, mas uma coisa te digo: pra ocupações como a tua deviam escolher só violadores de crianças e agiotas como punição, para que eles sejam forçados a se fazer de respeitáveis aos olhos de seus semelhantes, o que é pior pra eles do que espernear na corda de uma forca.

AZDAK *sentando-se* Agora são trinta, e não continuarei a discutir contigo como se estivéssemos numa taverna. Que seria da minha dignidade de juiz? De qualquer forma, teu caso não me interessa mais. Onde estão os dois pleiteantes de divórcio? *A Schauva.* Conduza-os até aqui. Este julgamento será adiado por um quarto de hora.

PRIMEIRO ADVOGADO *enquanto Schauva sai* Se não acrescentarmos mais nada, temos a sentença no bolso, minha senhora.

COZINHEIRA *a Grucha* Puseste ele contra ti. Agora vai tirar o menino.

MULHER DO GOVERNADOR Schauva, os meus sais.

Entra um velho casal.

AZDAK As custas. *Os velhos não compreendem.* Ao que me disseram, querem se separar, não é verdade? Estão juntos há quanto tempo?

VELHO Há quarenta anos, Excelência.

AZDAK E por que querem se separar?

VELHO Não simpatizamos um com o outro, Excelência.

AZDAK Desde quando?

VELHO Desde sempre.

AZDAK Vou refletir sobre o requerimento e darei a sentença quando tiver terminado o outro julgamento. *Schauva leva-os para o fundo da sala.* Preciso do menino. *Faz sinal a Grucha para que ela se aproxime e inclina-se para ela sem severidade.* Verifiquei que tens um certo senso da justiça. Não acredito em tua palavra quando dizes que ele é teu filho. Mas se ele fosse teu, mulher, não gostarias que fosse rico? Para isso, bastaria dizeres que não é teu. E imediatamente teria ele um palácio, uma porção de cavalos em suas cavalariças, numerosos mendigos à sua porta, e muitos soldados a seu serviço, e muitos solicitantes na sua ante-sala, não é verdade?

Grucha não responde.

O RECITANTE
Ouvi o que ela, furiosa, pensava e não disse <*canta*>:

De sapatos dourados ele
Sobre os fracos pisara firme.
Pudera ser um malvado
E ao mesmo tempo sorrir-me.

Certo, um coração de pedra
É fardo muito pesado:
E é por demais fatigante
Ser senhor e ser malvado.

Da fome, não dos famintos
Tenha medo, assim como há de
Ter medo da escuridão,
Não porém da claridade.

AZDAK Creio que te compreendo, mulher.

GRUCHA Não entrego mais ele. Foi criado por mim e me conhece.

Schauva entra com o menino.

MULHER DO GOVERNADOR Todo esfarrapado!

GRUCHA Não é verdade. Não me deram tempo pra vestir ele com a camisinha boa.

MULHER DO GOVERNADOR Ele vivia num chiqueiro!

GRUCHA *zangando-se* Não sou porco, mas conheço uma certa porca! Onde deixaste o teu filho?

MULHER DO GOVERNADOR Vais me pagar, sua ordinária! *Quer atirar-se contra Grucha, mas os seus Advogados a contêm.* É uma criminosa, precisa morrer de pancada!

SEGUNDO ADVOGADO *tapando-lhe a boca* Cara Natella Abaschvíli, a senhora prometeu... Excelência, os nervos da querelante...

AZDAK Querelante e querelada: o Tribunal ouviu-as e não chegou a nenhuma convicção sobre quem é a verdadeira mãe deste menino. A mim, como juiz, incumbe o dever de escolher uma mãe para o menino. Farei uma prova. Schauva, traz-me um pedaço de giz. Traça um círculo no chão. *Schauva traça um círculo com giz no chão.* Coloca o menino dentro. *Schauva obedece e o menino sorri para Grucha.* Querelante e querelada, coloquem-se as duas junto ao círculo! *As duas mulheres vão para junto do círculo.* Agarre cada qual uma mão do menino. Cada uma puxe para seu lado e a verdadeira mãe será a que tirar o menino para fora do círculo.

SEGUNDO ADVOGADO *vivamente* Colendo Tribunal, oponho-me a que o destino da vultosa sucessão Abaschvíli, que está ligada à pessoa do herdeiro, dependa de um duelo tão aleatório. E mais: minha cliente não dispõe de tanta força quanto esta mulher que está habituada a executar trabalhos físicos.

AZDAK Ela me parece bem alimentada. Puxem!

A Mulher do Governador puxa o menino para fora do círculo e Grucha, que o soltou, olha petrificada.

PRIMEIRO ADVOGADO *felicitando a sua cliente* Eu não dizia, os laços de sangue...

AZDAK *a Grucha* Que tens que não puxaste?

GRUCHA Eu não lhe tinha segurado bem. *Corre para Azdak.* Excelência eu retiro tudo que disse do senhor, peço-lhe perdão. Se eu pudesse ficar com ele ao menos até que ele conheça todas as palavras. Ele só sabe umas poucas.

AZDAK Não tente influenciar o Tribunal! Aposto que tu mesma não conheces senão umas vinte. Bem, repitamos a prova, mas desta vez definitivamente. Puxem!

As duas mulheres retomam posição. Grucha novamente larga a mão da criança.

GRUCHA *desesperada* Criei ele! Não quero fazer ele sofrer, não posso!

AZDAK *levantando-se* E com isto averiguou o Tribunal quem é a verdadeira mãe. *A Grucha.* Toma teu filho e vai-te embora com ele. *À Mulher do Governador.* E tu, desaparece antes que eu te condene por impostura. Os bens serão adjudicados à cidade a fim de se construir um parque infantil, coisa de que as crianças estão precisando muito, e determino que ele se chame, em minha memória, "O Jardim de Azdak".

A Mulher do Governador, que desmaiou, é levada para fora pelo Oficial de Ordenança. Os Advogados já haviam saído antes. Grucha permanece imóvel. Schauva entrega-lhe o menino.

AZDAK Pois eu dispo a toga, que já começa a me queimar a pele. Não aspiro a ser herói. Primeiro, porém, convido-vos para uma dançazinha no gramado lá fora, como despedida. Ah, e com tudo isto ia-me esquecendo de uma coisa: o processo do divórcio.

Servindo-se da cadeira como mesa, escreve algumas coisas num papel e prepara-se para sair. Lá fora já principiou a música para a dança.

SCHAUVA *depois de ter lido o papel* Mas não está certo. O senhor não desquitou os dois velhos e sim Grucha e o marido.

AZDAK Desquitei os que não devia desquitar? Lamento muito, mas fica como está, não voltarei atrás, seria contra a boa ordem. Para compensá-los, convido-os para minha festa, venham dançar, fará bem a ambos. *A Grucha e Simão.* E vocês dois. E vocês dois passem pra cá quarenta piastras.

SIMÃO *sacando a carteira* É barato, Excelência, e muito obrigado.

AZDAK *embolsando o dinheiro* Vai-me ser útil.

GRUCHA O melhor é deixarmos a cidade antes de anoitecer, hein Miguel? *Quer tomar o menino às costas. A Simão.* Gostas dele?

SIMÃO *tomando o menino às costas* Tenho a honra de participar que gosto.

GRUCHA E agora vou te dizer uma coisa. Tomei conta dele porque naquele Domingo de Páscoa fiquei noiva de ti. De maneira que ele é um filho do amor. Miguel, Miguel vamos dançar.

Dança com Miguel. Simão agarra a Cozinheira e dança com ela. Os dois velhos dançam também. Azdak, pensativo, não se move. Com pouco, os pares aumentando, ele é visto só de raro em raro.

RECITANTE

E depois dessa tarde Azdak desapareceu e nunca mais foi visto.
Mas o povo da Geórgia não o esqueceu e por muito tempo ainda
[relembrou
Os dias em que ele foi juiz como uma curta idade de ouro para
[a justiça.

Os pares deixam a cena dançando. Azdak desapareceu.

Vós, porém, que ouvistes a história do Círculo de Giz,
Segui o conselho dos velhos:
As coisas devem caber aos que as sabem fazer melhor.
As crianças, às mulheres de coração maternal, para que sejam bem
[criadas.
Os carros, aos bons condutores, para que a viagem seja boa,
E o vale, aos que o abasteçam de água, para que as colheitas sejam
[abundantes.

Apêndice

Aos que vierem depois de nós[1] por Bertolt Brecht

I

Realmente, vivemos tempos sombrios!
A inocência é loucura. Uma fronte sem rugas
denota insensibilidade. Aquele que ri
ainda não recebeu a terrível notícia
que está para chegar.

Que tempos são estes, em que
é quase um delito
falar de coisas inocentes.
Pois implica silenciar tantos horrores!
Esse que cruza tranqüilamente a rua
não poderá jamais ser encontrado
pelos amigos que precisam de ajuda?

1 Publicado no programa de *O círculo de giz caucasiano* do TNC do RJ, 1963. (N. E.)

É certo: ganho o meu pão ainda.
Mas acreditai-me: é pura casualidade.
Nada do que faço justifica
que eu possa comer até fartar-me.
Por enquanto as coisas me correm bem (se a sorte me abandonar,
[estou perdido).

E dizem-me: "Bebe, come! Alegra-te pois tens o quê!"
Mas como posso comer e beber,
se ao faminto arrebato o que como,
se o copo de água falta ao sedento?
E todavia continuo comendo e bebendo.

Também gostaria de ser um sábio.
Os livros antigos nos falam da sabedoria:
é quedar-se afastado das lutas do mundo
e, sem temores,
deixar correr o breve tempo. Mas
evitar a violência,
retribuir o mal com o bem,
não satisfazer os desejos, antes esquecê-los
é o que chamam sabedoria.
E eu não posso fazê-lo. Realmente,
vivemos tempos sombrios.

II

Para as cidades vim em tempos de desordem,
quando reinava a fome.
Misturei-me aos homens em tempos turbulentos
e indignei-me com eles.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

Comi o meu pão em meio às batalhas.
Deitei-me para dormir entre os assassinos.
Do amor me ocupei descuidadamente
e não tive paciência com a Natureza.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

No meu tempo, as ruas conduziam aos atoleiros.
A palavra traiu-me ante o verdugo.
Era muito pouco o que eu podia. Mas os governantes
se sentiam, sem mim, mais seguros – espero.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

As forças eram escassas. E a meta
achava-se muito distante.
Pude divisá-la claramente,
ainda quando parecia, para mim, inatingível.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

É certo: ganho o meu pão ainda.
Mas acreditai-me: é pura casualidade.
Nada do que faço justifica
que eu possa comer até fartar-me.
Por enquanto as coisas me correm bem (se a sorte me abandonar,
[estou perdido).

E dizem-me: "Bebe, come! Alegra-te pois tens o quê!"
Mas como posso comer e beber,
se ao faminto arrebato o que como,
se o copo de água falta ao sedento?
E todavia continuo comendo e bebendo.

Também gostaria de ser um sábio.
Os livros antigos nos falam da sabedoria:
é quedar-se afastado das lutas do mundo
e, sem temores,
deixar correr o breve tempo. Mas
evitar a violência,
retribuir o mal com o bem,
não satisfazer os desejos, antes esquecê-los
é o que chamam sabedoria.
E eu não posso fazê-lo. Realmente,
vivemos tempos sombrios.

II

Para as cidades vim em tempos de desordem,
quando reinava a fome.
Misturei-me aos homens em tempos turbulentos
e indignei-me com eles.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

Comi o meu pão em meio às batalhas.
Deitei-me para dormir entre os assassinos.
Do amor me ocupei descuidadamente
e não tive paciência com a Natureza.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

No meu tempo, as ruas conduziam aos atoleiros.
A palavra traiu-me ante o verdugo.
Era muito pouco o que eu podia. Mas os governantes
se sentiam, sem mim, mais seguros – espero.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

As forças eram escassas. E a meta
achava-se muito distante.
Pude divisá-la claramente,
ainda quando parecia, para mim, inatingível.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

III

Vós, que surgireis da maré
em que perecemos,
lembrai-vos também,
quando falardes das nossas fraquezas,
lembrai-vos dos tempos sombrios
de que pudestes escapar.

Íamos, com efeito,
mudando mais freqüentemente de país
do que de sapatos,
através das lutas de classes,
desesperados,
quando havia só injustiça e nenhuma indignação.

E, contudo, sabemos
que também o ódio contra a baixeza
endurece as feições;
que também a cólera contra a injustiça
enrouquece a voz. Ah, os que quisemos
preparar terreno para a bondade
não pudemos ser bons.

Vós, porém, quando chegar o momento
em que o homem seja bom para o homem,
lembrai-vos de nós
com indulgência.

Tradução de Manuel Bandeira

Os recortes de jornais colados ao *Diário de trabalho* funcionam menos como marcos documentais que como peças de uma colagem. Um deles, colado à nota de 20.1.45, faz pensar no prólogo de *O círculo de giz* e no horizonte futuro da peça.

Do *Diário de trabalho* de Bertolt Brecht

O *Diário de trabalho* que Brecht mantém do final da década de 1930 até quase o fim da vida permite acompanhar as origens e os percalços de *O círculo de giz caucasiano*. Como o autor é pouco afeito ao confessionalismo, o diário diz pouco ou nada sobre as "fontes profundas" de sua dramaturgia e favorece um estilo de reflexão *objetiva* sobre a arquitetura e o sentido da peça – o que, por si só, já destoa das convenções de um gênero que se pretende tão *íntimo*. A seguir, reproduzimos alguns trechos do diário que documentam a redação do *Círculo de giz* e dão prova da lucidez criativa de Brecht.[1]

Em março de 1944, por intermédio da atriz Luise Rainer, Brecht assina um contrato com produtores da Broadway para escrever O círculo de giz caucasiano*; pouco mais tarde, em 10 de abril, anota:*

1 De *Arbeitsjournal 1938-1954* (Berlim: Aufbau, 1977). A editora Rocco inicia uma edição integral do *Diário de trabalho* a partir de junho de 2002. [N. E.]

"trabalho em O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO. interessante notar o quanto essa tesoura da 'arte' e da 'tarefa' é capaz de destruir. não tenho gosto de escrever nesse espaço vazio e despido de desejo."

Nos anos de 1938 e 1939, exilado na Dinamarca, Brecht tentara uma primeira abordagem do tema do círculo de giz e do julgamento salomônico. Nessa versão, que não passou do estágio inicial e fragmentário, Brecht fizera do juiz o pivô de toda a ação. Em 1944, a figura de Azdak é a primeira a lhe chamar a atenção, como se vê pela entrada de 8 de maio daquele ano:

"as dificuldades com a caracterização de *azdak* me detiveram por duas semanas, até que encontrasse o fundamento social da sua conduta. no começo, tinha apenas sua legislação miserável, com a qual os pobres se davam bem. sabia que não devia mostrar, por exemplo, que se deve torcer o direito vigente para que se faça a justiça, mas sim que mesmo vereditos descuidados, ineptos e até ruins podem render alguma coisa para aqueles que realmente precisam de justiça. é por isso que *azdak* tinha que ter traços egoístas, amorais e parasitários, tinha que ser o mais baixo e mais degenerado dos juízes. mas ainda me faltava uma causa elementar de ordem social. encontrei-o em sua decepção ao perceber que a queda dos velhos senhores não anuncia um novo tempo, mas um tempo de novos senhores. assim, ele continua a praticar o direito burguês, só que esfarrapado, sabotado, no exclusivo interesse do próprio juiz. mas é claro que essa explicação não muda nada das minhas intenções e não justifica *azdak*."

A inquietação de abril de 1944 toma forma concreta num encontro com um dos produtores americanos, que reprova a falta de suspense na peça. Provavelmente instigado pelo entrevero, Brecht redige uma breve reflexão

sobre o suspense na dramaturgia, onde se lê que o afã de "causar efeito" sufoca a arte narrativa e talvez derive da suspeita de que não há nada a se contar. Ao contrário, o ritmo peculiar do Círculo de giz *procura fazer jus a sua matéria tão rica.*[2] *Leia-se a anotação de 28 de maio:*

"parece até que estou escrevendo uma peça para a estepe tunguz. GORELIK esteve aqui ontem, com um producer-writer de nome auerbach, um americano que ele tem em razoável conta. winge narra a trama do C[ÍRCULO DE] G[IZ CAUCASIANO]. G[ORELIK] faz perguntas sobre o sentido, depois tentam criticar a construção. onde está o conflito, a tensão, carne e sangue etc. etc.? tento falar da construção complicada e engenhosa de hamlet, so what, e daí que hamlet não tem construção (o que será que moss hart entende por construção?). ao entrarem no carro com winge, dizem: 'ele nunca vai fazer sucesso. não sabe suscitar emoções, não há nenhuma identificação, e aí ele faz uma teoria sobre isso, he is crazy and gets worse'. a prostituição desses 'artists' é completa. a puta vende o 'efeito' nu e cru, é bem paga para isso, uma vez que o cliente é impotente. o interesse que o público parece dedicar à vida é idêntico ao do usurário, devia chamar-se 'juros'."

Em 6 de junho de 1944, Brecht dá seu trabalho por concluído e remete a peça para Luise Rainer, mas não tarda a nutrir dúvidas quanto ao resultado final. No dia 15 do mesmo mês, ele declara:

"já não estou satisfeito com a grucha do C[ÍRCULO DE] G[IZ CAUCASIANO]. ela devia ser simplória, uma besta de carga. devia

2 Cf. "Die Spannung", in *Schriften 4*, vol. 24 da *Grosse komentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe* (Berlim/Frankfurt: Aufbau/Suhrkamp, 1991), pág. 341.

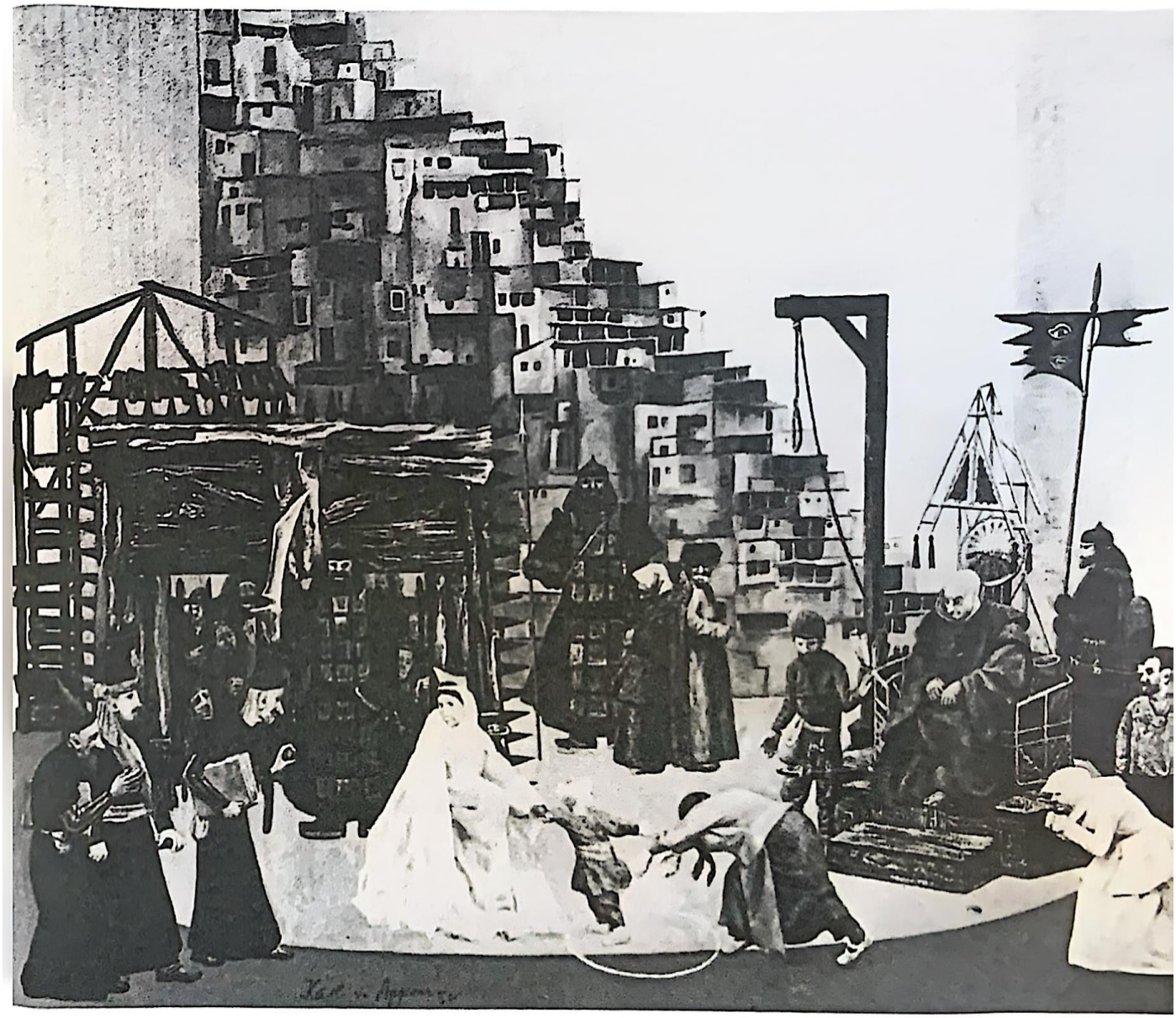
ser mais cabeçuda que rebelde, mais dócil que bondosa, mais resistente que incorrompível, e assim por diante. essa simplicidade não devia passar por 'sabedoria' (como quer o chavão), pois devia ser inteiramente condizente com a índole prática, até mesmo com a astúcia e o tino para as qualidades humanas. na medida em que carrega o selo do atraso de sua classe, grucha não devia se prestar tão facilmente à identificação [dos espectadores], para assim, em certo sentido, figurar objetivamente como personagem trágica ('o sal da terra')."

O papel de mediação do cantor é central para o caráter épico da peça; numa nota cênica de 1944, Brecht sugere que ele se apresente em trajes ocidentais, para evitar todo folclorismo exagerado.[3] *Em 3 de julho, ele explicita a função do cantor:*

"no C[ÍRCULO DE] G[IZ CAUCASIANO], eu me vali da ficção de que é o *cantor* que apresenta o conjunto da peça, isto é, ele se apresenta sem trupe; as cenas são apenas encarnações dos acontecimentos cruciais de sua narrativa. ainda assim, o ator deve agir como se fosse o diretor de uma trupe: bate com seu martelinho no chão antes de cada cena, mostra claramente que vigia os acontecimentos em pontos específicos, para saber a hora de sua próxima intervenção, e assim por diante. isso é necessário para que se evite um ilusionismo embriagante."

Em 1949, ano da fundação de sua companhia teatral, o Berliner Ensemble, Brecht preocupa-se com a formação de um repertório dramatúrgico.

3 Cf. "Vorspiel", in *Schriften 4*, vol. 24 da *Grosse komentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe* (Berlim/Frankfurt: Aufbau/Suhrkamp, 1991), pág. 344.



Em 9 de novembro, ele escreve:

"os alemães têm poucas peças de repertório genuínas, isto é, peças que podem ser apresentadas quase sempre, por serem de tema bastante geral e oferecerem aos teatros a ocasião de pôr em prática suas habilidades mais gerais. propriamente falando, só há o FAUSTO. de resto, recorre-se às óperas e a shakespeare. das minhas peças, suponho que apenas a ÓPERA DOS TRÊS VINTÉNS e O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO possuem esse caráter."

No fim de 1953, Brecht começa a trabalhar na primeira montagem alemã, que estrearia em outubro do ano seguinte. Em 7 de fevereiro de 1954, Brecht registra sua admiração pelos dois atores principais:

"em nossa época, papéis como azdak e grucha não podem ser obra do trabalho de direção. foram precisos nada menos que cinco anos no B[ERLINER] E[NSEMBLE] para a excepcional angelica hurwicz. e a vida inteira de busch, da infância na hamburgo proletária, passando pelas lutas na república de weimar e na guerra civil espanhola, até as amargas experiências depois de 45, foi necessária para extrair o seu azdak."

Tradução de Christine Röhrig e Samuel Titan Jr.

O círculo de giz caucasiano[1] por Roland Barthes

O círculo de giz caucasiano é, certamente, uma das peças mais importantes do teatro de Brecht, que já conta com algumas obras-primas. Sua amplitude, sua beleza, a mistura de simplicidade e de sutileza de seu argumento, a generosidade de sua intenção, o sentido positivo de sua conclusão, a encenação perfeita, tudo é feliz nesta obra, que realiza a dupla intenção do teatro de Brecht: despertar e alimentar a consciência política do espectador e, ao mesmo tempo, garantir seu prazer mais franco, pois o teatro é feito para divertir.

A obra, composta como uma longa narrativa, compreende três histórias diferentes, ligadas entre si por laços sutis. A primeira história é exposta no prólogo – dois colcoses caucasianos discutem amigavelmente sobre a exploração de um pedaço de terra:

1 Publicado originalmente em *Europe*, agosto-setembro de 1955, por ocasião da turnê parisiense do Berliner Ensemble com *O círculo de giz caucasiano*, encenado por Brecht. [N. E.]

quem deverá cultivá-la? É a essa pergunta que a peça propriamente dita responde, representada diante dos trabalhadores dos dois colcoses, como um auto moral. Essa moral é retirada de uma velha lenda chinesa, "um pouco adaptada", como diz maliciosamente um dos narradores. Trata-se, com efeito, de um apólogo que guarda uma analogia formal com o conhecido julgamento de Salomão. Mas essa forma antiga recebe aqui um conteúdo novo, que lhe confere valor. A peça na verdade se compõe de duas histórias diferentes que convergem apenas no final e se iluminam com uma significação inteiramente moderna.

A primeira parte apresenta a história de Grucha, a cozinheira do Governador de Grusinia. Durante uma revolta palaciana, ela acolhe o filho do Governador, indignamente abandonado por sua própria mãe. Grucha foge com ele, o salva de mil emboscadas e o cria com amor, até o dia em que uma nova revolução devolve à mãe natural os direitos sobre a criança. Ela que vem reclamá-la para cinicamente recuperar a herança de seu marido, o Governador decapitado. É nesse momento que se insere na trama da narrativa a segunda história (numa espécie de *flashback*, procedimento narrativo a que o cinema nos acostumou). Essa segunda história é, de certa forma, a biografia de Azdak, um trapaceiro sutil e simpático, feito juiz por uma inversão de situação. Azdak profere vereditos saborosos, inesperados, de profundo bom senso, mas sem nenhuma base na legalidade. Ora, é precisamente Azdak que terá que distinguir entre as duas mães: a mãe de sangue e a mãe de criação. Ele o fará por meio de um símbolo material, o do círculo de giz. A criança disputada é colocada dentro do círculo e cada uma das duas mães deve puxá-la para si. Naturalmente, é Grucha, a mãe de coração, que solta a criança, por medo de machucá-la, e é a ela que Azdak concede a criança, dando

assim aos camponeses dos colcoses o exemplo de um julgamento fundado não no direito formal e eterno, mas na compreensão exata da História.

Ao longo do fio narrativo, a obra desenvolve episódios dramáticos de força e vida admiráveis: ora cômica, ora delicada, ora vingativa, ora maliciosa, mas sempre profundamente calorosa. A peça seduz sem cessar por uma humanidade autêntica, que jamais se presta às imposturas dos "bons sentimentos", mas sabe encontrar em cada situação a via de uma moral concreta, de uma solidariedade efetiva, e não apenas nominal, entre os homens. Citarei alguns grandes momentos, cujo efeito foi particularmente sensível aos espectadores parisienses: a fuga de Grucha para as montanhas, de uma delicadeza tão rude, tão pouco melodramática, e no entanto tão pura; a cena do riacho, na qual Grucha e seu noivo, o soldado Simão, se encontram num diálogo de um pudor desconcertante; o casamento de Grucha com um camponês falsamente moribundo, quadro em que a verve e a sátira arrebatam um riso libertador; a eleição de Azdak pelos Couraceiros, quando o caráter de Azdak, pedra angular do edifício dramático, se desenha com tanta sedução.

Naturalmente, uma certa crítica incapaz de negar o sucesso do espetáculo apressou-se a acusar seu aspecto formal, para melhor escamotear o conteúdo político. Deformação contra a qual protestam não apenas toda a vida de Brecht, toda sua obra e seu pensamento, mas ainda os próprios temas do *Círculo de giz*, visivelmente alimentados pelas lições do materialismo dialético. Há inicialmente o tema da bondade, daquilo que Brecht chama na própria peça "a terrível tentação da bondade". Como, numa sociedade má, ser bom sem fazer o jogo dos maus? Essa é uma questão central em quase todas as peças de Brecht. Há quase

sempre na origem do teatro de Brecht um ato bom, generoso, assumido espontaneamente por um indivíduo pobre, oprimido; e a obra consiste precisamente em nos mostrar como esse ato é pouco a pouco sufocado ou eliminado pela lógica implacável de uma sociedade bárbara. Grucha também cedeu à terrível tentação da bondade e, sem o veredito de Azdak, não escaparia de ser esmagada pelo direito formal dos senhores. Azdak é, de fato, o personagem que confere significado positivo à peça; é ele quem, de algum modo, recobra essa perigosa tentação da bondade, à qual cedeu Grucha. Ele só pode fazê-lo, aliás, ao preço de uma "ilegalidade": numa sociedade má, onde o direito formal não passa de uma hipocrisia a serviço dos poderosos, apenas um juiz trapaceiro pode tornar justa a justiça. O personagem de Azdak explicita brilhantemente a idéia de que à noção de Justiça eterna e mistificadora se opõe uma justiça concreta, adaptada às próprias contradições da História. Finalmente, existe no *Círculo de giz* uma última e grande lição, aquela que a moralidade transmite aos camponeses dos colcoses: é o trabalho, não o direito, que determina a propriedade; a terra pertence a quem a cultiva melhor; a natureza deve se submeter às necessidades dos homens.

Esta grande obra é, pois, uma obra de reconciliação, e mesmo os elementos propriamente bárbaros do mundo aqui descrito por Brecht têm um aspecto bem mais caricatural que horrível. Toda a encenação, ao mesmo tempo brilhante e refletida, visa ao deleite do espectador. As máscaras certamente causam estranheza, mas também fixam na sátira os traços dos poderosos ou de seus valetes. Os panos de fundo, leves, arejados, as cores do figurino, ao mesmo tempo douradas e opacas, a iluminação enfim, muito franca e constante do início ao fim da peça, sem jamais provocar um efeito de claro-escuro, tudo isso confere à obra a distância de

uma velha lenda muito clara, que nos é representada com verdade e beleza, sem que jamais tenhamos a tentação de nos perder no pitoresco ou no melodrama. Os atores são todos admiráveis, toda a imprensa o destacou: sua arte participa também dessa evidência e dessa simplicidade soberanas, que comovem o espectador na medida em que o tocam sem confundi-lo e lhe deixam toda sua liberdade de julgamento.

O sucesso do *Círculo de giz* foi total. Isto não quer dizer que algumas aprovações não tenham repousado sobre um equívoco. Mas pouco importa. O importante é que Brecht e o Berliner Ensemble tenham, pela segunda vez, conquistado o grande público parisiense e que este teatro "capital" se implante cada vez mais entre nós.

Tradução de Roberta Saraiva Coutinho

Sugestões de leitura

A obra de Brecht está bastante traduzida no Brasil. O nível das traduções varia. O *Teatro completo* foi publicado pela Paz e Terra, em doze volumes. Duas peças foram recentemente reeditadas mais recentemente: *A Santa Joana dos Matadouros* (São Paulo: Cosac & Naify, 2001) e *A decadência do egoísta Johann Fatzer* (São Paulo: Cosac & Naify, 2002), esta última na versão que lhe deu Heiner Müller. Para uma antologia dos escritos teóricos (há várias), ver *Estudos sobre teatro*, org. Siegfried Unseld (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978). O principal da poesia foi traduzido por Paulo César de Souza, *Poemas* (São Paulo: Brasiliense, 1986). Menos conhecidos, os romances são notáveis: *Os negócios do Senhor Julio César* (São Paulo: Hemus, 1970) e *O romance dos três vinténs* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976). Faz muita falta uma tradução dos *Diálogos sobre a compra do latão*, onde se encontra a formulação mais complexa das posições estético-políticas do autor. A editora Rocco começa a lançar uma edição do *Diário de trabalho (1938-1955)* a partir de junho de 2002.

O teatro épico, de Anatol Rosenfeld, é uma introdução primorosa ao teatro moderno, com ponto de fuga na obra de Brecht, cujas razões sistematiza e explica (São Paulo: Perspectiva, 1985). As relações entre a teoria brechtiana e a experimentação do Teatro de Arena nos anos 60 foram examinadas no calor da hora pelo mesmo Rosenfeld, em "Heróis e coringas", in *O mito e o herói no teatro moderno brasileiro* (São Paulo: Perspectiva, 1982). Fernando Peixoto oferece uma apresentação geral: *Brecht, vida e obra* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991). *Trabalho de Brecht*, de José Antonio Pasta Jr., discute as estratégias artísticas do autor em seu contexto contemporâneo (São Paulo: Ática, 1986). O *Brecht* de Gerd Bornheim (São Paulo: Graal, 1992) expõe com amplitude o itinerário e as idéias estéticas do dramaturgo. O percurso brasileiro do teatro épico foi sintetizado e analisado por Iná Camargo Costa, em *A hora do teatro épico no Brasil* (São Paulo: Graal, 1996). *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo* (São Paulo: Unesp, 1998), de Carlos Eduardo Jordão Machado, examina o entrelaçamento alemão de expressionismo e marxismo, de que Brecht fazia parte. Roberto Schwarz discute os "Altos e baixos da atualidade de Brecht", em *Seqüências brasileiras* (São Paulo: Cia. das Letras, 1999).

A bibliografia internacional alcançou números vertiginosos, que excluem uma sugestão de leitura passavelmente informada. Como introdução geral, pode-se ler John Willet, *O teatro de Brecht* (Rio de Janeiro: Zahar, 1977). Para uma informação completa, a monumental *Brecht Chronik 1898-1956*, de Werner Hecht (Frankfurt: Suhrkamp, 1997). O mesmo Hecht organizou o único volume inteiramente dedicado a *O círculo de giz – Brechts Theaterarbeit. Seine Inszenierung des Kaukasischen Kreidekreises 1954* (Frankfurt: Suhrkamp, 1985)–, onde recolhe textos do próprio

dramaturgo, do compositor Paul Dessau e de seus colaboradores imediatos, além das críticas e resenhas contemporâneas. A discussão da obra de Brecht deve os momentos altos – que são grandes momentos da crítica moderna – aos companheiros de geração. Ver especificamente os *Versuche über Brecht*, de Walter Benjamin; "Engagement", de T. W. Adorno, em *Noten zur Literatur III*; e, do mesmo autor, os momentos pertinentes da *Ästhetische Theorie* (com tradução pelas Edições 70, de Lisboa), a qual tem Brecht como uma referência central. O confronto entre Lukács, Bloch, Benjamin, Brecht e Adorno está documentado e discutido em *Aesthetics and politics*, org. Perry Anderson et al., prefácio de Fredric Jameson (Londres: New Left Books, 1977). Há um perfil do poeta traçado por Hannah Arendt, em *Homens em tempos sombrios* (São Paulo: Cia. das Letras, 1987). O romance de Peter Weiss, *Ästhetik des Widerstands*, ou Estética da resistência (Frankfurt: Suhrkamp, 1983), mostra Brecht em ação, no contexto da resistência antifascista.

Com o colapso da União Soviética, a obra brechtiana troca de pêlo mais uma vez. Para a retomada da discussão, ver Fredric Jameson, *O método Brecht* (Petrópolis: Vozes, 1999).

Há um documento curioso da estréia alemã de *O círculo de giz*: o CD *Brecht probiert Stücke: Der kaukasische Kreidekreis* [BMG 74321501792] traz um longo trecho dos ensaios dirigidos pelo próprio Brecht.

UNIVERSIDADE FEDERAL
Biblioteca
Comunitária
S. CARLOS